Um olhar fiel sobre o Alcorão

Índice

1. Introdução . . . 3
2. O Alcorão é um texto árabe da Bíblia . . . 7
3. Os princípios de estudo . . . 12
3.1 O regresso ao texto do Alcorão . . . 12
3.2 A busca do significado espiritual do texto . . . 13
3.3 A pedagogia divina na Inspiração . . . 18
3.4 A Unidade de Inspiração . . . 21
3.5 Comentário . . . 24
4. Pontos de discórdia . . . 25
4.1 A Trindade Divina, os Três Aspectos do Um e Único Deus . . . 26
4.2 O Messias e o seu título de Filho de Deus . . . 29
4.3 A Divindade do Messias . . . 32
4.4 A crucificação do Messias . . . 37
4.5 A falsificação da Bíblia . . . 42
4.6 A vida do Profeta Maomé . . . 48
5. Os principais pontos de encontro entre o Alcorão e o Evangelho . . . 56
5.1 O Messias . . . 56
5.2 A Virgem Maria . . . 59
5.3 A Mesa Celestial . . . 59
5.4 O Espírito . . . 61
6. Convite à Reflexão . . . 63
6.1 A carta a Heracles . . . 63
6.2 O Refúgio dos Muçulmanos na Etiópia . . . 64
6.3 Conclusão . . . 65

Duas aves da mesma espécie representando a Bíblia e o Alcorão

Este livro é traduzido pelo autor do original em árabe. Dirige-se a todos aqueles que se querem libertar do jugo do fanatismo imposto por tradições religiosas ultrapassadas e preconceitos arbitrários. É dedicado a todos os homens de boa fé, sedentos de verdade e justiça, em busca de fraternidade.

«**Tragam as vossas provas se forem sinceros**.»

(Alcorão 27; As Formigas,64)

—

DEDICAÇÃO

A MARIA,
A NOSSA MÃE A VIRGEM
MÃE DO MESSIAS,

NA FATIMA,
A MÃE DOS CRENTES,

E

AOS CRENTES INDEPENDENTES
DE TODOS OS RITOS, RELIGIÕES E RAÇAS.

1. Introdução

A maioria das pessoas acredita que existe uma diferença entre o Alcorão e a Bíblia. No entanto, a Inspiração Divina é uma da Bíblia e do Alcorão. Deus, que inspirou a Bíblia, o Antigo e o Novo Testamento, também inspirou o Alcorão. O Alcorão atesta a autenticidade da Bíblia. Portanto, a diferença não está na Inspiração mas na **interpretação**. Deus diz no Alcorão:

> «Vós que recebestes o Livro (a*Bíblia*) acreditais no que Deus enviou do céu (*o Alcorão*) **confirmando** o que está convosco (a*Bíblia*).» (Alcorão 4; Mulheres,47)

Este livro é um estudo sucinto do autêntico conceito de Inspiração Divina. Convida-se a abrir-se com fé à Inspiração do Alcorão. E através dela, ao Evangelho e à Torá[1], atestado pelo Alcorão.

É um olhar de fé sobre a Inspiração Divina em geral para reunir os crentes através da descoberta da **unidade da Inspiração Bíblica-Corânica**. De facto, o Alcorão confirma os seus dois predecessores, a Torá e o Evangelho, e testemunha que Deus é o único inspirador da Bíblia e do Alcorão:

> «. . . O nosso Deus e o vosso é Um só, e estamos submetidos a EleA palavra «submetidos» é a tradução da palavra árabe «muçulmano». O Islão significa Submissão (a Deus)..» (Alcorão 29; A Aranha,46)

No entanto, constatamos que as denominações religiosas têm dividido cristãos e muçulmanos pelas suas tradições herdadas de idade em idade. Esta divisão, devido a estas mesmas tradições humanas, não se limitou às comunidades muçulmana e cristã, mas espalhou-se dentro de cada uma destas comunidades irmãs, separando os cristãos dos cristãos e os muçulmanos dos muçulmanos. Portanto, peço ao leitor que se abra objectivamente ao conteúdo deste livro, elevando-se acima da mentalidade do rito a que pertence, indo além de qualquer mentalidade confessional estreita, porque o objectivo deste estudo é libertar-se do espírito de clã confessional e do racismo espiritual, inconscientemente infiltrado em cada um de nós. Só nos podemos libertar deste espírito insalubre através do **conhecimento do** que Deus **verdadeiramente** revelou nos Livros inspirados. Só este conhecimento nos pode libertar dos grilhões da tradição e dos preconceitos que se desviam dos ensinamentos da Bíblia e do Alcorão.

Estas tradições e preconceitos têm, com o tempo, passado pelas veias dos homens e são herdados de pai para filho, aceites sem qualquer discussão sobre a sua autenticidade ou correcção. Alguns «crentes» agarraram-se a eles ao ponto de matar qualquer adversário, considerando estas tradições vãs como absolutas intocáveis, sem sequer se certificarem da sua veracidade. Todos sofremos com este estado de coisas, desconhecendo que estas tradições não tinham fundamento divino.

Por conseguinte, é importante convencer-se da necessidade de regressar à Bíblia e ao Corão, a fim de perceber a verdade ou falsidade destes rumores espalhados por algumas pessoas para criar intrigas, como o Corão correctamente notou:

> «Ele é Quem vos enviou o Livro (*do Alcorão*)». Alguns dos versículos do Livro estão firmemente estabelecidos e contêm preceitos; são a base do Livro, outros são **alegóricos**. Aqueles que estão inclinados a errar nos seus corações agarram-se às alegorias para semear a **discórdia** e por vontade de as interpretar: mas **só Alá conhece a sua interpretação**. Aqueles que estão estabelecidos na ciência dirão: «Acreditamos no*Alcorão*, e tudo o que está nele é de Alá. Só os homens sensatos pensam» (Alcorão 3; Família de Imran,7)

Alguns líderes religiosos deram a si próprios o direito de monopolizar a interpretação da Inspiração Divina. No entanto, a Inspiração não é monopólio de nenhum homem. Segundo o versículo acima

[1] O Alcorão usa a palavra «Torah» para todos os Livros do Antigo Testamento.

mencionado: «só Deus conhece a sua interpretação», e é Ele, «Deus que guia» os Seus escolhidos, como o Corão também diz no capítulo XLII; A Deliberação,52.

De facto, só os estudiosos religiosos judeus se concederam o direito de interpretar a Bíblia, impedindo os crentes de aplicarem a Jesus as profecias messiânicas - por mais claras que sejam - nela contidas.

Os líderes religiosos e teólogos cristãos também monopolizam o direito de interpretar o Evangelho, recusando-se a aplicar as profecias explícitas nele contidas para denunciar a injusta entidade israelita, que é claramente o alvo destas profecias. Esta atitude culpável - que é uma contra testemunha de Jesus - deve-se à solidariedade dos cristãos para com Israel e o sionismo internacional, mas denunciada por S. João como o Anticristo vindouro (1 João 2:22).

Da mesma forma, muitos líderes e académicos muçulmanos monopolizam o direito de interpretar o Alcorão em favor de uma tradição fixa que lhes convém. Apresentam interpretações pessoais e não divinas que revelam um espírito fanático e separatista. Ao fazê-lo, impedem os homens de compreender os versos do Corão independentemente das suas concepções estreitas, tão distantes da intenção divina. Param nos versos «alegóricos» e interpretam-nos a seu favor «para semear a discórdia».

O Alcorão exige que os crentes abordem os temas sagrados a partir do conhecimento dos «**Livros da Luz**», tendo Deus inspirado os mesmos como guia. Portanto, o homem não deve seguir impensadamente qualquer sugestão que possa levar à dissensão sem recorrer a um «**Livro da Luz**», como ordenado pelo Alcorão:

> «Há homens que discutem Deus sem conhecimento; seguem cada diabo rebelde... Há homens que discutem Deus sem conhecimento, sem serem guiados por um Livro luminoso» (Alcorão 22; A Peregrinação,3 e 8)

É por isso que, na nossa discussão, recorremos a dois «Livros da Luz», a Bíblia e o Corão, para que a nossa fé não seja construída sobre as areias movediças dos rumores que nos fazem presa de «todos os demónios rebeldes» e fanáticos. Queremos construir a nossa fé sobre a rocha do conhecimento e da certeza. Então floresceremos porque seremos expostos aos raios que emanam da fonte divina, e não sujeitos a fábulas e tradições puramente humanas. Estes são susceptíveis de nos condenar, não tendo qualquer base nos «Livros da Luz». É por isso que têm sido um fracasso, produzindo os frutos amargos da divisão entre irmãos. A intenção divina, pelo contrário, é reunir os crentes pela Inspiração Única, não separá-los por tradições que Deus desaprova.

> «Senhor, abre o meu coração...» (Alcorão 20; Ta-ha,25)

O coração só pode florescer se se libertar do jugo da fé ignorante, fruto de tradições fixas. Se aspiramos à salvação, devemos abandonar esta fé insalubre para abraçar a verdadeira fé, aquela construída sobre o conhecimento dos «Livros da Luz». Este conhecimento será o nosso guia nas nossas discussões sobre assuntos divinos.

Para compreender a verdadeira espiritualidade do Islão, precisamos de estar conscientes do imenso abismo que separa o Corão da maioria dos muçulmanos. Este abismo é igualado apenas pelo abismo que separa a Bíblia da grande maioria dos judeus e cristãos. Os responsáveis por este abismo são os seguidores das tradições rituais e de culto, ansiosos por salvaguardar uma herança religiosa humana, um culto material em detrimento do culto «em espírito e em verdade» prescrito por Jesus (João 4:24).

O Profeta Maomé disse nas suas «Nobres Discussões»:

> «Chegará um momento para os homens em que o Alcorão permanecerá apenas o seu desenho e o Islão apenas o seu nome. Chamam-se a si próprios Islão e são os que estão mais afastados dele»

O falecido Xeque Muhammad Abdo também disse a este respeito:

> «O que vemos agora do Islão não é o Islão. As obras do Islão foram retidas apenas uma semblante de oração, jejum, peregrinação e poucas palavras **desviadas** em parte do seu significado. As pessoas chegaram à estagnação que mencionei por causa das heresias e fabulações que chegaram à sua religião, considerando-as como religião. Que Deus nos preserve destas pessoas e da sua calúnia de Deus e da Sua religião, porque tudo o que hoje em dia é censurado aos muçulmanos não pertence ao Islão. É algo mais a que se tem chamado Islão» (Do seu livro: «Islamismo e Cristianismo»)

O Messias, do mesmo modo, perguntou aos seus Apóstolos sobre a fé no fim dos tempos:

> «Encontrará o Filho do Homem, quando vier, fé na terra?» (Lucas 18:8)

Ele avisa-nos que o amor de Deus desaparecerá dos corações de muitos devido à injustiça e impiedade que prevalecerá no fim dos tempos (Mateus 24:12). Foi por isso que Ele avisou os crentes, dizendo:

> «Não dizendo-me: 'Senhor, Senhor', entrarão no reino dos céus, mas fazendo a vontade do meu Pai que está nos céus». Muitos (*falsos crentes*) dir-me-ão nesse dia (*ver-me zangado com eles*): Senhor, Senhor, não é em Teu nome que profetizamos? Em Teu nome expulsamos demónios? Em Teu nome temos feito muitos sinais? Então direi na cara deles: «Nunca vos conheci. Afastai-vos de mim, seus trabalhadores da iniquidade» (Mateus 7:21-23)

O Apóstolo Paulo também certifica nas suas cartas:

> «... que no final dos dias chegará um tempo de problemas... Os homens serão egoístas, amantes do dinheiro, orgulhosos, orgulhosos, sem coração... tendo a aparência de piedade, mas negando o seu poder...» (2 Timóteo 3:1-5)

Assim, a Inspiração Divina avisa-nos em todo o lado contra as práticas vãs e superficiais a que muitos crentes estão ligados. Estes cultos ilusórios são estéreis aos olhos do Juiz divino que não concede a sua misericórdia por causa de tais actos de inspiração pagã, mas deixa-se tocar pela bondade, amor e esforço que Ele nos vê fazer para conhecer a verdade e praticar a justiça.

No Evangelho Inspiração, o critério de fé no fim dos tempos é o aparecimento de uma «Besta» anunciada pelo apóstolo João no livro do Apocalipse. Esta «Besta», o Anticristo, é a encarnação das forças do mal e da injustiça no mundo. Aparece na Palestina até ao coração de Jerusalém (Apocalipse 11:2 e 20:7-9), onde reúne o seu exército e os seus súbditos «para a guerra», não para a paz. O critério de fé reside no grau de entusiasmo posto no combate a esta Besta. Quanto maior for a fé, maior será o discernimento espiritual para reconhecer a identidade deste monstro e maior será o compromisso de lutar contra ele até à morte. Por outro lado, uma fé vacilante ou ausente leva o homem a submeter-se à Besta, dizendo a si próprio, perante o seu aparente poder: «Quem é como a Besta? Quem pode lutar contra ele»? (Apocalipse 13:4). A Inspiração do Evangelho anuncia aos crentes a boa nova da sua vitória sobre a Besta, o Anticristo.

Eu revelei e demonstrei no meu livro: «Apocalipse Desmascara o Anticristo», que a entidade israelita é esta «Besta» que reuniu as suas tropas sionistas dos quatro cantos da terra... para a guerra... na Palestina. O Estado de Israel, este «ersatz» feito de raiz, construído sobre o crime e o sangue, simboliza a injustiça e o mal. Está a caminhar para a sua queda.

Os verdadeiros crentes de hoje são aqueles que discernem a identidade da «Besta» do Apocalipse e compreendem que nele está encarnado «mal absoluto», segundo a expressão do Imã Musa Sadr que acrescenta: «Colaborar com Israel é um pecado». Actualmente, os crentes são aqueles que se

levantam contra o inimigo de Deus, o sionista que está estacionado na Palestina, ocupando todo o território e transbordando a sua injustiça até ao Sul do Líbano.

A «Besta» apocalíptica é a medida temível pela qual Deus sonda os corações dos crentes para condenar aqueles que colaboram com ele e abençoar eternamente os corações nobres e corajosos que lutam contra ele com fé. Assim, a unidade entre todos os crentes é hoje alcançada através da sua união contra Israel, o inimigo de Deus e de Jesus, o Seu Messias. A luta contra o Estado de Israel é equivalente a um novo baptismo.

O Quranic Inspiration também anunciou o aparecimento de uma **Besta** no final dos tempos:

> «Quando a sentença pronunciada contra eles (*incrédulos*) estiver pronta para ser executada, traremos da terra uma Besta que lhes dirá: Verdadeiramente! Os homens não acreditavam nos nossos milagres.» (Alcorão 27; As Formigas,82)

É também a «Besta» do Apocalipse (Capítulos 13 e 17). Nas suas «Nobres Discussões», Muhammad anunciou o aparecimento do Anticristo e dos seus seguidores na Palestina, «vindo de todo o lado», como foi o caso dos judeus. O Profeta (pbuh) continuou a dizer que atravessarão o Lago de Tiberíades e que estes «charlatães» enganarão muitos crentes. Os verdadeiros crentes irão combatê-los e triunfar sobre eles. Demonstrei no meu livro «The Antichrist in Islam», a relação entre este charlatão «Messias» e a entidade israelita, apoiando os meus argumentos com as «Nobres Discussões» recolhidas no livro «Manhal el Waridin» do Sheikh Sobhi Saleh.

Muitas doutrinas falsas infiltraram-se nas fileiras dos crentes, estabelecendo-se como inquestionáveis tradições firmes. Estes incluem o seguinte:

1. a afirmação - acreditada por muitos cristãos - de que o Alcorão está em contradição com o Evangelho
2. a afirmação - acreditada por muitos muçulmanos - de que o Evangelho é falsificado e que existe uma contradição entre os 4 Evangelhos.

Alguns muçulmanos não acreditam no Evangelho porque ele foi escrito depois da Ascensão do Messias. Ignoram o facto de que o Poder Inspiracional de Deus não termina com a presença física do Messias no mundo, ou com um tempo e lugar específico. Todas estas ideias demonstram a ignorância e a infantilidade das pessoas que são capazes de acreditar neste disparate.

Neste estudo, quisemos entrar no mundo da Inspiração através da porta do Alcorão. Através dela, chegámos à Bíblia. Foi então que descobrimos a unidade da Inspiração Bíblica-Corânica. É por isso que não compreendemos porque é que aqueles que acreditam num dos dois Livros lutam contra aqueles que acreditam no outro. É ilógico aceitar um sem o outro.

2. O Alcorão é um texto árabe da Bíblia

A armadilha em que caíram cristãos e muçulmanos é considerar a religião do Alcorão em oposição à da Bíblia. O Corão não é responsável por este mal-entendido. Pelo contrário, apresenta-se como um resumo da mensagem bíblica, inspirada a Maomé em «linguagem árabe clara», dirigida aos habitantes da Arábia, porque não tinham - como o povo da Bíblia - mensageiros divinos para os aconselhar. O Alcorão diz:

> «O Alcorão é uma revelação do Soberano do universo. O Espírito Fiel desceu-o (*do Céu*) sobre o teu coração (*Maomé*), para que possas ser um dos Apóstolos em **árabe simples**. Ele (*o Corão*) **está nos Livros** (a*Bíblia*) dos primeiros (*judeus e cristãos*)» (Alcorão 26; Os Poetas,192-196)

Note-se que a inspiração do Alcorão já se encontra na Bíblia que precedeu o Alcorão. O Alcorão não difere, portanto, da Bíblia, uma vez que dela emana. Só difere de ter sido revelado «em língua árabe clara»:

> «Assim revelamos em **árabe** uma Sabedoria.» (Alcorão 13; Trovão,37)
>
> «Revelámos-te um Livro (*o Alcorão*) em **língua árabe**, para que avisasses a **mãe das aldeias** (*Meca*) **e dos seus arredores**» (Alcorão 42; A Deliberação,7)
>
> «Ele (*o Alcorão*) é a Verdade do teu Senhor, para que possas avisar um povo que **não teve profeta diante de ti**, e para que possam ser guiados da forma correcta» (Alcorão 32; Adoração,3)

Apesar destes versos claros, alguns fanáticos, desejosos de converter a humanidade a um Islão fundamentalista, erguem-se para «defender» o Corão, proclamando que não é apenas para os árabes, mas para todo o mundo. Devem antes referir-se aos textos corânicos cuja inspiração é dirigida **aos árabes da «Mãe das aldeias**». No entanto, mas num espírito muito diferente, mantemos que o Alcorão é de facto uma luz para o mundo inteiro, sendo a sua mensagem nada mais nada menos do que a mensagem bíblica. Isto é evidente a partir do verso acima mencionado:

> «Ele (*o Alcorão*) está nos Livros do Primeiro» (Alcorão 26; Os Poetas,196)

Muhammad, como todos os profetas, foi enviado como guia universal, para além das denominações religiosas de hoje.

A palavra «Corão» em árabe significa leitura, sendo este Livro Sagrado uma «leitura» da Bíblia em árabe, cujo original está em hebraico (para o Antigo Testamento) e grego (para o Novo Testamento). Os árabes do tempo de Muhammad ignoravam estas duas línguas. Justificaram o seu desconhecimento da Bíblia com o pretexto de não a poderem ler. Afirmaram orgulhosamente que se tivessem sido capazes de ler a mensagem bíblica, teriam sido - por causa da sua inteligência superior - mais instruídos do que os judeus e os cristãos. Para encurtar estes argumentos, Deus inspirou portanto o Corão «em clara língua árabe», informando-os do conteúdo dos «Livros do Primeiro». De facto, diz Deus:

> «...Não direis mais: Dois povos (*judeus e cristãos*) receberam as Escrituras antes de nós e nós não pudemos estudá-las. Não dirá mais: Se nos tivessem enviado um livro, teríamos sido mais esclarecidos do que eles foram. Assim vos chegou do vosso Senhor uma clara (*declaração*). É a Orientação e a Prova da Misericórdia de Alá. E quem é mais perverso do que aquele que rejeita os Sinais de Alá e se afasta deles? Castigaremos aqueles que se afastarem dos nossos Sinais com um tormento doloroso, porque se afastaram dos nossos Sinais.» (Alcorão 6; O Gado,156-157)

Os versículos do Alcorão - que é uma versão árabe da Bíblia - foram precisamente «modelados», num estilo e mentalidade árabe, para se adequarem aos árabes:

> «É um Livro (*o Alcorão*) cujos versos foram modelados (*ou expostos*) para formar um Alcorão (*leitura*) **Árabe** para homens de entendimento. Nada vos foi dito (*Muhammad*) **que não tenha sido dito aos mensageiros (*bíblicos*) dos vossos antecessores**... Se tivéssemos feito deste Qurán um livro escrito numa língua estrangeira, eles (*os árabes*) teriam dito: Se os versos deste Livro tivessem sido feitos numa língua estrangeira e **em árabe** (*para que pudessem ser compreendidos*). Diz (*ou seja, aos árabes*): Ele (*o Alcorão em árabe*) é uma orientação e um remédio para aqueles que acreditam...» (Alcorão 41; Os Versos claramente expostos,3 e 43-44)

Tal como o Corão é uma leitura bíblica modelada para árabes, este livro que traduzi do árabe visa apresentar ao Ocidente a mensagem corânica modelada para a mentalidade ocidental.

Uma vez que o Alcorão é uma leitura árabe da Bíblia, nada acrescenta de novo ou contrário a ela, uma vez que Deus não revela nada a Maomé «que não tenha sido dito aos enviados, seus predecessores», como relatado pelos versículos acima.

O Alcorão, contudo, **não contém toda a mensagem bíblica**, pois Deus diz a Maomé:

> «Antes de si, tínhamos enviado apóstolos... Contamos-te a história de **alguns deles**, e há outros dos quais nada te contamos.» (Alcorão 40; O Perdoador,78)

Os Profetas e Apóstolos, que não são mencionados no Alcorão, são mencionados na Bíblia. Foi por isso que eu disse que o Alcorão se apresenta como uma **Inspiração resumida** da Bíblia e, portanto, não difere dela na sua essência.

É por isso que, quando na época de Maomé, alguns muçulmanos pediram aos cristãos para se tornarem muçulmanos, responderam que eram muçulmanos antes do Corão; a palavra muçulmano em árabe significa resignar-se a Deus:

> «Aqueles a quem demos o Livro (*a Bíblia*) antes dele (*antes do Alcorão*), acreditam nele. Quando lhes é lido, eles dizem: Nós acreditamos! Essa é a Verdade *do* nosso Senhor. **Éramos muçulmanos antes da sua vinda**... Estes receberão **uma dupla recompensa**...» (Alcorão 28; A Narrativa,52-54)

Note-se a frase «éramos muçulmanos antes de ele chegar». Isto significa que estes cristãos não hesitaram em declarar-se muçulmanos, sujeitos a Deus, **antes da revelação do Alcorão**. A atitude do Alcorão e de Maomé foi a de dar uma «**dupla recompensa**» aos crentes que, sem renunciar ao cristianismo, se reconheceram a si próprios, sem restrições, tanto como muçulmanos como cristãos. A conclusão lógica a tirar destes versos é que o Islão, da perspectiva do Alcorão, é apenas mais um nome para o Cristianismo. Isto é confirmado pelo próprio Alcorão:

> «... Ele (*Deus*) não lhe impôs qualquer embaraço na Religião, a Religião do seu pai Abraão. Foi ele (*Abraão*) que vos deu o nome de **'muçulmanos' no passado, e aqui** (*no Alcorão*), para que o Profeta seja uma testemunha contra vós...» (Alcorão 22; A Peregrinação,78)

Numa visita a uma chamada sociedade muçulmana, participei numa discussão na qual disse: «Sou muçulmano perante o Corão». Um dos clérigos fundamentalistas presentes zangou-se e disse: «Estas palavras são blasfémia!» Eu respondi: «A diferença entre o Corão e vós é que considerais as minhas palavras blasfemas, enquanto que o Corão me abençoa por as dizer e me dá uma recompensa dupla». Este é apenas um dos muitos exemplos que têm sido experimentados em vários dos chamados círculos cristãos ou muçulmanos. Estas experiências têm-me ensinado a discernir entre a verdadeira fé e o chauvinismo religioso.

Como testemunho da unidade do Islão e do Cristianismo, citemos estes exemplos:

- O Alcorão considera os Apóstolos de Jesus que vieram ao mundo sete séculos antes dele como sendo muçulmanos:

  > «E quando revelei isto aos **Apóstolos**: "Acreditem em Mim e no meu Mensageiro". Eles disseram: "Acreditamos, e damos testemunho de que somos **muçulmanos** (*submisso*As traduções do Corão mencionam por vezes «submisso» e por vezes «resignado» para a palavra árabe «muçulmanos».)".» (Alcorão 5; A Mesa,111)

- Abraão, que veio vinte e sete séculos antes do Alcorão, é considerado pelo Alcorão como sendo muçulmano:

  > «Abraão não era judeu nem nazareno (*cristão*), mas era um verdadeiro **muçulmano** (*submisso*).» (Alcorão 3; Família de Imran,67).

- O Profeta Maomé diz no Alcorão:

  > «Eu sou o primeiro dos **muçulmanos**» (Alcorão 6; O Gado,163).

A interpretação oficial relatada pela «Jalalein» explica que Muhammad é o primeiro muçulmano **entre os árabes**[2].

O Alcorão consola o coração de cada verdadeiro crente com os versos acima mencionados do Capítulo XXVIII, A Narrativa, relacionando a abertura dos cristãos daquela época com o Alcorão e a **dupla** bênção que este lhes conferiu. Onde se pode encontrar, hoje, num mundo fanatizado pelos vários cultos e ritos, tanta grandeza de alma de ambos os lados? Se um cristão hoje ousa afirmar que é muçulmano perante o Alcorão, suscita a ira de muitos cristãos tradicionalistas e muçulmanos contra ele. Aqui aparece o abismo entre o plano original de Deus e as tradições humanas desviadas.

O Alcorão comanda os muçulmanos:

> «Discutam com o Povo do Livro (*a Bíblia*) apenas com os melhores*argumentos*, a menos que sejam homens injustos. Digam: «Acreditamos no que nos foi revelado (*o Alcorão*), **bem como no que vos foi revelado** (*a Bíblia*). **O nosso Deus e o vosso Deus é Um** só e a Ele somos muçulmanos (*submetidos*).» (Alcorão 29; A Aranha,46)

O muçulmano **deve**, portanto, acreditar na Bíblia. Deve esforçar-se incansavelmente, com um coração puro, para descobrir o «**melhor argumento**» para apoiar esta fé. Este é o «Caminho Reto» (Alcorão 1; Fatiha,6).

Ser cristão ou ser muçulmano são, portanto, dois nomes para a mesma verdade. Porque ser cristão significa testemunhar que Jesus é verdadeiramente o Messias. Isto é o que o Corão testemunha. Ser muçulmano é entregar-se a Deus, é estar sujeito a Ele: esta é a atitude que todo o verdadeiro cristão deve ter.

Lamentamos e admiramos o comportamento de alguns países muçulmanos que banem a Bíblia para fora das suas fronteiras. Não sabem eles que o Corão os condena? O Alcorão não prega nenhuma outra religião nem revela nenhum outro Deus que não aquele cuja inspiração está na Bíblia. Aqueles que são capazes de compreender esta simples verdade dão um passo gigantesco no Caminho de Deus.

Algumas pessoas pensam que o Alcorão dispensa a Bíblia e chega ao ponto de a desprezar. Outros estão satisfeitos com a Bíblia e desprezam o Alcorão. Todos eles têm os seus argumentos e

[2] A interpretação do Alcorão «Al Jalalein» é oficialmente aceite no mundo muçulmano e árabe como autorizada.

pretextos. Todos eles caem na armadilha do racismo religioso que contraria os mandamentos de Deus em todos os livros inspirados.

O Corão nunca afirmou ser um substituto para as Escrituras Bíblicas e aproxima o leitor judeu ou cristão das mesmas:

> «Diga ao povo do Livro (*a Bíblia*): Não confiará em nada sólido enquanto não observar a Torá e o Evangelho» (Alcorão 5; A Mesa,68)

O Alcorão exorta os próprios árabes a conhecerem a Bíblia; Deus diz a Maomé:

> «Não sabias o que era o Livro (*Bíblia*) ou a fé. Fizemos disso uma luz através da qual dirigimos os nossos criados a quem nos apraz» (Alcorão 42; A Deliberação,52)

Apesar do testemunho frequentemente repetido do Alcorão a favor da Bíblia, muitos estudiosos muçulmanos interpretaram versículos do Alcorão sem recorrer à Bíblia. Por esta razão, as suas interpretações são estranhas ao espírito e à lógica da Inspiração, carregando as sementes da dissensão e da separação entre crentes. O Alcorão inspira-se «nos Livros do Primeiro» e, portanto, não está isolado da Inspiração Bíblica. O Profeta Maomé ignorou «a Bíblia e a fé», pelo que Deus lhe revelou o Alcorão para o instruir na mensagem bíblica em língua árabe.

Quem ler a Bíblia e o Alcorão objectivamente, sem preconceitos, perceberá a paridade das duas mensagens e das duas Inspirações e crescerá em sabedoria e perspicácia.

Algumas das histórias contadas na Bíblia podem ser encontradas no Corão. E o Alcorão conta apenas histórias bíblicas desde a criação até ao fim dos tempos, passando por Noé, Abraão, as doze tribos, a quebra do pacto pelos judeus, e o Messias Jesus, filho de Maria. Então porquê partir de um dos dois Livros uma vez que a Bíblia contém uma Luz extra que explica a Inspiração Alcorânica?

Muitas pessoas discutem a religião e dedicam-se a ela com entusiasmo, mas este entusiasmo ignorante não é iluminado pelo conteúdo dos Livros Inspirados, pelo que se perdem nas redes do fanatismo. Tal atitude é uma abominação aos olhos de Deus e dos Seus profetas.

Quem quiser discutir religião deve saber recuar e consultar de perto a Bíblia e o Alcorão antes de iniciar um diálogo que o fanático transforma num desafio e numa luta. A Inspiração Divina, por outro lado, ordena que os argumentos e o comportamento sejam discutidos «pelos melhores». Quantos líderes religiosos espezinham este mandamento corânico, ignorando os Livros e desviando-se da Inspiração em nome da própria Inspiração? Semeiam assim a discórdia nas fileiras dos irmãos crentes.

Como resultado destas reflexões, compreendemos a essência do Islão a partir da definição dada no Alcorão. Despojamo-lo assim das ideias tradicionalistas - acrescentadas como parasitas ao longo dos séculos e acontecimentos - que desfiguraram a pureza das suas características.

Compreendemos perfeitamente que, aos olhos do Alcorão, o muçulmano:

> «é aquele que submete o seu rosto a Deus, fazendo o bem. Ele agarrou a Gruta Sólida» (Alcorão 31; Luqman,22)

Esta é a essência do Islão Alcorânico. É o bem que se faz submetendo o rosto à Bíblia, porque Deus se encontra lá como no Alcorão. Abençoados são os homens, quem quer que sejam, que se submetem a Deus lendo os Seus Livros e acreditando neles. «Apreenderam a Gruta Sólida».

Devemos salientar o seguinte facto: os árabes, antes de Maomé, eram incapazes de estudar a Bíblia porque esta estava em hebraico e grego. Actualmente, a Bíblia é traduzida para o árabe e muitas outras línguas compreendidas pelos árabes (como o inglês), pelo que já não têm um pretexto para a ignorarem.

No espírito do que foi dito ao povo da Bíblia, dizemos hoje ao povo do Alcorão: «Não descansareis sobre nada sólido enquanto não observardes a Torá e o Evangelho», porque sem eles não captarão o Espírito divino no Alcorão (ver Alcorão 5; A Mesa,68).

De facto, a plenitude do Espírito do Alcorão não pode ser compreendida sem o recurso à Bíblia como sua fonte.

Acreditamos que o Judaísmo da Torá, o Cristianismo do Evangelho e o Islão do Alcorão têm uma e a mesma essência. Não hesitamos em proclamar a nossa fé no Islão e no seu nobre profeta Maomé. Devemos-lhes o reforço do nosso testemunho de Deus, do Messias e do Evangelho.

Queremos, através deste estudo, inculcar, sem concessões, o espírito de compreensão mútua e harmonia entre os verdadeiros crentes de todas as fés, expondo o acordo total entre a Bíblia e o Alcorão.

Os meus companheiros e eu, bem conscientes das dificuldades e perseguições que enfrentaremos de fanáticos de vários credos, prometemos, no entanto, avançar com paciência e determinação. Em nome de Deus, estamos a avançar, ignorando todas as interpretações estreitas e tortuosas dos desordeiros. Esforçámo-nos incansavelmente por procurar o «melhor dos argumentos», e não o percamos de vista, a fim de satisfazer apenas Deus e a nossa consciência, percorrendo assim este «Caminho Reto» da salvação espiritual.

Os crentes de todas as correntes espirituais e religiões que conseguem libertar-se dos preconceitos contra os Livros Sagrados, descobrirão alegremente que são filhos do mesmo Deus, que são irmãos e amigos, depois de terem acreditado durante muito tempo que eram inimigos mortais.

3. Os princípios de estudo

O nosso estudo da Inspiração Divina baseia-se nos seguintes princípios imutáveis:

1. O regresso ao próprio texto corânico
2. A busca do significado espiritual do texto
3. A Pedagogia Divina na Inspiração
4. A Unidade de Inspiração

Respeitando estes princípios no estudo da Inspiração Bíblico-Corânica conseguiremos penetrar na intenção divina e finalmente descobrir a unidade das duas revelações.

3.1 O regresso ao texto do Alcorão

Deus exige que os crentes sejam prudentes na busca das verdades espirituais. Pede-lhes que confiem sempre nos Livros inspirados e que ignorem os rumores espalhados pelos arruaceiros. Deus avisa, dizendo:

> «Há homens que discutem Deus sem conhecimento, sem orientação, sem serem guiados por um Livro luminoso» (Alcorão 22; A Peregrinação,8)

O Livro luminoso que usamos para compreender o espírito do Alcorão é o próprio Alcorão, apoiando os nossos argumentos com este Livro inspirado e a Bíblia, de modo a manifestar a unidade que existe entre os Livros inspirados. Ignoramos intencionalmente os protestos vaidosos daqueles que gostam de controvérsias superficiais para poupar o seu tempo e o nosso.

Esta necessidade de um Livro luminoso foi sentida pelos próprios Apóstolos do Messias, para convencer os judeus de que Jesus era verdadeiramente o Messias anunciado pelos profetas do Antigo Testamento. De facto, o Evangelho Inspiração diz que os judeus que acreditaram no Messias têm:

> «. . . acolheram a Palavra (dita*pelos Apóstolos*) com alegria e **escrutinaram diariamente**o que estava escrito nos Livros para se certificarem de que o que ouviram estava correcto.» (Actos 17:11)

O Messias fez o mesmo com os seus Apóstolos após a sua ressurreição:

> «Ele interpretou-lhes em **todas as Escrituras**, começando por Moisés e passando por todos os profetas, as coisas que lhe diziam respeito» (Lucas 24:27)

O crente sábio deve portanto referir-se constantemente aos Livros da Luz se procura uma direcção sólida a fim de basear a sua fé no conhecimento, seguindo o exemplo dos Apóstolos, seus predecessores.

3.2 A busca do significado espiritual do texto

Deus ordenou-nos que procurássemos sempre o **significado espiritual dos** textos inspirados, advertindo-nos contra a armadilha da interpretação literal e restrita que se afasta da intenção divina. A Inspiração Divina destina-se a incendiar os nossos corações e estimular o nosso interesse pela vida espiritual eterna que ultrapassa a vida corporal de uma forma pouco comum. É por isso que o Corão, depois do Evangelho e da Torá, encoraja-nos e sensibiliza-nos a agarrarmo-nos ao **espírito** através da letra. O Alcorão diz, de facto:

> «Há alguns que servem a Deus, mas **à** letra... Se o bem lhes chega, ficam tranquilos, e se o mal lhes chega, caem de cara, perdendo este mundo e o outro. Aqui está o óbvio perdedor» (Alcorão 22; A Peregrinação,11)

Encontramos o mesmo aviso no Evangelho num estilo diferente:

> «... Deus qualificou-nos para sermos ministros de uma Nova Aliança, não da letra, mas do Espírito; pois a **letra mata**, mas o Espírito dá vida» (2 Coríntios 3:6)

O Messias aconselha-nos a não compreender a Inspiração à letra, a não insistir no significado literal, mas a elevarmo-nos à intenção divina manifestada em palavras proféticas:

> «É o espírito que dá vida, a carne não tem qualquer utilidade. As palavras que vos falei são espírito e são vida» (João 6:63)

O Antigo Testamento também nos convida a ir além da letra para alcançar o Espírito. Citamos a circuncisão e o jejum como exemplos. O profeta Jeremias (século VI a.C.E.) diz sobre a circuncisão:

> «Circuncida-te pelo Senhor, e tira **o prepúcio do teu coração**...»(Jeremias 4:4)

Este grande profeta compreendeu que a intenção divina relativa à circuncisão era a purificação do **coração**, não a remoção do prepúcio, um acto espiritual, não físico, que lava a alma de pensamentos impuros e tendências. É por isso que S. Paulo diz novamente sobre este assunto:

> «Circuncisão não é nada, nada é incircuncisão, mas a observância dos mandamentos de Deus» (1 Coríntios 7:19)

Para aqueles que guardam os mandamentos de Deus têm sido:

> «circuncidado com uma circuncisão que não é da mão do homem pelo despojamento total do corpo carnal» (Colossenses 2:11)

Esta é a circuncisão espiritual executada pela mão de Deus para purificar a alma através do arrependimento e da graça. Isto não pode ser comparado à circuncisão física feita pela mão do homem, incapaz de lavar a alma das suas impurezas.

Circuncisão, jejum, sacrifícios, peregrinação... etc., são todos símbolos «**alegóricos**» que evocam realidades espirituais; fazem parte das «**alegorias**» que devem ser interpretadas espiritualmente, e não literalmente, como continuam a fazer:

> «aqueles que, tendo no coração uma propensão para o erro, **se apegam a alegorias** para semear a discórdia e por desejo de as interpretar quando **ninguém mais ninguém menos que Deus** conhece a sua interpretação. Aqueles que estão bem enraizados na ciência dizem: Acreditamos nisso, é tudo de Nosso Senhor. Mas só aqueles que são dotados de inteligência são constantemente lembrados disso.» (Alcorão 3; Família de Imran,7).

A interpretação de «alegorias» é conhecida apenas por Deus como revela o Alcorão. Como é que alguns ousam interpretá-los de uma forma e de um estilo que provoque discórdia e divisão entre irmãos? Pela nossa parte, não apresentamos uma interpretação própria, mas recorremos à Palavra de Deus na Bíblia, e especialmente nos Livros do Evangelho. Ali encontramos a interpretação de Deus das «alegorias» através da Sua própria «Palavra que Ele atirou a Maria» (Alcorão 4; Mulheres,171). A Palavra de Deus encarnou nela **para iluminar** o mundo sobre as intenções de Deus na Sua Inspiração. Esta Palavra abençoada não se engana; ela ultrapassa e confunde todas as interpretações humanas. Apenas os «dotados de inteligência» que se abrem livremente e sem restrições a toda a Inspiração Bíblico-Corânica poderão aprender com esta Palavra Divina. Todos aqueles que se deixaram apanhar nas redes do fanatismo podem libertar-se desta escravidão infernal se se deixarem guiar pela Palavra total de Deus. Desta forma evitarão o julgamento severo de Deus e glorificarão então a Sua Santa Inspiração Bíblica-Corânica, repetindo com o Alcorão:

> «Acreditamos nisso, todas as coisas são do nosso Senhor» (Alcorão 3; Família de Imran,7)

Quanto ao jejum, o profeta Isaías (século VIII a.C.E.) há muito que o tinha explicado dizendo que a intenção divina não era beber e comer, mas fazer obras de justiça:

> «Não sabe que jejum é agradável para mim? O fardo do Senhor Javé é quebrar correntes injustas, soltar o jugo, libertar os oprimidos, partir todos os jugos, partilhar o vosso pão com os famintos, dar abrigo aos pobres e sem abrigo, vestir os nus, e não esconder da vossa própria carne» (Isaías 58:6-7)

Sim, de facto, acreditamos que o verdadeiro jejum é conter a língua de palavras vãs, de calúnias que prejudicam os homens, e abster-se de comer os bens dos outros. Tal é o alimento de que se deve abster, como Cristo disse:

> «Ouve e compreende, não é o que entra na boca que torna um homem impuro, mas o que sai da boca procede do coração, e o que sai da boca torna um homem impuro. Pois do coração procedem desígnios malignos, assassinatos, adultérios, adultérios, deboche, roubos, falsos testemunhos, calúnias. Estas são as coisas que tornam um homem impuro» (Mateus 15:10-20)

O Alcorão, inspirado para confirmar o Evangelho, confirma estas comoventes palavras de Jesus. Na realidade, a Sura da Família de Imran relata as palavras que Jesus dirigiu aos judeus:

> «Vim ter convosco com um sinal do vosso Senhor... confirmando o que está na Torá e **para vos tornar lícito parte do que vos foi proibido**» (Alcorão 3; Família de Imran,49-50)

Os discípulos de Deus compreenderam que nenhum alimento é proibido ou considerado impuro por Deus. A Torá e o Alcorão mencionam estas proibições apenas para preparar o conceito de puro e impuro nas **acções e comportamentos humanos**, dirigindo-se a homens que ignoravam Deus, o bem e o mal. É por esta razão que Deus volta a este assunto, e esclarece a Sua intenção sobre o puro e impuro na Tabela Sura, explicando isso:

> «Hoje, as coisas boas são-lhe **permitidas**. A comida daqueles a quem o Livro (*Bíblia*) foi dado é legal para **si** e a sua comida é legal para eles» (Alcorão 5; A Mesa,5)

Deus confirma esta intenção mais à frente na mesma Sura:

> «Ó vós **que acreditais**, não declareis proibido o bom alimento que Deus vos prometeu. Não sejam transgressores. Deus não ama os transgressores. Comam o que Deus vos deu que é lícito e bom» (Alcorão 5; A Mesa,87-88)

Deve-se notar que este mandamento é dirigido aos **crentes** para que possam praticá-lo: «Ó vós que acreditais», e não aos descrentes que transgridem a vontade de Deus por não a praticarem. Estamos entre aqueles que acreditam nas palavras de Jesus que declarou «legais algumas das coisas que eram proibidas» dos alimentos, como explicado acima. Não somos transgressores. Também acreditamos em Muhammad, o seu companheiro na missão celestial, que foi enviado para confirmar o Evangelho e as palavras de Jesus nele contidas.

Em virtude desta nossa fé, estamos determinados a não proibir o que Deus declara lícito, pois Deus ainda diz na Sura da Mesa:

> «**Não há pecado** na comida daqueles que acreditam e fazem o bem, se temem a Deus e acreditam e fazem o bem. Deus ama aqueles que fazem o bem» (Alcorão 5; A Mesa,93)

A fazer o bem! Este é o puro que Deus prescreve. Para fazer o mal! Este é o impuro que Deus proíbe. Também, na Sura VI, os Rebanhos, Deus pede a Maomé que diga..:

> «Saiam! Saiam! Vou dizer-vos o que o vosso Senhor vos **proíbe**: Não vos associeis a Ele outros deuses! Afaste-se de pecados abomináveis... Não matem ninguém injustamente; Deus proibiu-vos... É isto que Deus lhe **ordena**: não toque na riqueza dos órfãos... Dar o peso exacto e medir... Quando julgar, seja justo. Isto é o que Ele lhe ordena. Talvez pense nisso! Esta é a minha via recta. Segue-o...» (Alcorão 6; O Gado,151-153)

Note-se que não há qualquer menção a comida pura e impura nestas receitas divinas do Caminho Certo. Devemos, portanto, ir agora além destas proibições culinárias e materiais, para pôr em prática o que Jesus diz no Evangelho de Mateus e na Sura da Família de Imran. Apenas um coração amadurecido em fé saudável, ouvindo as directivas de Deus, pode libertar-se das correntes da letra para embarcar nesta «Via Certa» do espírito prescrito pelo Alcorão.

Isto também se aplica ao Ramadão rápido. Este jejum **não é obrigatório**, como afirmam os fanáticos, uma vez que, como prescreve o próprio Alcorão, «aqueles **que poderiam jejuar e não** o fazem terão de compensar alimentando uma pessoa pobre» (Alcorão 2; A Vaca,184). O verdadeiro jejum, portanto, não é «comer o dinheiro de outras pessoas», como o Alcorão prescreve abaixo. Aqueles que levam uma vida bem regulada e bem equilibrada em todas as coisas são aqueles que jejuam pela vida.

Temos visto pessoas a jejuar para comer como animais em mesas bem abastecidas, só para acabarem por vomitar depois das suas refeições pantagruelicas e tresloucadas da noite até ao amanhecer...

Bem-aventurados aqueles que compreendem a intenção divina e praticam o equilíbrio e a maestria em todas as coisas.

É por isso que o Alcorão prescreve:

> «Não há restrições na religião» (Alcorão 2; A Vaca,256)

Isto também se aplica, é claro, ao jejum.

O Alcorão Inspiração também enfatiza o facto de que jejuar é abster-se de ouvir palavras falsas e comer o dinheiro das pessoas:

> «Aqueles cujos corações Deus não purificou serão cobertos de vergonha neste mundo e sofrerão um terrível castigo no próximo. Auditores de mentiras, **devoradores de dinheiro ilícito**» (Alcorão 5; A Mesa,41-42)

Deus também diz no seu Livro Sagrado:

> «**Não comais** injustamente os vossos bens entre vós; não os apresenteis aos juízes para **comerem** injustamente qualquer parte do **dinheiro**das pessoas; conheceis bem isto» (Alcorão 2; A Vaca,188)

Destes versos resulta claro que a purificação desejada é a do **coração**, e que o jejum é abster-se de ouvir mentiras e «comer» dinheiro injustamente sem nunca ficar saciado, não se abster de comer alimentos materiais durante um tempo limitado.

Moisés deu aos judeus uma Lei, a Torá. Ainda hoje, alguns ainda teimosamente entendem esta Lei à letra, recusando-se a abrir-se à intenção divina. Este encerramento isolou-os de Deus; é a razão principal da recusa de Jesus por parte dos judeus. Esperavam um Messias militar beligerante, um político autoritário e um brilhante economista. O Messias veio falar-lhes de arrependimento, de amor pelos outros, não de combate armado, de desprezo pelo dinheiro, não da sua importância. Explicou ainda o conceito **espiritual** de ablução (purificação física pela água), jejum, repouso sabático e a Lei do Mosaico em geral. Mas os judeus fanáticos agarraram-se à letra da Lei, não ao seu espírito, e recusaram-se a reconhecer o Messias que os convidou a lavarem-se na fonte do espiritual, não do material, Águas, as fontes de arrependimento, as únicas capazes de purificar o coração das impurezas reais.

É por isso que Deus nos convida no Corão a um sério exame de consciência. Isto justifica ou condena cada um de nós:

> «Dizei: 'Vedes os bens que Deus vos enviou para vos fornecer? **E tornou-os tanto legais como ilegais**. Diga: Foi Deus que lhe deu permissão para *dizer isto*, ou você inventou estas mentiras **contra Deus**? Qual será a opinião daqueles que forjaram uma mentira contra Alá no Dia do Juízo Final? Alá dá aos homens uma recompensa, mas a maioria deles não Lhe agradece.» (Alcorão 10; Jonas,59-60)

Estes temíveis versos revelam que foi o homem que, através da sua loucura, distinguiu, «contra Deus», o proibido e o permitido. Qual será a resposta de cada um de nós à pergunta colocada pelo Alcorão: É Deus quem distingue entre o que é permitido e o que é proibido nos bens que Ele próprio nos dispensa, ou é a mente estreita dos crentes maus que atribuem esta mentira a Deus?

Por outro lado, e em qualquer caso, o Alcorão revela que **Deus é livre de apagar** o que Ele quer nos Livros revelados:

> «Foi enviado um Livro para cada idade. Deus **ou apaga ou confirma** o que Ele quer. A Mãe do Livro está com Ele» (Alcorão 13; Trovão,38-39)

Assim, vimos que o Messias declarou «todos os alimentos puros» (Marcos 7:19). Mais tarde, sobre **todos os animais**, Deus repetiu a Pedro, três vezes:

> «O que **Deus purificou, não se deve contaminar**» (Actos 10:15-16)

Paul, por sua vez, esclareceu a questão do puro e do impuro nestes termos:

> «Não, por comida, vá e destrua a obra de Deus. **Todas as coisas estão realmente limpas**...» (Romanos 14:20)

Ele confirma esta verdade ao seu discípulo Titus:

> «Todas as coisas são puras para os puros. **Mas para aqueles que estão contaminados e não têm fé**, nada é puro. O seu próprio espírito e consciência estão contaminados. Eles professam conhecer Deus, mas pela sua conduta negam-Lhe...» (Tito 1:15-16)

O conflito entre a interpretação literal e espiritual é permanente. Deus não nos pede que tenhamos simplesmente fé na sua Inspiração, mas **boa fé**: aquela que se submete à sua Intenção. Deus é espírito e deseja a elevação do nosso espírito. Sem isto não podemos, seja o que for que façamos para purificar o corpo, elevar-nos a Deus. A ablução física faz parte das «alegorias» e é apenas um **símbolo da** necessidade de purificação espiritual, mas é incapaz de a produzir. Esta purificação é conseguida através da fé e das boas obras.

Os crentes que procuram o significado espiritual da Inspiração atingirão as alturas da vida espiritual; por outro lado, aqueles que se agarram à letra são anões mencionados pelo Alcorão no verso seguinte:

> «Há pessoas que adoram a Deus ao pé da letra (*harf*). Se algo de bom lhes acontece, eles rejubilam calmamente, se um julgamento os atinge, caem de cara perdendo este mundo e o outro. Essa é a perdição óbvia» (Alcorão 22; A Peregrinação,11)

A palavra «harf» em árabe tem um significado primário e preciso de «letra». No entanto, alguns traduzem esta palavra como «borda», que é o segundo significado. Se a intenção divina fosse «borda», a palavra árabe mais precisa teria sido «hâfat». A intenção divina é claramente dirigida àqueles que acreditam com um espírito temeroso, anexado «à letra» por medo de castigo, sem procurar compreender a intenção do Espírito Santo por amor a Deus. Agora «a carta mata», diz o Evangelho. «É o Espírito que dá vida» (2 Coríntios 3:6).

Como, o crente preso à carta, pode ele não «cair» de cabeça, confuso e abalado, quando duas passagens da mesma inspiração são contraditórias? Na verdade, esta contradição é apenas aparente e é colocada no nível da letra. Mas estes mesmos textos estão de acordo a nível espiritual e na intenção divina.

Assim, elevar-se à intenção espiritual é uma necessidade de salvação, sem a qual se mergulha nos pântanos da carta, contaminando-se com a impureza do fanatismo e da ignorância, como é, infelizmente, o caso de muitos. Esta necessidade de se elevar à intenção divina e ao significado espiritual dos textos aparece em duas passagens sobre a criação aparentemente díspar:

> «... Ele criou os céus e a terra e todas as coisas neles dentro de **seis dias** e depois sentou-se no seu trono» (Alcorão 25; Al Furquan,59)

Estamos a falar de uma criação dentro de seis dias. Mas encontramos noutro capítulo:

> «Dizei-lhes: Não acreditais naquele que criou a terra em **dois dias**?» (Alcorão 41; Os Versos claramente expostos,9)

As representações que tentam literalmente conciliar a criação em seis dias e a criação em dois dias são cómicas e caprichosas. São mais obscuros em virtude de desvios e contornos e não conseguem convencer o homem pensativo com uma mentalidade madura e sábia. Eles afastam-se certamente da intenção de Deus na sua Inspiração.

Há também duas histórias do Antigo Testamento sobre a criação. A primeira história conta a criação em seis dias, onde Deus criou o homem e a mulher no sexto dia, depois de ter criado animais e plantas (Génesis 1). A segunda história conta exactamente o contrário: Deus primeiro criou Adão, depois colocou-o **sozinho** no paraíso, depois criou o resto dos animais, e finalmente criou Eva a partir da costela de Adão. A conta não menciona sequer um número de dias para a criação (Génesis 2).

Existe, então, uma contradição na Inspiração? Não! A Inspiração Divina não se contradiz: devemos compreender que Deus, através destas histórias, quer simplesmente revelar ao homem politeísta a existência de um Criador único. Esta simples verdade só por si despertou ódio contra

aqueles que a pregavam. O objectivo dos textos é revelar aos homens o conhecimento do único Criador e pôr fim à vã adoração de ídolos e ao culto oferecido aos muitos deuses da mitologia.

Este Deus único convida-nos, através da diversidade das histórias da criação, a ir além da letra e a elevar-nos ao espírito. O importante não é saber **como** o universo foi criado, mas saber que existe apenas um Deus Criador para adorar. Não se trata de satisfazer a curiosidade científica, procurando nos textos sagrados verdades de ordem numérica e temporal (número de dias de criação, etc.), mas de compreender a mensagem **espiritual**: a existência de um só Deus e a forma correcta de o adorar. Isto é o que a Inspiração nos quer revelar.

3.3 A pedagogia divina na Inspiração

Deus, como um pai para os seus filhos, sempre usou a pedagogia da Inspiração para guiar os crentes, conduzindo-os **gradualmente** de onde estão para a maturidade psicológica e espiritual onde Ele os quer. Todo o crente sábio e perspicaz pode ver que, no Alcorão, Deus usa a pedagogia para com os árabes do século VII d. C. A mesma pedagogia foi aplicada por Deus aos judeus e cristãos no Antigo e no Novo Testamento.

Os árabes da Península Arábica não conheciam a vida espiritual devido à sua ignorância das verdades divinas reveladas. Antes do aparecimento do Profeta Maomé, adoravam em Makkah mais de trezentos e sessenta ídolos reunidos no Quâba, um monumento cúbico que albergava a «Pedra Negra» que os árabes acreditam ter descido do Céu.

Estes deuses da mitologia árabe comeram, casaram-se e procriaram. Os árabes acreditavam, portanto, numa mitologia comparável à dos gregos antes da penetração do cristianismo na Europa.

Não foi possível dar aos árabes a plenitude da luz num só golpe, devido à sua distância total da Verdade divina. Tal como é impossível para o olho humano, tendo permanecido durante muito tempo na escuridão, abrir-se subitamente à luz do sol sem ser deslumbrado ou mesmo cego, também foi necessário dar gradualmente a Luz divina àqueles que tinham permanecido durante muito tempo na escuridão.

Deus, de acordo com o seu hábito, age sabiamente para se revelar aos árabes não só «em clara língua árabe», mas também gradualmente. Actua como o professor instrui o seu aluno na escola, levando-o através das aulas primárias e secundárias, até aos graus superiores.

O Criador tinha feito o mesmo com Abraão, Moisés, e os judeus na Torá, e depois com os cristãos no Evangelho, revelando gradualmente a essência do Seu Ser único e espiritual. Esta pedagogia encontra-se no Corão onde Deus revela aos árabes as verdades bíblicas com infinita fineza e delicadeza, tal como um pai educa o seu filho para a maturidade. Para ilustrar isto, apresentaremos dois exemplos da pedagogia de Deus, um sobre sacrifício animal e o outro sobre casamento.

Sacrifícios

No tempo de Moisés, os judeus tinham-se contaminado no Egipto com a idolatria. Eles adoravam os deuses egípcios e ofereciam-lhes sacrifício após sacrifício. A fim de os manter afastados destas práticas pagãs a que estavam habituados há mais de quatro séculos, e a fim de os aproximar gradualmente do único Deus, Moisés, na Torá, deu-lhes culto. Este culto consistia nos sacrifícios oferecidos, não aos deuses egípcios, mas ao único Deus que eles tinham esquecido. O objectivo destes sacrifícios não era agradar a Deus, mas manter os judeus afastados da adoração de ídolos. Este foi o primeiro passo que os aproximou da verdadeira adoração.

Moisés não foi capaz de cancelar repentina e definitivamente a prática do sacrifício, nem foi capaz de convencer os judeus da sua incapacidade de obter misericórdia divina. Nessa altura, não conseguiram compreender a essência do arrependimento, que consiste em aproximar-se de Deus através do perdão, não através do sacrifício. Deus, portanto, permitiu estes sacrifícios como um primeiro passo para os aproximar d'Ele.

O segundo passo teve lugar mais de cinco séculos depois dos judeus terem saído do Egipto. Deus inspirou então os Seus profetas com a vaidade de sacrifícios de animais e holocaustos, declarando que o único sacrifício aceite por Ele é o sacrifício espiritual de si mesmo. A verdadeira oferta que agrada a Deus é uma alma arrependida que se resigna inteiramente à vontade divina. David, o rei profeta, dirige-se assim a Deus no Salmo 51 (50):

> «Senhor abre os meus lábios, e a minha boca declarará o Teu louvor. Pois não tem prazer em sacrifícios, não tem prazer em holocaustos. Sacrifício a Deus é um espírito arrependido. Com o coração partido e esmagado, ó Deus, Vós não tendes desprezo» (Salmo 51:50, 17-19)

Num outro Salmo, Deus diz novamente:

> «Devo comer a carne de touros? Bebo o sangue de carneiros? Em jeito de sacrifício, oferecei graças a Deus, para que pagueis os vossos votos ao Altíssimo; invocai-Me no dia do problema, libertar-vos-ei e dareis-Me glória» (Salmo 50(49),13-15)

Na Bíblia, Deus declarou pela boca do Profeta Jeremias (século V a.C.) que Ele nunca exigiu sacrifícios e holocaustos, mas que Ele queria que as pessoas seguissem os Seus mandamentos. De facto, Jeremias disse aos judeus em ironia:

> «Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Acrescentai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios, e comei a carne deles! **Porque nada disse aos vossos pais, nem lhes ordenei, quando os tirei do Egipto, sobre o holocausto e o sacrifício**. Mas eu ordenei-lhes, dizendo: Ouçam a minha voz, para que eu seja o vosso Deus, e vós sereis o meu povo. E caminharás por todos os caminhos que eu te ordeno para o teu bem» (Jeremias 7:21-23)

Também o profeta Miquéias, no século VIII AEC, denunciou a vaidade dos sacrifícios e prosseguiu dizendo:

> «Foi-te dado a conhecer, homem, o que é bom, o que o Senhor exige de ti: **nada mais do que**fazer justiça, amar ternamente e caminhar humildemente com o teu Deus» (Miquéias 6:6-8)

O Alcorão, por sua vez, convida-nos a ir além dos sacrifícios de animais e a compreender a verdadeira intenção de Deus. Por falar em sacrifícios, diz:

> «Deus não é tocado **pela sua carne e sangue**, mas é tocado pela sua piedade. . . » (Alcorão 22; A Peregrinação,37)

Apesar disso, vemos «crentes» a afluir aos milhões aos lugares de peregrinação, onde inúmeras ovelhas e outras são oferecidas a Deus que é tocado «nem pela sua carne nem pelo seu sangue». Este costume é mais social do que espiritual, mais frequentemente visando agradar a uma sociedade hipócrita que despreza toda a verdadeira piedade na vida quotidiana.

Casamento

O casamento poligâmico entre árabes antigos era anárquico, tal como o divórcio. Dominado pelo capricho dos homens e pelos seus instintos, o casamento expôs a mulher à maior insegurança e a muitos perigos: uma vez que o divórcio era livre, a mulher não recebia qualquer compensação. O papel indigno das mulheres nos haréns do antigo oriente árabe dispensa comentários.

O Alcorão, portanto, como primeiro passo, restringe o número de esposas e impõe uma lei sobre o divórcio sob a qual o homem deve compensar a mulher divorciada. O casamento é limitado a quatro esposas legítimas, desde que seja justo para elas, caso contrário o homem deve casar

apenas com uma. Esta é uma pedagogia divina, pois a limitação do casamento é em si mesma um grande desenvolvimento para o homem árabe da época, um desenvolvimento pelo qual o povo da Bíblia já tinha passado. O Alcorão diz:

> «Se temem ser injustos para com os órfãos, casem-se apenas com poucas mulheres: duas, três ou quatro. Mas se temem ser injustos (*para com elas*), casem-se **apenas com uma...** e concedam às mulheres (*esposas*) os seus dotes de boa vontade.» (Alcorão 4; Mulheres,3-4)

É de notar que o primeiro verso começa por chamar a atenção do homem para os órfãos, abrindo assim um caminho para o altruísmo. Então, falando de casamento, o Alcorão não só o restringe, mas também impõe ao homem um dote a ser dado a cada esposa. Por um lado, este facto não encoraja a poligamia e, por outro, eleva a patente da esposa que exige um dote do marido, e não da esposa, como era há muito praticado mesmo no Ocidente cristão. O Alcorão permite que as mulheres retirem livremente o dote a favor do marido:

> «Atribua voluntariamente às mulheres os seus dotes, e se elas quiserem dar-lhe uma parte deles, descarte-os convenientemente à sua conveniência» (Alcorão 4; Mulheres,4)

Depois de restringir o casamento, o Alcorão recomenda a monogamia. O Alcorão aprofunda o mesmo assunto e apresenta a monogamia como a única e exemplar forma de evitar a injustiça para as esposas:

> «**Nunca poderá ser** justo para com as suas esposas, **mesmo que tome**conta delas» (Alcorão 4; Mulheres,129)

É evidente que Deus convida o homem, através deste versículo, à monogamia. Depois de o ter conduzido gradualmente da união desequilibrada com a mulher, passando por um casamento condicionado pela igualdade para com quatro esposas, Deus acaba por lhe prescrever monogamia **porque nunca poderá ser equitativo** para com várias esposas, «mesmo que ele se encarregue disso». Cada crente sincero, que procura agradar a Deus, não satisfazer os seus próprios desejos, compreenderá esta pedagogia divina se tiver amadurecido na fé.

Assim, é com grande fineza e delicadeza que o Criador introduz a monogamia nas mentalidades árabes. No entanto, a primeira impressão, ainda predominante entre muitos muçulmanos, é que a poligamia é permitida pelo Alcorão. Na verdade, só é tolerado até o homem atingir uma certa maturidade psicológica e espiritual. Deus dá assim ao homem, esta criatura que ele sabe ser frágil, tempo suficiente para perceber, através da experiência, a importância da monogamia para a vida espiritual e temporal.

Olhando para a sociedade árabe moderna, vemos o sucesso do plano educacional de Deus na prática da monogamia. A grande maioria dos árabes tem hoje apenas uma esposa e a poligamia é bastante desacreditada. Do mesmo modo, o divórcio é desprezado pela maioria das famílias árabes e é geralmente o último recurso em casos graves e graves. Há uma grande diferença entre a sociedade islâmica actual e a sociedade pré-islâmica após a passagem do sopro revigorante do Alcorão.

O Evangelho também adopta a mesma atitude pedagógica em relação ao casamento e ao divórcio: os fariseus, que praticaram livremente o divórcio, questionaram o Messias a esse respeito, a fim de o embaraçar:

> «É legal prender (*divórcio*) a esposa por qualquer razão? Ele respondeu: Não lestes que o Criador desde o início os fez macho e fêmea, e disse: Então um homem deixará o seu pai e a sua mãe e se unirá à sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne? Portanto, já não são dois, mas uma só carne. O que Deus uniu, o homem não deve separar. Então, porque é que, dizem-lhe eles, Moisés ordenou que se desse uma certidão de divórcio quando

> se repudia?' Ele disse-lhes: Por causa da vossa dureza de coração, Moisés permitiu-vos divorciar das vossas mulheres, mas não foi assim originalmente... » (Mateus 19:3-8)

É necessário enfatizar a atitude chocada dos próprios Apóstolos quando ouviram as palavras do Mestre e lhe disseram:

> «Se essa é a condição do homem para com a mulher, não é vantajoso casar. Ele respondeu-lhes: Nem todos compreendem esta língua, mas apenas aqueles a quem ela é dada. Pois há eunucos que nasceram assim do ventre da sua mãe, e há eunucos que se tornaram assim pelo trabalho dos homens, e há eunucos que se fizeram assim por causa do Reino dos Céus. Compreender quem pode!» (Mateus 19:10-12)

Dois factos importantes emergem desta história: o primeiro é que foi Moisés que permitiu que fosse dada uma carta de divórcio, não Deus. Moisés permitiu isto como um passo pedagógico, uma concessão temporária devido à imaturidade psicológica dos homens daquela época, uma concessão que teve de ser ultrapassada mais tarde a fim de regressar ao estado original querido por Deus, como Jesus explicou. Mas os judeus, apegados às tendências humanas, agarraram-se à letra da Lei, recusando-se a elevar-se à intenção divina.

O segundo facto a recordar é que o Messias, a partir do seu discurso sobre casamento e divórcio, foi mais longe, louvando a castidade daqueles «que se fizeram eunucos para possuir o Reino de Deus». Esta expressão não implica uma operação cirúrgica ou um celibato perpétuo, mas um casamento fiel imbuído de sentimentos profundos e espirituais. Já não se trata de satisfazer instintos puramente sexuais, mas de os dominar, até ao encontro com o companheiro escolhido por Deus. Tornam-se assim *espiritualmente* «eunucos», ou seja, castos e **fiéis** no **único** casamento toda a vida.

O Alcorão também fala do ditado da castidade:

> «Que aqueles que não conseguem encontrar uma festa vivam em continência até que Deus os tenha enriquecido com o Seu favor (*enviando o cônjuge*)» (Alcorão 24; A Luz,33)

Os árabes da época da anarquia desprezavam a continência e a castidade antes do casamento. Esta virtude foi ignorada, mesmo desprezada, ao ponto de aqueles que a praticavam serem acusados de falta de virilidade. Ainda hoje é este o caso nos chamados países cristãos.

Os ensinamentos do Alcorão têm dado bons frutos no coração de muitos árabes. O Alcorão é o instigador da evolução da sociedade islâmica, mesmo que alguns dos seus ensinamentos tenham permanecido sem sucesso para muitos muçulmanos que se fecharam ao espírito do Alcorão. Do mesmo modo, o Evangelho não deu frutos no coração de muitos cristãos que desprezam a castidade e a santidade do casamento.

3.4 A Unidade de Inspiração

A Inspiração na Bíblia e no Corão é uma só. Emana do mesmo Deus que se revelou, manifestando-se nos livros do Antigo e do Novo Testamento e do Alcorão. Isto é o que o Alcorão afirma quando diz ao povo da Bíblia:

> «O nosso Deus e o teu Deus é Um... E nós estamos sujeitos a ele (*muçulmanos*)». (Alcorão 29; A Aranha,46)

De um só Deus emana uma única Inspiração imutável, sem falsificação. Quem afirma o contrário é um blasfemador.

Para descobrir a unidade da Inspiração dos versículos bíblicos e corânicos, é necessário ir além das diferentes expressões e estilos literários para captar o seu profundo significado espiritual,

penetrando assim no Espírito de Deus. Tendo compreendido este ponto importante, seremos então capazes de testemunhar o monoteísmo, pois não é lógico nem apropriado testemunhar a existência de um só Deus sem testemunhar a Sua inspiração única.

Os fanáticos procuram dividir esta Inspiração, espalhando rumores que visam agitar o ódio e a agitação. Os principais rumores são os seguintes:

- O Alcorão não é inspirado por Deus
- O Corão suprime a Bíblia
- O Evangelho é falsificado
- O Evangelho contradiz-se por causa das alegadas diferenças entre os quatro Evangelhos, etc.

Estas calúnias não têm base no Alcorão. Muitos estudiosos honestos têm denunciado estes rumores, incluindo o falecido Sheikh Muhammad Abdo, antigo primata da mesquita de El-Azhar no Egipto. Ele certificou a autenticidade do texto bíblico mais de uma vez.

Para descobrir a unidade da Inspiração, dois princípios devem ser respeitados:

1. Colocar a Inspiração no seu contexto histórico, geográfico e social.
2. Discutir por «os melhores» argumentos, como pede o Alcorão.

As **melhores** interpretações do Alcorão são as que **confirmam** a Bíblia. Este é o «Caminho Reto» (Alcorão 1; Fatiha,6). Por outro lado, as interpretações do Alcorão que contradizem o espírito bíblico devem ser rejeitadas, porque estão em contradição com o Alcorão que autentica as Escrituras bíblicas que lhe foram apresentadas. Estas falsas interpretações são o caminho tortuoso percorrido pelos «perdidos que incorrem na ira de Deus».

Pôr a inspiração em Contexto

Para compreender uma inspiração, seja bíblica ou corânica, é preciso conhecer **o profeta** a quem Deus inspirou a mensagem, a **razão pela qual** esta mensagem foi dada, bem como o seu **contexto** social e histórico. De facto, diz Deus no Alcorão:

> «Enviámos cada profeta para falar **na língua do seu povo** para o iluminar» (Alcorão 14; Abraão,4)

Portanto, é preciso conhecer o povo, o tempo, a língua de cada profeta e a sociedade para a qual foi enviado, bem como o contexto histórico para compreender o alcance da mensagem inspirada.

No caso do Alcorão, a Inspiração foi dada na Península Arábica para informar os seus habitantes da existência de um só Deus e da inexistência dos seus deuses mitológicos. O Alcorão anuncia aos árabes que este mesmo Deus se deu a conhecer ao povo da Bíblia antes e que, através do Alcorão, Ele apresenta-se a eles e apresenta-lhes esta Bíblia em «língua» ou «leitura **árabe clara**», para que possam seguir **o mesmo caminho** que os seus predecessores (judeus e cristãos):

> «Deus quer fazer-vos clara a sua vontade e guiar-vos no caminho daqueles que vieram antes de vós. . . » (Alcorão 4; Mulheres,26)

O caminho do Islão é, portanto, o caminho da Bíblia. Portanto, Deus convida os árabes a acreditarem não só no Alcorão, mas também na Bíblia. Aqui a unidade da Inspiração manifesta-se:

> «Crê em Deus, no seu apóstolo (*Maomé*), no Livro que ele lhe enviou (*o Corão*), e nas Escrituras que vieram antes dele (a *Torá e o Evangelho*)» (Alcorão 4; Mulheres,136)

Acreditar na Bíblia e no Alcorão é uma condição para a fé monoteísta e para a realização da unificação da Inspiração. É acreditando na autenticidade da Bíblia que descobrimos a interpretação correcta do Alcorão, uma vez que este atesta a autenticidade da Bíblia.

Como podem algumas pessoas afirmar que a Bíblia, e especialmente os Evangelhos, são falsificados, quando o próprio Alcorão diz explicitamente o contrário? De facto, o Alcorão aponta:

> «Aqueles a quem demos o Livro (*a Bíblia*), **leiam-no correctamente**. Aqueles que acreditam nele, e aqueles que não acreditam nele, **estarão condenados à perdição**.» (Alcorão 2; A Vaca,121)

A nossa crença na unidade da Inspiração Divina e na sua protecção por Deus exige que tenhamos fé na Bíblia e no Alcorão que dela emana. Aqueles que acreditam na falsificação da Bíblia contradizem o Alcorão. De facto, como acabamos de ver, diz Deus:

> «Aqueles que não acreditam estarão condenados à perdição» (Alcorão 2; A Vaca,121)

Chamamos a atenção do leitor para o facto de o Alcorão testemunhar a favor da leitura «correcta» do Evangelho, ou seja, «como foi inspirado», de acordo com a interpretação corânica do «Jalalein». O facto de o Profeta Árabe Maomé ter sempre recorrido «àqueles que liam as Escrituras» (*a Bíblia*), quando duvidava da sua missão aumenta ainda mais a nossa fé e o nosso apego a estas Sagradas Escrituras. O próprio Deus guiou-o para «o povo da Bíblia»:

> «Se você (*O Muhammad*) estiver em dúvida sobre o que lhe foi enviado do alto, **pergunte àqueles que leram as Escrituras enviadas antes de si**. A verdade de Deus chegou até vós: não sejais daqueles que duvidam» (Alcorão 10; Jonas,94)

Tentámos confiar no Alcorão na nossa busca da Verdade, mas isso leva-nos a remeter para o ditado do Evangelho:

> «Dizei: Ó povo do Livro (*Bíblia*): Não depende de nada **até observar a Torá e o Evangelho**» (Alcorão 5; A Mesa,68)

Com base no testemunho do Alcorão a favor da Bíblia, estabelecemos o objectivo de manifestar a unidade da Inspiração nestes dois Livros inspirados. Temos trabalhado incansavelmente para encontrar o ponto de encontro entre o Alcorão e a Bíblia e, graças a Deus, conseguimos.

Discussão pelo «melhor» dos argumentos

No decurso do nosso estudo, chegámos à conclusão de que qualquer interpretação do Alcorão que seja contrária à Bíblia é contrária ao espírito do Alcorão e deve ser rejeitada, uma vez que o Alcorão confirma a Bíblia, não a contradiz.

No Alcorão estão 15 versículos que revelam que o Alcorão foi inspirado **para confirmar** a Bíblia. Aqui estão dois exemplos:

> «Acreditem no que eu revelei **confirmando** o que já receberam (*Bíblia*)» (Alcorão 2; A Vaca,41)
>
> (Ver também Alcorão 2; A Vaca,89,91,97,101)
>
> «Ele enviou-vos o Livro em verdade, **confirmando** as coisas anteriores que foram antes dele; e Ele enviou a Torá e o *Evangelho* antes como uma orientação para os homens. . . » (Alcorão 3; Família de Imran,3)
>
> (Ver também Corão III,81 / IV;47 / V;48 / VI;92 / X;37 / XII;3 / XXXV;31 / XLVI;12,30)

A nossa linha de conduta é inspirada pelo luminoso mandamento corânico: «Discutir com o melhor» dos argumentos (Alcorão 29; A Aranha,46). O «melhor» argumento é o que demonstra que o Corão confirma a Bíblia e reside na descoberta da **unidade da inspiração bíblica-corânica**. Este é o «Caminho Reto» dos escolhidos (Alcorão 1; Fatiha,6), e «a Gruta mais forte» (Alcorão 2; A Vaca,256). Por conseguinte, esforçámo-nos por tratar os sujeitos com amor e a máxima circunspecção de modo a não cair na armadilha da controvérsia pelo pior dos argumentos, como muitos fazem. Estes são responsáveis pela remoção de muitas pessoas do Alcorão devido ao seu comportamento insensato e fanático. Desfiguram a verdadeira face e pureza do Islão e são responsáveis pelo desvio das almas e pela divisão das fileiras. Terão de responder pela sua atitude culpada no Dia do Julgamento perante o Trono de Deus, tendo embarcado no caminho tortuoso percorrido pelos «desgarrados que incorrem na ira de Deus».

3.5 Comentário

O Alcorão repete com força o mandamento bíblico dirigido ao povo da Bíblia, judeus e cristãos, para difundir o conhecimento da Bíblia e não para a abafar:

> «Quando Deus fez uma aliança com aqueles a quem o Livro (*Bíblia*) foi dado, ordenou-lhes: **Explicareis aos homens**, não o **escondereis**, mas eles rejeitaram-no nas suas costas e venderam-no a um preço baixo. Que troca odiosa»! (Alcorão 3; Família de Imran,187)

Os líderes dos povos da Bíblia negligenciaram a difusão da sua Luz divina. Mantiveram a mensagem divina hermeticamente fechada, inexplicada, para que o povo acreditasse cegamente, sem compreender as **razões da sua fé**, ignorando as profecias e mesmo a existência das mesmas. O Alcorão, claro, depois da Bíblia, condena estes guias traiçœiros responsáveis, judeus e cristãos, e revela a sua negligência.

No entanto, o que devemos pensar dos líderes muçulmanos e árabes que exilam a Bíblia fora das suas fronteiras enquanto o Corão, felizmente, é bem-vindo em todo o lado? O Alcorão, porém, exige deles também - e é suposto saberem disso - que a Mensagem Bíblica seja também claramente revelada em todo o lado e a todos os homens e espalhada pelo mundo, ameaçando aqueles que sufocam a sua Luz com os piores castigos:

> «Aqueles que ocultam os Sinais manifestos e a orientação salutar que revelamos aos homens no Livro, estes Deus amaldiçoa-os e amaldiçoa aqueles a quem é dado amaldiçoar» (Alcorão 2; A Vaca,159)
>
> «Aqueles que ocultam o que Alá revelou do Livro, e o trocam a um preço baixo, não engolirão nas suas entranhas senão fogo. Alá não lhes falará no Dia do Juízo, nem os purificará. Há um doloroso castigo à sua espera» (Alcorão 2; A Vaca,174)

Qualquer outro comentário é supérfluo.

4. Pontos de discórdia

Neste capítulo, examinaremos os pontos mais importantes de contenda, que são objecto de discussão entre os diferentes credos. Estes abordarão, sem qualquer esforço sincero, a busca da unidade da Inspiração Bíblica-Corânica. Lamentamos que haja líderes religiosos que se apressam a falar as verdades reveladas sem conhecimento da sua parte, de forma superficial e infantil, desprovidos de toda a modéstia e maturidade espiritual.

Os principais argumentos e preconceitos utilizados por alguns cristãos fanáticos para rejeitar o Alcorão e o seu nobre Profeta são os seguintes:

- O Alcorão contradiz certas verdades evangélicas.
- A vida de Maomé (poligamia e guerras) mostra que ele não é um profeta.

Vamos demonstrar que o Alcorão não ataca nenhuma das doutrinas evangélicas. Um grande número de cristãos foi levado a acreditar nestes erros devido à má interpretação apresentada pelos muçulmanos de alguns textos corânicos.

Partindo dos princípios de interpretação mencionados no primeiro capítulo, demonstraremos nas páginas seguintes a total concordância e unidade das Inspirações Bíblicas e do Alcorão. Por conseguinte, os cristãos não têm razões justificáveis para rejeitar o Alcorão, tal como os muçulmanos não têm razões para desprezar a Bíblia. Apresentaremos então o esboço da vida do Profeta Maomé, ilibando-o de todas as falsas acusações contra ele.

Mencionámos brevemente as razões que têm mantido muitos cristãos afastados do Alcorão. Aqui estão alguns dos destaques que alguns muçulmanos têm usado como base para atacar o cristianismo:

1. A Trindade Divina, os três aspectos do Um e Único Deus.
2. O título de Filho de Deus atribuído ao Messias.
3. A divindade do Messias.
4. A crucificação e a morte do Messias.
5. A falsificação da Bíblia (Antigo e Novo Testamento).

O importante nestes pontos é saber o que a Inspiração Divina diz sobre eles, porque a nossa discussão baseia-se na base sólida de um «Livro da Luz», tal como aconselhado no Alcorão. Se encontrarmos estes pontos nos Livros Inspirados, acreditaremos neles, caso contrário, rejeitá-los-emos. Depois de responder a cada um destes pontos, teremos, por este mesmo facto, refutado os argumentos apresentados por alguns cristãos para rejeitar o Alcorão, bem como os argumentos de alguns muçulmanos para rejeitar a Bíblia e os seus ensinamentos.

4.1 A Trindade Divina, os Três Aspectos do Um e Único Deus

Deus revelou-se na Torá, no Antigo Testamento, como o único Criador, nenhum outro deus além d'Ele. O Evangelho confirma esta verdade ao acrescentar uma nuance ainda mais profunda. Deus é um só, mas não está, por tudo isso, isolado de si mesmo e solitário. Na companhia da sua própria pessoa, Ele revela assim «Aspectos» One-In-Tree: O Pai, a Sua Palavra ou o Filho, e o Seu Espírito. De facto, São João diz no início do seu Evangelho:

> «No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e **a Palavra era Deus**... Ele estava no início com Deus. Todas as coisas passavam por Ele, e sem Ele nada era... E a Palavra tornou-se carne e habitou entre nós» (João 1:1-14)

Estas são as palavras da Inspiração do Evangelho. Eles informam-nos que Deus tem uma Palavra que é o próprio Deus. Deus e a sua Palavra são, portanto, uma e a mesma essência, tal como o homem e a sua Palavra são uma e a mesma pessoa. O Verbo que se fez carne é Jesus, o Messias, conhecido pelo Alcorão como a «Palavra de Deus».

No Evangelho, o Messias ordenou aos seus Apóstolos que baptizassem os crentes em **Nome do** Pai, do Filho (a Palavra de Deus), e do Espírito Santo:

> «Ide, portanto... Fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em **nome do** Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mateus 28:19)

Note-se que o Messias não disse para baptizar «em substantivos» no plural, mas sim no singular, «no Nome». Deus é único e o Seu Nome é mencionado no singular, não no plural. Cada crente conclui a partir destas palavras que Deus é Pai-Filho-Espírito Santificado, ou por outras palavras, Deus-Palavra- O Seu Espírito.

O Messias, antes de deixar este mundo, vendo os seus tristes Apóstolos a pensar nesta separação, disse-lhes que lhes enviaria o Espírito Confortável que O substituiria como Companheiro permanente:

> «Rezarei ao Pai e Ele dar-vos-á outro Consolador para estar sempre convosco: **o Espírito da** Verdade (*o Espírito Santo*)... Não vos deixarei órfãos, **voltarei para vós**» (João 14:16-18)

Os crentes compreenderam por estas palavras que o Consolador que viria depois da Ascensão de Jesus era **o Espírito de** Deus, que é também o Espírito de Jesus: o próprio Deus. É por isso que o Messias tinha dito: «Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós», ou seja, sob a forma do Seu Espírito Consolador. Ele queria fazê-los compreender que este Espírito e Ele próprio são um só. É por isso que o Messias é reconhecido pelo Islão como a «Palavra de Deus» e o «Espírito de Deus»:

> «O Messias Jesus, filho de Maria, é o Apóstolo de Deus e da **Sua Palavra**, que Ele depositou em Maria... Ele é um **Espírito** de Deus» (Alcorão 4; Mulheres,171)

Alguns crentes acreditam que este Espírito Confortável prometido pelo Messias aos seus Apóstolos não é outra coisa senão o profeta Maomé. Esta interpretação está em desacordo com o Alcorão e o Evangelho. De facto, o Evangelho Inspiração diz que dez dias após a sua ascensão, Jesus enviou o Espírito Santo sobre os Apóstolos e «Todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas» (Actos 2:4).

Este versículo e o resto dos versículos do Evangelho e do Alcorão relativos ao Espírito Santo não podem ser aplicados ao Profeta Maomé. Além disso, o Evangelho e o Alcorão revelam que o Espírito Santo veio sobre Maria, a Virgem, para a tornar grávida do Messias:

> «E o anjo*respondeu-lhe*: O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te ofuscará. . . » (Lucas 1:35)
>
> «O Messias, Jesus o filho de Maria, é o Apóstolo de Deus e a Sua Palavra que Ele depositou em Maria. Ele é um Espírito de Deus» (Alcorão 4; Mulheres,171)
>
> «Enviámos-lhe (*Maria*) o nosso Espírito, que se apresentou a ela como um homem perfeito» (Alcorão 19; Maria,17)

Este Espírito não pode ser Muhammad que ainda não tenha nascido. Esta falsa interpretação, sem fundamento bíblico, não pode, portanto, ser aceite.

No Antigo Testamento, Deus revelou a Trindade de uma forma que só foi compreendida com o Apocalipse do Evangelho. O livro de Génesis conta a história da aparição de Deus a Abraão sob a forma das Três Pessoas:

> «E o Senhor apareceu-lhe no Carvalho de Mamre, enquanto ele estava sentado à porta da tenda, no calor do dia. E quando olhou para cima, eis que viu **três pessoas** ao seu lado; e quando **as** viu, correu para a porta da tenda ao **seu** encontro, e inclinou-se para o chão. Ele disse: **Meu senhor**, eu **te** peço, se encontrei favor à **sua** vista, não passe pelo **seu** servo sem parar. Que tragam um pouco de água e **vocês** lavem os pés e **vocês** se deitem debaixo da árvore. . . » (Génesis 18:1-5)

O estranho facto nesta história bíblica é que Abraão fala a estas três «Pessoas», por vezes no singular, por vezes no plural, e parece confuso perante esta visão trinitária de Deus. Na aurora do cristianismo, muitos cristãos confundiram entre «Trindade» (um Deus em três «Pessoas») e o tritheísmo (três deuses).

Deus convida-nos, na Inspiração do Evangelho, a discernir a sua Palavra e o seu Espírito na sua Essência Divina. O Ser Divino é Deus ou o Pai, o Verbo que dele emana (ou nasce) e nele - espiritualmente, é claro - está o Filho, e a Mente de Deus - ou o seu estado de Espírito - é o Espírito Santo. Esta Palavra e Espírito são a Palavra e o Espírito de Deus, não a palavra e o espírito de outros deuses. Esta é a Trindade, um Deus em três «Pessoas», sendo estas **Pessoas** distinguíveis mas não separadas.

Algumas pessoas interrogam-se porquê todo este discernimento e esta conversa complicada? Respondemos-lhes: «Foi Deus que tomou a iniciativa de se fazer conhecer, de nos informar do que Ele considera útil sobre o Seu Ser divino. O nosso dever é tentar compreender, para finalmente reconhecer que não é tão complicado como pensamos».

Quanto ao tritarismo, é uma doutrina que difere totalmente da Trindade, uma vez que ensina a existência de **três deuses** em três essências divinas diferentes, tendo cada deus a sua própria essência: tal como o deus do bem, o deus do mal e o deus do castigo, sendo os três deuses eternos, e separados um do outro. Esta é, evidentemente, uma heresia condenada pelos Apóstolos, pelos líderes cristãos dos primeiros séculos e pelo Alcorão. Tanto os mórmons como algumas seitas hindus acreditam no tritherismo.

Alguns judeus mal-intencionados lutaram contra o cristianismo desde o início dividindo as fileiras com heresias tais como o tritheísmo. Outros afirmaram mesmo que Maria, a mãe do Messias, era uma das três divindades. Este tritarismo, uma amálgama de cristianismo corrupto e paganismo, espalhou-se durante os primeiros séculos da nossa era. É por isso que o Alcorão condena esta apostasia ao dizer:

> «Aquele que diz: 'Deus é o terceiro de três', é um infiel. Não há outro deus senão o Deus único» (Alcorão 5; A Mesa,73)

(*Interpretação do «Jalalein»: «Deus é um destes três, os outros dois são Jesus e a sua mãe. Alguns **cristãos** pensam assim»*)

Note-se que apenas uma parte dos cristãos está coberta pelo Alcorão. O Alcorão explica ainda que os três deuses adorados por esta seita cristã são Deus, Jesus e Maria:

> «Deus disse: Ó Jesus, filho de Maria, alguma vez disseste aos homens: Tomai-me a mim e à minha mãe por deuses e não pelo único Deus? Louvado sejas, não tenho necessidade de te dizer o que não é verdade» (Alcorão 5; A Mesa,116)
>
> «Ó povo do Livro (*da Bíblia*)! não excedais os limites da vossa religião, e dizei de Alá apenas o que é verdade. O Messias, Jesus filho de Maria, é o Apóstolo de Deus e a Sua Palavra que Ele depositou em Maria e um Espírito vindo d'Ele. Por isso, acreditem em Deus e nos Seus enviados. Não diga que são três (*Deus, Jesus e Maria; 'Jalalein'*). Parar (*dizer isso*). Isto será mais vantajoso para si, pois Deus é um só. Louvado seja ele.» (Alcorão 4; Mulheres,171)

Actualmente, nenhuma denominação cristã acredita que Maria é uma deusa ou que «Deus é o terceiro de três». Estas palavras são heréticas. O Evangelho nunca disse isto, pois só existe um Deus cuja essência é Deus, a sua Palavra e o seu Espírito. Isto não significa três deuses, mas um deus em três «Pessoas». Todos aqueles que conseguem discernir entre Trindade e Trindadeismo mostram que atingiram uma grande maturidade de reflexão. Pois cada cristão concorda com o Alcorão em dizer:

> «Aquele que diz, 'Deus é o terceiro de três', é um infiel. Não há Deus a não ser o único Deus» (Alcorão 5; A Mesa,73)

Nenhum cristão digno desse nome pode dizer tais palavras heréticas. Pelo contrário, Ele deve reprimir tais pensamentos, não sendo Deus «terceiro», nem «segundo», nem «primeiro de três»: Deus é um só, não há outro Deus senão Ele, louvado seja Ele! Estamos todos com o Alcorão para rejeitar o tritheísmo. Se o Alcorão pretendesse negar a Trindade, teria dito: «Todos aqueles que dizem: 'Deus é um em cada três'», são infiéis. Portanto, que os cristãos saibam hoje que o Alcorão não os acusa de blasfémia por causa da sua fé, nem visa a eles nos versículos acima mencionados. Que os muçulmanos também o saibam pelo Alcorão e pelos seus irmãos cristãos. Porque é que existe tal repulsa mútua quando existe acordo entre as Escrituras?

Eis um simples esclarecimento da Trindade: o homem e a sua palavra são uma essência, tal como o homem e o seu espírito. Portanto, o homem, a sua palavra e o seu espírito são uma essência. De modo semelhante Deus, a sua Palavra e o seu Espírito são Um. O homem que dá a sua palavra, dá tudo de si: a sua palavra, a sua alma, e o seu espírito. Ao acrescentar o homem à sua palavra e ao seu espírito, não obtemos três homens, mas um homem em todos os três aspectos. O homem, portanto, é também uma trindade e uma imagem reduzida da Santíssima Trindade. Não admira, pois Deus criou o homem à Sua imagem.

No homem há um movimento espiritual vital entre ele próprio e ele próprio. Ele consulta-se a si próprio, examina a sua mente e questiona-se a si próprio através do raciocínio. Ou concorda com os seus actos ou rejeita-os; o homem não está isolado dos seus pensamentos, a menos que esteja em conflito consigo mesmo, sofrendo de dœnças psicológicas que compartimentam a sua personalidade, revelando os sintomas de desequilíbrio. O homem é uma trindade. Este movimento espiritual assinalado no homem é perfeitamente harmonioso em Deus.

Outro exemplo da Trindade Divina: O Sol, a sua Luz e o seu Aquecimento são três aspectos da mesma entidade. **O Sol** representa Deus o Pai, a sua **Luz** representa a sua Palavra viva e vivificante enviada como luz ao mundo e o **seu Calor** representa o Espírito Santo vivo sentido dentro de nós. Aqueles que não beneficiam do Sol e da Vida são aqueles que fecham voluntariamente as portadas das suas casas.

A Inspiração do Evangelho ensinou-nos que o Criador é Um mas não separado da Sua Personalidade. Aberto a Si próprio, está na companhia da Sua própria Pessoa, perfeitamente em paz consigo mesmo, plenamente consciente do Seu Ser. Deus ama-se a si mesmo sabendo que é Beleza sem mácula. Todos aqueles que meditam em Deus com pureza de coração sentem a harmonia infinita do Ser divino e descobrem o triplo movimento da Sua Essência única e infinitamente amável.

Deus, o Pensamento que Ele tem de Si mesmo e o Amor do Seu Ser perfeito são chamados no Evangelho: o Pai (Deus), o Filho (a Sua Palavra ou o Seu Pensamento expresso em Si mesmo) e o Seu Espírito (a atmosfera de amor em que Deus se banha)

O Corão convida-nos a discernir entre a Trindade e o tritheísmo. Aqueles que respondem a este apelo com simplicidade dão um passo espiritual e psicológico gigantesco que os torna capazes de estar eternamente unidos a Deus, participando no seu Amor e na sua Vida sem fim.

4.2 O Messias e o seu título de Filho de Deus

Muitos ficam chocados com o título «Filho de Deus» atribuído a Jesus porque, dizem eles, Deus não tem filhos como os homens. O estatuto do Messias como Filho de Deus significa que o Messias não tem pai humano. À pergunta, «Quem é a mãe do Messias», a resposta é «Maria». E «Quem é o seu pai», a Bíblia e o Alcorão concordam que, como nenhum homem conhecia Maria, ninguém tem o direito de reivindicar a paternidade física de Jesus. O Evangelho e o Alcorão concordam em reconhecer este facto. Esta é a intenção do Evangelho ao qualificar o Messias como o Filho de Deus, sendo José o seu pai adoptivo.

Esta verdade é confirmada pelo Antigo Testamento e por várias profecias. No século X AEC, Deus enviou o profeta Natã ao rei David para anunciar o nascimento do Messias aos seus descendentes. Deus disse sobre ele:

> «Eu serei para Ele um Pai e **Ele será para Mim um Filho**» (2 Samuel 7:14)

No século VIII a.C., o profeta Isaías anunciou:

> «Eis que a menina*virgem* está grávida e vai ter um filho» (Isaías 7:14)

Estas profecias só foram compreendidas com o nascimento do Messias, Jesus, a partir da jovem virgem Maria. O Evangelho relata que o Anjo Gabriel anunciou a Maria que ela iria dar à luz um menino. Ela ficou surpreendida e perguntou-lhe:

> «Como será, eu não conheço um homem? O anjo respondeu: O Espírito Santo virá sobre vós, e o poder do Altíssimo vos ofuscará, **por isso** o Santo que de vós nascerá será chamado **Filho de Deus**.» (Lucas 1:34-35)

Devemos escrutinar a palavra do Anjo que revela a **razão pela qual** o Messias é chamado «Filho de Deus», explicando que «o Espírito Santo» virá sobre Maria, «**por isso** será chamado Filho de Deus», não sendo ele filho de nenhum homem.

O Evangelho de Mateus também nos diz que o Anjo apareceu então a José para certificar a virgindade de Maria, porque ele duvidava dela. O Anjo disse-lhe:

> «José, filho de David, não temas levar-te Maria, tua mulher: porque o que nela é gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e tu lhe chamarás Jesus... E tudo isto aconteceu, para que a palavra profética do Senhor (*em Isaías*) pudesse ser cumprida: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho» (Mateus 1:20-23)

Deus também inspirou este facto no Alcorão, atestando o nascimento miraculoso do Messias da virgem Maria pela acção divina, não humana. Maria respondeu ao Anjo:

> «Como posso ter um filho? Nenhum homem se aproximou de mim, e eu não sou um dissoluto. Ele disse: Assim será: *o* teu Senhor disse: Isto é fácil para mim. Ele será o nosso sinal perante os homens, e o sinal da nossa misericórdia. A decisão é fixa. Ela ficou grávida da Criança e retirou-se para um lugar longínquo.» (Alcorão 19; Maria,20-22)

Assim, o Corão certificou aos árabes que a mãe do Messias é virgem, pois deu à luz um rapaz sem intervenção humana, mas por iniciativa e intervenção divina. Este caso único na história da humanidade ganhou o Messias, e só Ele, o título de «Filho de Deus», pois cada outro homem tem um pai e uma mãe. Ao contrário de Adão, Jesus teve uma mãe, apesar de ter sido criado, diz a Bíblia, a partir da lama (ou pó). Adão não tem pai nem mãe.

Como compreender o que o Alcorão revela na seguinte sura sobre a Unidade de Deus:

> «Diga: Deus é Um. Ele é o Senhor Deus, Ele não deu à luz e não foi dado à luz. Ele não tem igual» (Alcorão 112; A Adoração pura,1-4)

A nossa resposta: Estas palavras são dirigidas aos pagãos de Meca sobre os deuses mitológicos, não aos cristãos sobre o Messias. De facto, estes pagãos acreditavam que os seus deuses comiam, casavam e davam à luz filhos. O Alcorão vem dizer-lhes que Deus não é como os seus ídolos, mas que Ele é eterno, não gerou ou gerou outro deus com a ajuda de uma deusa companheira, como Ele, que partilha a Sua divindade como na mitologia.

O próprio Alcorão nos incita a explicar estes versos como fizemos: Deus não tem concubinas com quem dorme a fim de ter filhos como foi o caso dos deuses de Meca:

> «O Criador do céu e da terra, como pode Ele ter um filho, Aquele que **não tem companheiro**, que criou tudo e sabe tudo»! (Alcorão Vl; O Gado, 101)

Este verso corânico não se dirige a Jesus, mas àqueles que o fazem:

> «nomearam associados de Deus: os Jinns, ainda que Ele (*Deus*) os tenha criado! E cortam **filhos e filhas** por Ele (*mitológicos*), sem saberem (*que estão em erro*)! Louvado seja Ele! Ele é superior ao que eles descrevem!» (Qurán VI; O Gado,- 100)

Os seguintes versos também devem ser interpretados no mesmo sentido:

> «Disseram: 'O Misericordioso deu-se a si mesmo um Filho' (*unindo forças com um companheiro*). Isto é uma coisa abominável que estás a dizer.» (Alcorão 19; Maria,88)

Por esta razão, Muhammad ainda diz no Corão:

> «Se o Misericordioso tivesse realmente um filho, eu seria o primeiro a adorá-lo» (Alcorão 43; O Ornamento,81)

A intenção divina evidente neste versículo é dirigida aos filhos destes «jinns» (espíritos árabes e deuses mitológicos), não ao Messias nascido da Palavra deste Deus único de quem Maomé foi «o primeiro adorador» tendo sido «o primeiro muçulmano» da Península Arábica, como explicado no Alcorão.

Era difícil para os árabes nos tempos pré-islâmicos compreender as verdades evangélicas espirituais. Foram afogados em prazeres sensuais e acreditavam que os seus deuses casavam e tinham concubinas como eles e «filhos e filhas», como revelado no capítulo «O Gado». O Corão vem explicar-lhes, na sua linguagem e mentalidade, colocando-se no seu nível, a existência de um só Deus que criou todas as coisas. Este Deus não precisa de uma concubina para dar à luz um filho por acto sexual, pois o Seu poder espiritual é tal que, por uma palavra, Ele cria o que Ele quer.

Os árabes não estavam preparados para compreender e aceitar uma criação feita por ordem divina. Deus veio apresentar este facto através do Alcorão, explicando-lhes a diferença entre o comportamento dos seus deuses mitológicos e o do único Deus Criador verdadeiro:

> «Deus não tem de ter um filho (*em termos físicos como os deuses de Meca*) Louvado seja Ele! Quando Ele decide uma coisa, Ele diz: Seja e é.» (Alcorão 19; Maria,35)

O Alcorão ainda diz na Sura «Os Grupos»:

> «Se Deus tivesse querido ter um filho, Ele teria **escolhido** quem Ele teria escolhido de entre aqueles que Ele criou» (Alcorão 39; Os Grupos,4)

O Alcorão revela, de facto, que Deus **escolheu** Maria **com o propósito de ter um filho**:

> «Os anjos disseram: Ó Maria! Na verdade, Deus **escolheu-te** na verdade, purificou-te, **escolheu-te** entre todas as mulheres do mundo» (Alcorão 3; Família de Imran,42)
>
> O Anjo disse a Maria: «... Eu sou apenas o enviado do vosso Senhor **para vos dar um rapaz puro**. Ela disse: Como posso ter um rapaz quando nenhum homem me tocou...? Ele disse: O vosso Senhor disse: Isto é fácil para mim! Faremos dele um sinal para os homens, e uma Misericórdia da nossa parte. E esse foi o fim (da questão). E ela concebeu a criança.» (Alcorão 19; Maria,19-22)

Foi exactamente isso que aconteceu com o Messias. De facto, o Alcorão afirma, como vimos, que Deus **escolheu** a Virgem Maria para **criar**, no seu ventre, e **através da Sua Palavra divina**, o Seu Messias abençoado. É, portanto, no ventre de Maria que Deus disse ao Messias: «Sê» e Ele era. Imediatamente, a Virgem escolhida ficou grávida da **Palavra de Deus**, como revelado na Sura «A Família de Imran»:

> «Os anjos disseram a Maria: 'Deus está a proclamar-vos **uma Palavra dele**; o seu nome é o Messias'» (Alcorão 3; Família de Imran,45)

O Alcorão confirma assim a revelação do Evangelho sobre o Messias:

> «...e **o Verbo tornou-se carne** e habitou entre nós, e vimos a sua glória, a glória do Filho unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade» (João 1:14)

Vamos finalmente relatar este último verso corânico:

> «Os judeus disseram: 'Uzair (*Esdras*) é o Filho de Deus'. Os cristãos disseram: 'O Messias é o Filho de Deus'. Esta é a palavra que sai das suas bocas; repetem o que os descrentes costumavam dizer. Que Deus os destrua! Eles são tão estúpidos.» (Alcorão 9; Arrependimento,30)

Precisamos de compreender este versículo com o entendimento de que o Alcorão confirma a Bíblia, não a contradiz. Fazer o contrário seria deixar-se desviar para o pior dos argumentos e não para o melhor dos argumentos que é o «Caminho Certo» prescrito pelo Alcorão. Neste Caminho da Luz, entendemos este versículo como se segue. Dizem: «O Messias é o Filho de Deus, mas esta palavra só sai das suas bocas», não está enraizada nos seus corações e não tem consequências espirituais positivas no seu comportamento diário. Eles continuam a viver como gentios. Se esta palavra viesse do fundo do seu coração, teria mudado as suas vidas. No entanto, agem tal como aqueles pagãos politeístas. Eles «repetem», infelizmente, usando o nome do Messias, o que os incrédulos disseram antes deles sobre as suas divindades dando à luz filhos e filhas. Estes «tolos» assemelham-se assim aos pagãos em tudo e sofrerão a mesma condenação. Ainda hoje, não podemos deixar de notar a decadência moral da grande maioria dos chamados cristãos que dizem «da sua boca o

Messias é Filho de Deus», mas agem eles próprios como filhos do diabo. Cristo tinha toda a razão em dizer:

> «Hipócritas! Isaías profetizou bem de vós, quando disse: 'Este povo honra-me com os seus lábios, mas os seus corações estão longe de mim. Eles veneram-me em vão.'» (Mateus 15:7-9)

O Alcorão apenas relata na sua língua estas palavras do Messias dirigidas aos falsos crentes.

A intenção da Inspiração Divina, ao dar ao Messias o título de Filho de Deus, é portanto clara: significa que Ele não tem pai humano. Este é o verdadeiro significado espiritual confirmado pela Bíblia e pelo Alcorão. Quem quer discutir fanaticamente divide as fileiras dos crentes e tem plena responsabilidade perante o Trono de Deus. Quanto a nós, empenhados em «O Caminho Certo», demonstrámos, através das Escrituras, a verdadeira intenção divina e a unidade da Inspiração Bíblico-Corânica, empregando assim «o melhor» dos argumentos que unem as fileiras dos crentes.

4.3 A Divindade do Messias

Ninguém imaginava que Deus pudesse descer tão baixo a ponto de assumir a natureza humana para aparecer neste mundo e falar com o homem que Ele criou, um homem como ele. O ser humano, presa do orgulho, recusa-se frequentemente a acreditar que a Majestade divina se rebaixa ao nível do ser criado.

O que diz a Inspiração Biblico-Corânica sobre a encarnação divina?

O Antigo Testamento prepara os crentes para esta verdade em duas etapas, gradualmente. Na primeira fase, a Torá revela a verdade sobre a existência do Deus Único. Na segunda fase, Deus falou aos Profetas sobre o Messias que iria enviar, apresentando-O em características sobrenaturais excepcionais.

Na primeira etapa

Os homens antes da Bíblia adoravam os deuses mitológicos ditatoriais com medo e apreensão. A Bíblia vem apresentar um Deus único, terno e misericordioso, perdoando os pecados daqueles que se arrependem (Êxodo 34:5-7). Apareceu falando com Abraão, Moisés e os Profetas, enquanto os homens que adoravam ídolos tremiam de medo perante os seus deuses e aniquilavam-se perante eles para mostrar a sua submissão. Na Bíblia, pelo contrário, Deus ensinou os homens a amá-Lo como um pai que cuida dos seus filhos, tal como os ensinou a não O temer a menos que sejam injustos:

> «Javé, Javé, Deus de misericórdia e compaixão, lento a irar-se, rico em graça a milhares, tolera a culpa, a transgressão e o pecado, mas não deixa nada impune.» (Êxodo 34:5-7)

O Alcorão, por sua vez, confirma esta verdade, revelando isso:

> «Deus é bom e misericordioso» (Alcorão 1; Fatiha,1)

Na segunda fase

Deus prometeu na Bíblia enviar o Messias como sinal da Sua misericórdia, para libertar o homem do inferno da ignorância, do fanatismo, do egoísmo e do orgulho. Anunciou aos seus profetas a vinda de um humilde Messias, mas nesta humildade reside a sua grandeza. Deus deu ao Messias nomes simbólicos revelando a sua verdadeira natureza divina e uma personalidade humana excepcional. Isaías (século VIII a.C.) diz sobre ele:

> «O próprio Senhor vos dará um sinal: Eis que a *virgem* está grávida, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emmanuel» (Isaías 7:14)

O nome «Emmanuel» significa «Deus connosco» (Mateus 1:23). Assim, com o Messias, é o próprio Deus que está connosco. Isaías também atribui outros nomes excepcionais a esta criança:

> «... Porque uma criança nos nasceu, um filho nos foi dado, foi-lhe dado poder sobre os seus ombros, e o seu nome é chamado: Conselheiro Maravilhoso, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz» (Isaías 9:5)

Deus nunca deu os nomes «Deus Forte» e «Pai Eterno» a outro profeta. Nenhum homem razoável se atreveria a usá-los. Pelo contrário, encontramos no mundo árabe nomes como: Abdullah, que significa «Escravo de Deus», Abdul-Massih, «Escravo do Messias», Abdul-Nabi, «Escravo do Profeta». Pelos nomes divinos dados ao Messias, Deus revela, através do Antigo Testamento, a sua própria vinda na pessoa do Messias.

A necessidade da encarnação de Deus aparece no grito de coração de Isaías, convidando-O a vir à Terra **Ele próprio**:

> «Oh, se Tu rasgasses os céus, e **descesse!**» (Isaías 63:19)

Outras profecias, nomeadamente as do profeta Miquéias (século VIII a.C.), anunciam o nascimento do Messias em Belém. Miquéias também prevê que as suas origens são **eternas**:

> «E tu (Belém) Efrata, o menor dos clãs de Judá, de ti nascerá aquele que há de reinar sobre Israel. As suas origens remontam aos dias de outrora, ao **dia da eternidade**» (Miquéias 5:1)

Como é que o Messias, nascido 750 anos depois de Miqueias, tem origens eternas? Esta profecia não foi compreendida até se cumprir. De facto, numa animada diatribe entre Jesus e os judeus, Ele declarou:

> «Em verdade, em verdade, digo-vos **antes de Abraão ser**, eu sou» (João 8:58)

Sabemos que Abraão precedeu o Messias na nossa terra por dois mil anos. Como pode Ele afirmar então que existe antes de Abraão, excepto, como diz Miquéias, que as Suas origens são eternas? Esta eternidade também aparece quando Jesus rezava abertamente perante os Seus Apóstolos, dizendo ao Seu Pai:

> «Eu glorifiquei-Te na terra... E agora, Pai, glorifica-me com a glória que eu tinha **contigo antes que o mundo fosse** feito» (João 17:4-5)

O Messias dirige-se ao seu Pai em voz alta para ensinar em que espírito se deve recorrer a Deus: com ternura e delicadeza. Ele também revela a sua essência divina, Aquele que existia com Deus «antes que o mundo fosse». No Evangelho Inspiração, vários versículos mencionam a eternidade do Espírito do Messias, não do seu corpo humano, claro, que, como toda a carne, foi criado no mundo.

Algumas pessoas ficam surpreendidas com a encarnação divina e questionam-se com uma mentalidade totalmente materialista: «Como poderia Deus, tendo-se encarnado no Messias na terra, dirigir o mundo e as estrelas do céu»? Esta é uma visão ingénua, infantil e restrita da omnipotência de Deus. Deus não precisa de deixar o céu para aparecer na terra.

Nos dias de hoje, este facto é mais compreensível do que no passado. A psicologia descobriu, de facto, os poderes desconhecidos e insuspeitos da mente humana. Um homem espiritual pode mover-se com o seu espírito e aparecer a milhares de quilómetros de distância do seu corpo. Da mesma forma, algumas pessoas podem controlar remotamente os pensamentos de outras, e mesmo dirigir indivíduos e comunidades à distância. Se tal é o poder do espírito humano criado,

que ainda não descobriu todas as suas faculdades, o que podemos dizer do Espírito Criador, cujo poder infinito ainda não percebemos? Deus pode, de facto, encarnar na terra sem, por tudo isso, deixar o céu.

No entanto, o que nos interessa na Inspiração não é o que os homens dizem sobre ela, mas o que o próprio Deus revelou aos Seus Profetas. Acreditamos no plano revelado de Deus, mesmo quando é um escândalo para aqueles que têm uma fé materialista e uma mente obtusa, impedindo-os de compreender os propósitos de Deus.

O que é que o Corão diz sobre o Messias? Que ele é a Palavra de Deus e o Seu Espírito:

> «Os anjos disseram a Maria: Deus vos proclama uma palavra dele. O seu nome é o Messias, Jesus, filho de Maria.» (Alcorão 3; Família de Imran,45)

Note-se que o nome desta Palavra divina é «Jesus o Messias», o que significa que o Messias é a Palavra de Deus. Agora a Palavra de Deus está continuamente com Ele, sendo da Sua essência divina, como revelado no Evangelho de São João:

> «No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo **era Deus**... e o **Verbo tornou-se carne**» (João 1:1-14)

O Alcorão revela-nos que o Messias é também o Espírito de Deus:

> «O Messias, Jesus o filho de Maria, é o Apóstolo de Deus e a sua Palavra depositada em Maria: Ele é um **Espírito de Deus**» (Alcorão 4; Mulheres,171)

Tal como não podemos separar a palavra da pessoa, também não podemos separar o espírito da pessoa. A Palavra de Deus é o próprio Deus, o Espírito de Deus é também Deus, é a Trindade Divina relatada pela Inspiração do Evangelho.

Algumas pessoas discutem estes assuntos usando argumentos fúteis, dizendo, por exemplo, que há líderes religiosos que levam o título «Espírito de Deus» (Ruh Allah) sem terem a essência divina. A resposta é que foram as tradições humanas que deram aos homens tais títulos, e a Inspiração Divina não tem nada a ver com isso. Os Livros Celestes nunca disseram de um profeta, por muito grande que fosse, que ele era a Palavra de Deus ou o Espírito de Deus. Aqui aparece o desvio das tradições humanas que denunciamos.

Deus usou os melhores meios para revelar gradualmente aos árabes a verdade da natureza do Messias, usando - de acordo com o seu hábito - uma pedagogia sábia. Aqueles que desejam ir mais fundo nas verdades inspiradas devem recorrer à Bíblia. Devem lê-lo, armando-se com o Espírito de Deus, para não o interpretarem com um espírito puramente humano ou filosófico que obscurece as verdades espirituais. O que é importante não é a simples leitura dos Livros inspirados, mas o **espírito** com que os Livros celestiais são lidos.

Se o Alcorão não nega a divindade do Messias, como podemos interpretar o seguinte verso?:

> «Blasfemaram aqueles que dizem: Deus é o Messias, o filho de Maria... O próprio Messias não disse: Ó filhos de Israel, adorai a Deus que é meu Senhor e vosso! Quem quer que associe outros deuses a Deus, Deus proibi-lo-á de entrar no paraíso e a sua morada será fogo. Não há defensores para aqueles que fazem mal.» (Alcorão 5; A Mesa,72)

O Alcorão refere-se aqui a uma certa categoria de cristãos que são considerados infiéis por causa das suas injustiças. Note-se que o versículo não diz: «**Todos aqueles que** dizem que Deus é o Messias blasfemam», mas «blasfemaram aqueles que dizem, 'Deus é o Messias'», nomeadamente, os cristãos conhecidos como aqueles que dizem «Deus é o Messias». É assim que a frase deve ser entendida: Os cristãos blasfemaram (ou blasfemaram).

Mas porque é que blasfemaram? Será por dizer que Deus é o Messias? Se esta fosse a intenção divina, então o versículo teria sido inspirado de forma inquestionável, esclarecendo qualquer mal entendido, tal como: «Todos aqueles que dizem que Deus é o Messias blasfema», ou, «Quem diz que o Messias é Deus blasfema».

Mas o Alcorão não considera **todos os cristãos** como blasfemos. Pelo contrário, elogia as virtudes de muitos cristãos, sabendo que eles dizem: «Deus é o Messias». Deus inspirou Muhammad com os seguintes versos:

> «Verificareis que aqueles que mais amam os crentes (*no Corão, os muçulmanos*) são aqueles que dizem: Somos cristãos: É porque eles têm padres e monges sem orgulho» (Alcorão 5; A Mesa,82)

Note-se que estes sacerdotes e monges acreditam que Deus é o Messias, mas o Corão elogia-os:

> «Aqueles que acreditaram, aqueles que seguem a religião judaica, os cristãos, os sabianos, e todos aqueles que acreditam em Deus e no Último Dia, e fazem o bem, todos estes receberão uma recompensa do seu Senhor; não têm nada a temer e não ficarão de luto» (Alcorão 2; A Vaca,62)
>
> «Aqueles a quem lhe demos o Livro (*A Bíblia*) antes Dele (*o Alcorão*), acreditam nele: e quando lhes é lido, dizem: Nós acreditamos nele: é a Verdade (*que vem*) do nosso Deus. Éramos muçulmanos (*sujeitos a Deus*) antes d'Ele! **Serão duplamente recompensados**: pois sofrem com paciência, e repelem o mal com o bem, e fazem o bem com os bens que Lhes concedemos: Quando ouvem um discurso frívolo, afastam-se do mesmo.» (Qurán XXVIII; O Recorde,52-55)

Concluímos que o Alcorão não condena em geral todos aqueles que dizem «Deus é o Messias» por terem dito estas palavras. Caso contrário, Deus teria condenado todos os cristãos. A verdadeira intenção de Deus nestes versos é condenar uma categoria de cristãos que, pelas suas más acções, blasfemaram e se tornaram infiéis. Outros versos do Alcorão, onde Deus louva os cristãos fiéis pelas suas boas acções, apoiam esta interpretação. Ele tranquiliza-os dizendo:

> «**Eles não têm nada a temer e não devem ficar de luto**... Eles têm entre eles padres e monges livres de todo o orgulho» (Alcorão 2; A Vaca,62 / Alcorão 5; A Mesa,82)

O Alcorão distingue duas categorias de cristãos: aqueles que seguem o caminho certo e aqueles que se desviam. Este último é justamente acusado no Alcorão de ser blasfemador.

O Alcorão diz:

> «**Nem todos são parecidos**. Entre o povo do Livro, há uma comunidade erecta cujos membros recitam, durante a noite, os Versos de Alá. Curvam-se, acreditam em Alá e no Último Dia, ordenam o que é certo, proíbem o que é errado, e apressam-se a fazer o bem: estes estão entre aqueles que são justos. Seja qual for o bem que façam, não lhes será negado: pois Deus conhece aqueles que O temem» (Alcorão 3; Família de Imran,113-115)
>
> «**Alguns dos que receberam** as Escrituras gostariam de vos enganar, mas só se enganam a si próprios, e não o sentem» (Alcorão 3; Família de Imran,69)
>
> «Há alguns entre aqueles que receberam as Escrituras a quem pode confiar a soma de um talento e que lha devolverão intacta. Há outros que não devolverão o depósito de um dinar a menos que os obrigue a fazê-lo» (Alcorão 3; Família de Imran,75)

A distinção feita pelo Alcorão entre as duas categorias de pessoas no Livro é clara a partir destes versos. A categoria dos perdidos é denunciada pelo Alcorão, não por causa da sua crença na

divindade do Messias, mas por causa dos seus actos perversos, tais como roubar bens de outras pessoas. Para o Alcorão elogia os padres e monges, por um lado, enquanto castiga outros:

> «Ó vós que acreditais, muitos médicos e monges comem o dinheiro das pessoas injustamente» (Alcorão 9; Arrependimento,34)

Comer o dinheiro das pessoas é, segundo a Inspiração do Evangelho, equivalente a idolatria. Do mesmo modo, toda a má acção é considerada idolatria pelo Evangelho. E Jesus, disse o Messias:

> «Nenhum homem pode servir dois senhores, ou odiará um e amará o outro, ou agarrar-se-á a um e desprezará o outro. Não se pode servir a Deus e ao dinheiro» (Mateus 6:24)

Assim diz São Paulo:

> «Saiba isto, nem o fornicador nem o fornicador, nem o cobiçoso - que**é um idólatra** - tem direito à herança no Reino do Messias e de Deus» (Efésios 5:5)

Apesar disso, muitos cristãos afirmam pertencer ao Messias, quando na verdade não passam de idólatras, tendo associado o culto a Deus ao culto do dinheiro e dos prazeres.

Não é portanto estranho que o Alcorão, depois do Evangelho, denuncie a categoria ímpia dos cristãos que dizem que Deus é o Messias. Estes cristãos são portanto acusados de idolatria devido ao seu amor pelo dinheiro e pelo prazer, e não porque digam que Deus é o Messias. Esta é a nossa interpretação.

Sim, nós também, com o Corão, afirmamos: «Blasfemaram aqueles que dizem: 'Deus é o Messias'». No entanto, estamos entre aqueles que dizem que Deus é o Messias. Afirmamo-lo sem preocupações, confiantes de que «não temos nada a temer e que não ficaremos de luto.» (Alcorão 2; A Vaca,62), sabendo que as nossas boas acções nos colocarão entre os abençoados, não entre os blasfemos.

Contudo - e para ser ainda mais claro - dizemos: «Blasfemaram aqueles que dizem que Muhammad é Profeta de Deus». No entanto, acreditamos que Maomé é um Profeta de Deus digno. E esperamos que não sejamos classificados, por causa de actos perversos, como blasfemos. Muitos daqueles que dizem que Maomé é um Profeta de Deus distanciaram-se, de facto, dos princípios e nobres mandamentos do Alcorão, rejeitando o espírito de abertura do Alcorão. Eles estão entre os blasfemos. Remetemos os nossos leitores para o que o Profeta Maomé e o Xeque Mohammed Abdo dizem sobre isto na nossa introdução.

Do mesmo modo, dizemos: «Blasfemaram aqueles que dizem que Moisés é um profeta de Deus». No entanto, acreditamos que Moisés é um Profeta de Deus. Mas denunciamos o sionismo e os seus seguidores criminosos que dizem que Moisés é um profeta de Deus.

A encarnação divina responde a uma necessidade absoluta, dada a espessa escuridão em que a humanidade foi mergulhada. Os próprios Profetas foram incapazes de salvar a humanidade. Esta incapacidade reflecte-se nas palavras do Profeta Isaías:

> «Fomos todos enganados. . . » (Isaías 53:6)

Só Deus não se afasta. Só ele é capaz de libertar o homem da escuridão. É por isso que..:

> «A Palavra tornou-se carne e habitou entre nós» (João 1:14)

Deus respondeu ao grito de coração do Profeta Isaías:

> «Oh, se Tu rasgasses os céus, e descesse!» (Isaías 63:19)

4.4 A crucificação do Messias

A Bíblia, no Antigo Testamento, anuncia que o Messias será desprezado e posto à morte pelos judeus. O profeta Isaías (século VIII a.C.) tinha dito sobre o Messias:

> «Ele é desprezado e rejeitado pela humanidade, um homem de tristezas e conhecido por sofrer. Ele foi desprezado e desacreditado. Ele foi desprezado e desprezado. Mas foram os nossos sofrimentos que Ele suportou e as nossas tristezas que Ele foi sobrecarregado. E o resto de nós sentimos que Ele foi castigado, golpeado por Deus e humilhado. Foi trespassado por causa dos nossos pecados, esmagado por causa dos nossos crimes. O castigo que nos traz a paz está sobre Ele, e é através das Suas feridas que somos curados. Como ovelhas, estávamos todos perdidos. E Deus colocou sobre Ele as iniquidades de todos nós. Tratou-nos terrivelmente, humilhou-se, não abriu a boca... Ele foi **cortado da terra dos vivos**; pelos nossos pecados ele foi **atingido até à morte**. A sua sepultura foi colocada entre os ímpios, mas Ele não fez mal, nem a sua boca proferiu uma mentira. Deus quis esmagá-Lo com sofrimento. Se ele fizer expiação pela sua vida, verá uma posteridade, prolongará os seus dias, e tudo o que agradar ao Senhor será feito através dele.» (Isaías 53:1-10)

Esta é a descrição do Antigo Testamento do drama do Messias e da sua morte oito séculos antes do seu cumprimento. Se hoje retratássemos o sofrimento do Messias, não seríamos mais bem sucedidos do que Isaías.

Qual é o significado desta profecia divina: «Ele foi trespassado por causa dos nossos pecados. E fomos todos desviados»! Quais são estes pecados, e que mal-entendidos sofreram os judeus? São os crimes do Sionismo e a sua má orientação. De facto, o espírito sionista infiltrou-se no povo judeu ao longo dos séculos e este espírito tem sido fortemente condenado pelos profetas do Antigo Testamento e pelo Messias. «Todos nós nos desviámos» disse o profeta Isaías. Este erro de orientação reside na **politização do judaísmo**. De facto, os sionistas concebem o judaísmo como um Estado israelita. Por outro lado, Deus deseja-lhe fé e arrependimento para toda a humanidade. Foi por isso que o Messias tinha declarado:

> «O meu Reino (*espiritual e universal*) não é deste mundo (*político e restrito*)» (João 18:36)

Os judeus sionistas de hoje estão a seguir os passos dos seus antepassados e a desviar-se para a ilusão do sionismo. Depois de ocupar a Palestina, a maioria dos israelitas ainda sonha com a Grande Israel, o império israelita que se estende desde o Nilo até ao Eufrates. O drama do Médio Oriente é causado pelo Sionismo e reproduz no século XX o drama de Jesus, o Messias, que denunciou o Sionismo até à Cruz.

O mal sionista também tinha chegado aos próprios Apóstolos de Jesus. Eles estavam à espera - como todos os outros judeus - de um Messias militar que lideraria um movimento de libertação sionista. Esperam que Jesus lance uma campanha expansionista violenta e armada contra os romanos e os países vizinhos da Palestina. O objectivo deste movimento militar messiânico teria sido o estabelecimento de um império sionista. É por isso que o Messias, longe de lhes falar de glória militar, preparou-os gradualmente para o pensamento da sua morte, substituindo assim uma visão espiritual de salvação pelas suas ambições políticas e racistas.

De facto, Jesus, depois de se ter assegurado de que os seus Apóstolos acreditavam Nele como Messias, revelou-lhes o seu messianismo espiritual não político através da sua matança:

> «A partir desse dia, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que devia ir a Jerusalém, sofrer muito sofrimento às mãos dos anciãos, chefes dos sacerdotes e escribas, ser morto, e ao terceiro dia ressuscitar» (Mateus 16:21)

A reacção espontânea dos Apóstolos foi uma desilusão; Pedro rejeitou esta visão não política e apressou-se a dizer:

> «Deus nos livre, Senhor... Não, isso não lhe acontecerá» (Mateus 16:22)

Mas o Messias repreendeu-o e continuou a repetir aos Apóstolos que Ele tinha de ser crucificado e morto (Mateus 16:23 e Lucas 9:22 / 9:44-45).

O espírito sionista tinha penetrado de tal forma a mentalidade judaica que os próprios Apóstolos acharam extremamente difícil livrarem-se dela. O Evangelho menciona que Jesus, mesmo após a sua morte e ressurreição, teve de aparecer a dois dos seus discípulos a fim de lhes explicar as profecias do Antigo Testamento sobre os seus sofrimentos. Disse-lhes ele:

> «Espíritos ininteligentes, lentos a acreditar em tudo o que os Profetas disseram! Não era necessário que o Messias suportasse estes sofrimentos para entrar na Sua glória? E, começando por Moisés e passando por todos os profetas, ele interpretou-lhes em todas as Escrituras o que lhe dizia respeito» (Lucas 24:25-27)

O Messias entrou na sua glória - uma glória espiritual, não mundana ou política - através da porta do martírio. O martírio pela justiça é aos olhos de Deus uma glória e uma dignidade, não uma vergonha como algumas pessoas pensam. O Messias não desprezou o martírio, e qualquer um que o veja como um acto vergonhoso não é guiado pelo Espírito Santo de Deus. Os Apóstolos demoraram muito tempo a compreender esta forma de pensar; alguns até se envergonharam do que São Paulo, na sua carta, chamou «o escândalo da cruz» (Gálatas 5:11).

Muitos desprezaram Jesus por causa da sua crucificação. Os Apóstolos, por outro lado, não coraram com a sua morte, porque o Messias, após a sua ressurreição, explicou-lhes o significado profundo da Cruz. Compreenderam então a intenção e a sabedoria de Deus e submeteram-se a ela. S. Paulo escreve na sua primeira carta aos Coríntios:

> «Pregamos um Messias crucificado, um escândalo para os judeus e uma loucura para os gentios» (1 Coríntios 1:23)

Deus quis, através da matança do Messias, estabelecer um critério de fé para separar os verdadeiros crentes dos sionistas. Estes últimos recusaram-se a segui-Lo devido ao seu apego à política e à glória temporal. O Alcorão refere-se aos sionistas que, depois de acreditarem em Jesus como um Messias sionista, renunciaram a segui-lo **após a sua morte**, compreendendo que Ele não iria satisfazer o seu sonho de hegemonia:

> «Algumas das pessoas do Livro (*dos judeus*) queriam acreditar n'Ele (*o Messias*) **antes da sua morte**, e no dia da Ressurreição Ele testemunhará contra eles» (Alcorão 4; Mulheres,159)

Este versículo demonstra claramente que o Messias foi verdadeiramente condenado à morte.

Se esta era a atitude do povo da Bíblia - os judeus, escribas e fariseus já iniciados na morte de Cristo por profecia bíblica - quanto mais deveria Deus poupar os árabes daquele tempo, incapazes de assimilar este facto da Cruz? Os árabes dos tempos pré-islâmicos não podiam conceber nem aceitar um Messias aparentemente derrotado, pendurado numa cruz e morto por homens, os judeus, que deveriam ser suas testemunhas.

Porque é que o Messias teve de ser condenado à morte? Abolir o espírito sionista na mente dos seus seguidores. Quando os seguidores viram Jesus, a quem acreditavam ser o Messias político numa cruz, perceberam que o sionismo é um erro e uma ilusão que teve de ser definitivamente renunciado.

Se o Messias não tivesse sido crucificado, os seus discípulos não teriam compreendido o seu erro e teriam continuado a pedir-lhe que estabelecesse o reino sionista de Israel. Através da cruz, o Messias pôs um fim ao conceito sionista.

Jesus é o Salvador porque Ele salva todos aqueles que acreditam Nele, não só das correntes sionistas, mas também de qualquer ideal ilusório semelhante, de qualquer mentalidade materialista, mesmo quando está escondido sob uma aparência religiosa. Este é o caso do islamismo político e nacionalista e do cristianismo. Qualquer tentativa de politizar a religião - todas as religiões - é outro sionismo disfarçado sob outro nome. O Vaticano, ao proclamar-se um «estado» em 1929, semelhante a outros estados, caiu na mesma armadilha que o sionismo.

Como já foi mencionado, era impossível para os árabes da época pré-islâmica compreenderem a mensagem do Messias aparentemente derrotado. É por isso que o Alcorão - como bom professor - os apresenta gradualmente com as verdades e factos do Evangelho. Também se deve ter em conta que nessa altura os árabes avaliaram o homem pela sua força física, valentia e bravura no brandir da espada, e não por qualidades como a ternura, humildade e martírio pela justiça.

Esta mentalidade ainda hoje prevalece em muitas sociedades; muitos não aprenderam nada com a Inspiração Divina e continuaram a desprezar os humildes e mansos, chamando-os fracos. Tal comportamento é característico do espírito sionista, derrotado por Jesus numa humilde cruz.

O Alcorão preparou os árabes com grande habilidade e delicadeza para compreenderem a sabedoria do martírio do Messias. Isto só pode ser descoberto pelo investigador cuidadoso e bem intencionado. Pois o Alcorão fala dos judeus ao condená-los:

> «Eles quebraram o pacto, blasfemaram contra os sinais de Deus, condenaram injustamente os profetas à morte. Eles blasfemaram inventando calúnias atrozes contra Maria. Disseram: 'Matámos o Messias, Jesus, o filho de Maria, o Mensageiro de Deus'. Não, eles não O mataram, nem O crucificaram; mas pareceu-lhes que o tinham feito. Mas Deus elevou-O a Si próprio.» (Alcorão 4; Mulheres,155-158)

Alguns crentes superficiais apressam-se a pensar que estes versos do Alcorão negam a crucificação e a morte física do Messias. No seu entusiasmo, lançam um ataque total ao evangelho, afirmando que o evangelho - que regista a crucificação de Jesus - é falso. Pelas suas conclusões precipitadas, contradizem o Alcorão, que diz que ele atesta o Evangelho. Ao recuar, para consultar o Corão calmamente e sem fanatismo, teriam descoberto que o Corão fala - num outro verso - da morte do Messias.

Aqui, aparece a importância da busca da unidade da Inspiração e a necessidade de aprofundar o estudo do Alcorão para alcançar a intenção divina. Assim, guiados por um «Livro da Luz», conseguiremos evitar a armadilha da interpretação literal, que nos afasta da intenção divina. O próprio Alcorão encoraja-nos a seguir este caminho com uma declaração franca sobre a morte do Messias, onde o Messias em criança diz:

> «A paz esteja comigo no dia em que eu nascer e no dia em que **eu morrer** e no dia em que eu **ressuscitar**» (Alcorão 19; Maria,33)

O Alcorão fala, portanto, da morte e ressurreição do Messias, testemunhando assim o Evangelho. Alguns crentes superficiais pensam que estes versos são sobre o regresso do Messias no fim dos tempos. Só então o Messias seria - de acordo com eles - condenado à morte. A Inspiração Divina não fornece qualquer base para estas fantasias. Não compreendemos porque é que estes «crentes» aceitam a ideia da morte do Messias no fim dos tempos, ao mesmo tempo que a rejeitam para a sua primeira vinda. O Alcorão também menciona a morte do Messias no versículo seguinte onde Jesus, falando a Deus **após a Sua morte**, diz sobre os judeus que renunciaram a Jesus após a Sua morte:

> «Fui uma testemunha contra eles enquanto estive entre eles. Então, quando Me **mataste**, Tu mesmo foste testemunha contra eles, e Tu és a Testemunha de todas as coisas» (Alcorão 5; A Mesa,117)

Já vimos que o Alcorão condena o povo do Livro (os judeus) que deixou de acreditar em Jesus **após** a sua morte:

> «Algumas das pessoas do Livro acreditaram Nele (Jesus) apenas **antes da Sua morte** e no Dia da Ressurreição Ele testemunhará contra elas» (Alcorão 4; Mulheres,159)

A morte do Messias é também relatada no verso seguinte que diz sobre os judeus descrentes:

> «Eles enganaram Jesus (*para o matar*), mas Deus também enganou, e Deus é o mais astuto dos astuciosos. Pois Deus diz: Ó Jesus, eu te matarei (*moutawaffîca*), e te ressuscitarei a Mim. Eu libertar-vos-ei dos blasfemos (*judeus que vos negam*), e elevarei aqueles (*judeus crentes*) que vos seguiram acima daqueles que não acreditam em Vós até ao Dia da Ressurreição.» (Alcorão 3; Família de Imran,54-55)

NB: Também aqui, a palavra árabe «moutawaffîca», que significa «Eu mato-vos», está mal traduzida como «Para vos lembrar de Mim». Isto é falso. De facto, esta palavra designa uma morte física, uma morte corporal.

Como podemos conciliar os versículos do Corão onde o próprio Deus declara a morte de Jesus e aqueles onde o próprio Jesus declara a sua morte, com o versículo do Alcorão 4; Mulheres,157, que diz:

> «Eles não O mataram, não O crucificaram, mas pareceu-lhes que sim!» (Alcorão 4; Mulheres,157)

A Inspiração Alcorânica contradiz-se a si própria? Certamente que não!

Aqueles que param na interpretação literal tropeçam e, como diz o Alcorão sobre aqueles que adoram a Deus ao pé da letra:

> «Eles caem de cara neste mundo e no próximo. Esta é a perdição óbvia» (Alcorão 22; A Peregrinação,11)

Elevando-nos ao nível da Intenção Divina na Inspiração - para compreender de acordo com o espírito e não de acordo com a letra - não veremos no versículo 157 do capítulo das Mulheres (Alcorão IV) qualquer negação da crucificação e morte física do Messias. A intenção de Deus é fazer-nos compreender que os judeus, ao matarem o Messias, não puseram um fim à sua mensagem. «Pareceu-lhes» que, ao matá-lo, poderiam abortar a sua missão no berço. Mas a sua mensagem, após a sua morte, espalhou-se como fogo através da palha até aos confins da terra.

Os judeus temiam a mensagem de Jesus, contrária ao sionismo, ainda mais do que a sua Pessoa. Agora a Sua mensagem, que tinham visado ao matá-lo, espalhou-se por todo o mundo **devido a esta crucificação**. Assim Deus, «o mais astuto dos astutos», triunfou sobre a astúcia dos judeus (Alcorão 3; Família de Imran,54-55).

Algumas pessoas pensam que a astúcia de Deus era mais fina do que a dos judeus sionistas, porque Ele criou o Messias para Si, salvando-o de ser condenado à morte. Mas esta interpretação contradiz a Inspiração Bíblica-Corânica. Por conseguinte, não podemos aceitá-lo. Acreditamos que a astúcia divina triunfou sobre a destes descrentes porque a morte do Messias foi a causa da derrota do Sionismo. Deus, após a morte do Messias, ressuscitou-O e elevou-O até Ele, enquanto os judeus pensavam tê-Lo lançado nas profundezas do inferno. A vitória de Deus sobre os judeus não termina com a elevação do Messias: O Criador confunde ainda mais os judeus, elevando eternamente os **discípulos do** Seu Messias acima deles:

> «Deus disse a Jesus: 'Eu elevarei aqueles que Vos seguiram (*os judeus crentes*) acima daqueles que não acreditam em Vós (*os judeus sionistas*), até ao Dia da Ressurreição'» (Alcorão 3; Família de Imran,55)

Nada justifica aqueles que negam a crucificação do Messias com o pretexto de O glorificarem. O martírio para a causa de Deus não é uma vergonha. Portanto, Deus responde no Alcorão a todos aqueles que pensam que glorificam o Messias negando a Sua crucificação:

> «Responda-lhes (Muhammad): Quem poderia parar o braço de Deus se Ele **destruísse o Messias**, o filho de Maria, e sua mãe, e todo o povo da terra»! (Alcorão 5; A Mesa,17)

Agora, como vimos anteriormente, a Bíblia revela-nos através do profeta Isaías, oito séculos antes de Jesus, que Deus já tinha decidido**aniquilar** o Messias:

> «... Ele foi **cortado da** terra dos vivos. Pelos nossos pecados, Ele foi atingido **até à morte**. ...e Deus estava **disposto a** esmaga-lo com sofrimento» (Isaías 53:8-10)

A nossa convicção é firme: ninguém pode parar o braço de Deus que age segundo o seu plano e a sua sabedoria, muitas vezes mal compreendido pelos homens. Deus aniquilou verdadeiramente fisicamente o Messias como profetizado no Antigo Testamento e como o próprio Messias ensinou no Evangelho. O Alcorão apenas certifica isto. Contudo, se Deus **quis aniquilar** fisicamente o Messias, foi com o propósito de O glorificar espiritualmente e eternamente. Isto será conseguido pela destruição iminente e final do Sionismo encarnado hoje no Estado de Israel.

Acreditar que o Messias não foi condenado à morte significa acreditar num Messias político e militar. Esta é outra forma de Sionismo. O Messias teve de passar pela morte para mudar a mentalidade de homens bem-intencionados que caíram nas redes do materialismo.

Seguindo estas reflexões, pode-se chegar a uma conclusão simples e verdadeira: a crença na crucificação do Messias não contradiz o Alcorão quando os seus versos são interpretados espiritualmente, de acordo com o nosso princípio válido para todos os Livros inspirados. Por outro lado, a negação da crucificação do Messias leva os intérpretes do Alcorão a procurar explicações contorcidas a fim de as adaptar aos versos do Alcorão que falam da sua matança. Acabam assim por contradizer o Evangelho, em vez de o confirmarem como a intenção do Alcorão. Este comportamento culpável não é o «Melhor dos Argumentos» nem o «Caminho Certo» prescrito pelo Alcorão.

Morrer como mártir por Deus é uma glória infinita: ninguém a pode tirar ao Messias Jesus, o Primeiro dos mártires. Aquele que tiver compreendido esta verdade deixará de querer tirar a «*vergonha*» da cruz ao Messias. Morrer por Deus é viver eternamente, como revela o Alcorão:

> «Não digas que aqueles que são mortos à maneira de Deus são os mortos. Não, **eles estão vivos**; mas **você não compreende**isto» (Alcorão 2; A Vaca,154)

O Alcorão é lógico consigo mesmo. Não considera os mártires de Deus como mortos, mas como vivos. É por isso que, respeitando os seus próprios princípios, não se detém na matança do Messias, mas, como mártir, declara-O vivo para sempre. Os judeus não O mataram porque Deus, «o mais astuto dos astuciosos», O fez viver novamente eternamente, mas eles «não O compreendem». O Alcorão diz ainda sobre este assunto:

> «Não pensem que aqueles que foram mortos à maneira de Deus estão mortos: eles vivem perto de Deus, e recebem dele o seu alimento» (Alcorão 3; Família de Imran,169)

Nós, que acreditamos na crucificação, morte e ressurreição do Messias, dizemos: «Eles não O mataram, não O crucificaram. Mas pareceu-lhes que sim».

4.5 A falsificação da Bíblia

Evidências do Alcorão sobre a autenticidade da Bíblia

Ao longo dos séculos, alguns judeus espalharam o rumor de que a Bíblia, e especialmente o Evangelho, foi falsificada pelos cristãos. O seu objectivo era convencer as pessoas de que as profecias nas quais os cristãos confiam para acreditar em Jesus como Messias são falsificadas e não existem no Antigo Testamento - pelo menos na forma apresentada pelos cristãos. Assim, os cristãos teriam manipulado os textos bíblicos para os adaptar a Jesus.

Muitos têm acreditado nesta calúnia e têm-na vendido até aos dias de hoje, desprezando assim a Bíblia e especialmente o Evangelho. Alguns árabes chegam ao ponto de impedir a introdução do Evangelho no seu país e nas suas casas quando, paradoxalmente, abrem as suas portas a livros e revistas imorais.

Fingir que a Bíblia é falsificada é uma heresia inspirada pelo Diabo que, como diz o Alcorão:

> «sugere pensamentos malignos e sopra o mal no coração dos homens» (Alcorão 114; Homens,5)

Não encontramos nenhum versículo no Alcorão que avise o crente contra a falsificação da Bíblia. Pelo contrário, o Alcorão diz que **certifica** a Bíblia (Alcorão 4; Mulheres,47). Será que o Alcorão autenticaria um texto bíblico falsificado?

Como advertiria o Alcorão contra a Bíblia, quando a Inspiração é uma só? Deus é Todo-Poderoso para proteger a Sua Inspiração, e não pode permitir a falsificação do Livro que Ele inspirou. De que outra forma poderíamos recorrer a um «Livro da Luz» para nos guiar no caminho certo? E que referência teríamos nós? Quem difamar a Bíblia afirmando que ela é falsificada, difama o Alcorão, que certifica a sua autenticidade.

Uma das diferenças fundamentais entre a inspiração do Alcorão e muitos muçulmanos tradicionais é que o Alcorão atesta a Bíblia, enquanto que este último a difama. O Alcorão diz:

> «Aqueles a quem nós (*Deus*) demos o Livro (*a Bíblia*), **leiam-no correctamente**. Aqueles que acreditam nele e **aqueles que não acreditam nele são os perdedores**» (Alcorão 2; A Vaca,121)

A explicação dada por «Al-Jalalein» para a expressão «lê-Lo correctamente» é a seguinte: «Ou seja, lêem-no como Ele foi inspirado». Adoptamos esta interpretação correcta que tem o mérito de expressar a Intenção do Senhor.

O testemunho do Alcorão a favor da autenticidade do Antigo e do Novo Testamento torna qualquer discussão desnecessária para nós. Perguntamo-nos como é que algumas pessoas afirmam acreditar no Alcorão enquanto afirmam que a Bíblia é falsificada. Ao difamarem a Bíblia, demonstram que não acreditam no Alcorão, uma vez que o Alcorão diz explicitamente da Bíblia que:

> «Aqueles que não acreditam no Alcorão são os perdedores» (Alcorão 2; A Vaca,121)

O Alcorão dá testemunho do Evangelho ao dizer novamente:

> «Que o povo do Evangelho julgue pelo que Deus inspirou nele, e aqueles que não julgam pelo que Deus inspirou nele são infiéis» (Alcorão 5; A Mesa,47)

O Alcorão encoraja portanto o povo do Evangelho a julgar em virtude do que Deus inspirou nele para o guiar. Não será este certificado do Alcorão a favor do Evangelho um testemunho seguro da sua autenticidade e do dever de o utilizar? Apesar disso, um grande número de judeus,

muçulmanos e cristãos afirmam o contrário. Qual será o julgamento destes «infiéis», como são chamados no Alcorão?

Aqueles que afirmam que o Evangelho é «falsificado» não demonstram uma fé absoluta no Alcorão, mas um fanatismo cego. De facto, estas pessoas escondem-se sob uma máscara de ódio por toda a Inspiração Divina. As mesmas observações são dirigidas àqueles que desprezam o Alcorão sob o pretexto de acreditarem no Evangelho.

Qualquer muçulmano que pense que o Evangelho é falsificado é contra o Alcorão. E qualquer cristão que ataque o Alcorão é contra o espírito do Evangelho. Qualquer pessoa que tenha verdadeiramente compreendido o espírito do Evangelho, só pode abraçar o Alcorão.

O Alcorão confia constantemente na Bíblia como sua referência segura e fiel. De facto, Deus aconselha Muhammad a consultar os leitores da Bíblia se duvidar das palavras divinas que lhe foram inspiradas:

> «Se tiver dúvidas sobre o que lhe foi enviado do alto, pergunte **àqueles que leram as Escrituras enviadas antes de si**» (Alcorão 10; Jonas,94)

Teríamos gostado de ver cada muçulmano pôr em prática o espírito do Corão e cada cristão pôr em prática o espírito do Evangelho, a fim de quebrar as correntes do fanatismo que conduzem à perdição. Que cada muçulmano imite, portanto, o Profeta do Islão que encheu o seu coração apenas com palavras de piedade e respeito pela Bíblia:

> «Nós (*Deus*) inspiramos a Torá na qual há luz e orientação para os Profetas julgarem pelo seu conteúdo... E nas suas pegadas enviamos Jesus, o filho de Maria, para confirmar a Torá. E demos-lhe o Evangelho que contém a Orientação e a Luz certas e confirma a Torá. **Que o povo do Evangelho julgue pelo que Deus nele inspirou**» (Alcorão 5; A Mesa,44-47)

Há um único versículo corânico que o crente no Evangelho pode recusar sob o pretexto de que ele ataca o Evangelho? Não, não há nenhum versículo no Corão que contradiga o Evangelho e os seus ensinamentos, desde que, no entanto, a interpretação tenha em consideração «o Melhor dos Argumentos», ou seja, aquele que atesta o Evangelho, e não aquele que o contradiz.

Qualquer interpretação do Alcorão contrária ao Evangelho é um falso testemunho contra o Alcorão. Estamos consternados com aqueles que apresentam falsas interpretações do Alcorão e depois justificam as suas afirmações erradas afirmando que é o Evangelho que está a ser falsificado. Esta justificação é ainda mais censurável do que o próprio erro. O próprio Alcorão denuncia e julga tais pessoas.

Do mesmo modo, estamos consternados com aqueles que rejeitam o Alcorão, sob o pretexto de que ele é contrário ao Evangelho. Esta afirmação é falsa, pois o Alcorão atesta o Evangelho e confirma-o, então porquê rejeitá-lo sob um falso pretexto? Não será, pelo contrário, mais honesto e mais simples acreditar no Alcorão, pois ele dá testemunho do Evangelho? De facto, o Alcorão diz ao povo da Bíblia:

> «Vós que recebestes o Livro (*da Bíblia*) acreditais no que Deus enviou do céu (*o Alcorão*) **confirmando** o que está convosco (*a Bíblia*)» (Alcorão 4; Mulheres,47)

É por isso que o povo da Bíblia deve esforçar-se por procurar a interpretação corânica que **confirma** a Bíblia «quem está com eles». Ao agirem com amor e sabedoria, conseguirão unir as fileiras e pôr fim ao ódio denominacional.

O Alcorão também dirige os seus mandamentos aos muçulmanos, dizendo:

> «Ó vós que acreditais! Crê em Deus, no Seu apóstolo (*Maomé*), no Livro que Ele lhe enviou (*o Alcorão*), no **Livro que desceu antes dele** (*a Bíblia*). Aquele que não acredita em Deus, nos Seus Anjos, nos **Seus Livros** (*o Antigo e o Novo Testamento* e o Alcorão), nos Seus Apóstolos e no Último Dia, está numa perplexidade longínqua» (Alcorão 4; Mulheres,136)

Não nos compete julgar aqueles que não acreditam nos livros sagrados do Antigo e do Novo Testamento no **seu texto actual**, nem condená-los mais fortemente do que o próprio Deus declarou no Corão: «Eles estão num erro longínquo». Por conseguinte, exortamo-lo a acreditar no **presente texto da** Bíblia, pois é este texto que o Profeta Maomé conhecia. A Inspiração Divina no Corão refere-se a este texto, porque a evidência, mesmo científica, da sua autenticidade é múltipla e destrói qualquer argumento contrário.

Não existe, contudo, nenhuma prova científica da falsificação da Bíblia. Se uma pessoa que está convencida desta falsificação conseguir apresentar provas científicas do que está a dizer, ficaria grata se se tornasse seu discípulo.

Prova Científica da Autenticidade da Bíblia

Deus não inspirou a Bíblia a entregá-la aos caprichos e à malícia dos homens. Aqui estão as principais provas científicas -frutas da arqueologia moderna - que, juntamente com o Corão, atestam a autenticidade da Bíblia:

1. Os pergaminhos «Mar Morto» descobertos em 1947 em Qumram (perto do Mar Morto) demonstram a autenticidade do Antigo Testamento. Os estudiosos compararam este texto com o que temos e consideraram-no autêntico. Estes textos, datados do século II a.C., estão inscritos em pele de cabra. Estes pergaminhos encontram-se no Museu Rockefeller em Jerusalém. Os museus internacionais têm cópias.

2. O papiro «Rylands», que data do ano 125 d.C., contém parte do capítulo 18 do Evangelho de São João. É consistente com o presente texto.

3. O papiro chamado «Chester Beatty» contém grandes partes do Novo Testamento. Datam do século III d. C... Este texto é também consistente com o texto actual e encontra-se no Museu do Michigan (E.U.A.).

4. A chamada Bíblia do Vaticano data do século IV d.C. e contém a Bíblia inteira em latim. Encontra-se no Museu do Vaticano.

5. A chamada Bíblia do Sinaiticus, descoberta no Convento de Santa Catarina, no Sinai, encontra-se no Museu Britânico. É a Bíblia em grego e também remonta ao século IV d.C. Foi descoberto por um príncipe russo no final do século XIX.

6. Uma prova lógica da autenticidade da Bíblia é que as muitas denominações cristãs têm o mesmo texto bíblico. Este texto existe em diferentes línguas e é consistente com os textos originais.

7. Muitos estudiosos muçulmanos negam a falsificação da Bíblia. Os principais são os dois grandes xeques conhecidos (falecidos): Afghani e Muhammad Abdo.

De acordo com uma fábula vendida por alguns «crentes», o Evangelho teria sido elevado ao Céu com o Messias e já não estaria na Terra. A estas pessoas fazemos a seguinte pergunta: Quanta verdade há nestas palavras, uma vez que o Corão diz que aqueles que lêem a Bíblia «lêem-na correctamente»? Como poderiam lê-lo correctamente se já não se encontra na terra?

Estas ilusões são tanto mais ridículas quanto o Alcorão recomenda ao povo do Evangelho que julgue de acordo com o que Deus inspirou neles. Poderá Deus, no Alcorão, recomendar que se julgue por um Livro que já não existe?

Mostrámos que o Corão é uma leitura árabe da Bíblia que, na época do paganismo árabe, existia apenas em três línguas: hebraico, grego e latim. Esta é uma prova irrefutável, apoiada pelas descobertas da arqueologia moderna, da presença da Bíblia na terra naquela época. Por isso, não foi ocupado com o Messias no Céu! As descobertas arqueológicas já mencionadas demonstram isto.

A tradição muçulmana oficial também relata, nas «Nobres Conversas» do Profeta Maomé, um facto de importância primordial[3]. Após o aparecimento do Anjo Gabriel a Maomé, anunciando-lhe a sua missão, o Profeta ficou perturbado. Abandonou imediatamente o seu local habitual de meditação e relatou o acontecimento a Khadija, a sua esposa. Para o tranquilizar, ela levou-o diretamente a Waraka-Ibn-Nofal, primo de Khadija e tio de Maomé. Bukhari relata que Waraka era um escriba árabe – convertido ao cristianismo – **que redigia «o Evangelho em hebraico».** A Bíblia existia, portanto, «na Terra» na época de Maomé, na própria Península Arábica.

As provas científicas e bíblicas aqui apresentadas demonstram a autenticidade da Bíblia. Mostra o enorme abismo entre as palavras do Alcorão e do seu Profeta a respeito da Bíblia, por um lado, e a calúnia de alguns crentes tradicionalistas, por outro. Pela nossa parte, confiamos no testemunho do Alcorão e do seu Profeta a favor da Bíblia. E este testemunho é suficiente para nós.

Alguns acreditam que o Evangelho foi falsificado após a Inspiração do Alcorão. Este é o pior argumento e revela má fé. Pois apresentámos provas científicas irrefutáveis da autenticidade do texto actual do Evangelho, que é idêntico ao inspirado no passado, perante Muhammad. É a favor deste mesmo texto que o Alcorão testemunha.

O «Evangelho» de Barnabé

Muitas pessoas no Oriente acreditam no pseudo-evangelho de Barnabé. Este «evangelho» é uma paródia da vida do Messias, que infelizmente é aceite por muitos muçulmanos. Mas qualquer muçulmano digno desse nome só pode rejeitar este «evangelho» pela simples razão de que Jesus é aí apresentado não como o Messias, mas como o predecessor do Messias. De acordo com este falso «evangelho», Muhammad seria o Messias.

Aqui estão alguns excertos deste «evangelho»:

> «O sacerdote disse a Jesus: Levanta-te, Jesus, pois temos de saber quem és de ti. Pois está escrito no livro de Moisés que Deus nos enviará o Messias que nos informará da vontade de Deus. Por conseguinte, peço-vos que nos digais a verdade. Sois vós o Messias de Deus por quem esperamos? Jesus respondeu: É verdade que Deus nos prometeu isto, mas eu não sou o Messias, pois Ele foi criado antes de mim e virá depois de mim.» (Capítulo 96:1-5)
>
> Os capítulos 97, 13-17 também relatam:
>
> «Então o padre disse: 'E como se chamará o Messias?' Jesus respondeu: 'O nome do Messias é maravilhoso, pois o próprio Deus lhe deu um nome quando criou a sua alma e o colocou em êxtase celestial'. Deus disse: 'Espera, ó Muhammad! O seu nome abençoado é Muhammad'.»

Estes versículos estão em flagrante contradição com a inspiração divina no Evangelho e no Corão, ambos testemunhando que Jesus é verdadeiramente o Messias.

Além disso, Muhammad nunca afirmou ser o Messias, nem disse que Jesus não era. Ele nunca afirmou ter sido criado antes de Jesus. Os ensinamentos do Alcorão são contrários aos vulgares

[3]Estas conversas («Hadith» em árabe) são relatadas pelo erudito Bokhari.

enganos do «evangelho» de Barnabé e confirmam fortemente que Jesus é de facto o Messias de Deus.

O objectivo dos autores deste «evangelho» - que não esconde bem a mão sionista - era provocar uma separação entre cristãos e muçulmanos, aplicando o princípio de «dividir para reinar». Brincaram sobre o afecto dos muçulmanos por Muhammad, apresentando-o como maior do que Jesus. Os crentes superficiais caíram cegamente nesta armadilha, sem agarrar a raiz do problema. Não percebem que ao negar o messianismo de Jesus e ao atribuí-lo a Maomé, tornam-se uma contra testemunha da mensagem corânica a que afirmam pertencer.

O Alcorão fala de falsificação?

Os propagadores do rumor da falsificação da Bíblia, confiam em certos versículos do Alcorão. Esquecem-se que o Alcorão é uma testemunha da Bíblia. Mencionaremos alguns versículos do Alcorão a que os seguidores da falsificação se referem e demonstraremos que a intenção do Alcorão é denunciar aqueles que falsificam a **interpretação** dos versículos bíblicos. O Alcorão não se refere portanto aos versículos bíblicos mas sim à má fé dos intérpretes. O Alcorão diz:

> «Quereis agora, ó muçulmanos, que os judeus se tornem crentes por vossa causa? No entanto, alguns deles obedeceram à Palavra de Deus (*na Bíblia*), **mas mais tarde mudaram-na intencionalmente depois de a terem compreendido**.» (Alcorão 2; A Vaca,75)
>
> «Aqueles a quem demos o Livro (*Bíblia*), conhecem-no como conhecem os seus filhos. E alguns deles, **conscientemente, retêm a verdade**» (Alcorão 2; A Vaca,146)

Estes intérpretes mal intencionados alteraram **conscientemente** o significado dos versículos bíblicos «**depois de os terem compreendido**». Isto é uma falsificação na **interpretação** da palavra de Deus. Noutro lugar, o Alcorão também revela:

> «Alguns **deles torcem as palavras do Livro com as suas línguas** para fazer crer que o que dizem está no Livro, mas isto não faz parte do Livro. Dizem: 'Isto é de Alá'. Mas isto não é de Deus. Eles falam mentiras contra Deus quando sabem.» (Alcorão 3; Família de Imran,78)

Note-se que estas pessoas «torcem a língua», não falsificam textos bíblicos. Ao «torcerem as suas línguas», apresentam **falsas interpretações** - que lhes são convenientes - para fazer as pessoas acreditarem que o que dizem vem de Deus. «Mas isto não é de Deus».

Esta é a nossa interpretação dos versículos acima citados, versículos que algumas pessoas mal intencionadas querem «torcer» para difamar o Evangelho. O Alcorão acusa particularmente os judeus de terem recorrido a este tipo de prática:

> «Há alguns entre os judeus que distorcem o **significado** *das* palavras...» (Alcorão 4; Mulheres,46)

«Aqueles que desviam o significado das Palavras», desviam-nas do significado querido por Deus, apresentando uma falsa interpretação. O Alcorão diz mais sobre isto:

> «Eles (*os judeus*) violaram o pacto que fizeram, e Nós amaldiçoámo-los. Endurecemo-lhes o coração. **Eles desviam as Palavras das Escrituras**do seu lugar e esquecem algumas das coisas que lhes foram ensinadas». (Qurán V; a Mesa,- 13 e 15)

É evidente que o «desvio da Palavra» visa, aqui, falsas interpretações da Intenção divina.

Mas o Corão não é o único a denunciar os escribas judeus. No Antigo Testamento, o profeta Jeremias já se tinha rebelado contra eles pela mesma razão:

> «Como podeis dizer: Somos sábios, e temos a lei do Senhor! Verdadeiramente, a **caneta dos escribas transformou-a numa mentira**» (Jeremias 8:8)

É importante meditar sobre estas palavras inspiradas de Jeremias a fim de alcançar a intenção divina nelas revelada: desmascarar os escribas judeus que desfiguram a mensagem bíblica pelas suas falsas interpretações.

Demonstrámos que o texto bíblico é autêntico. O texto agora nas nossas mãos corresponde, portanto, perfeitamente ao texto conhecido antes do Messias. Este texto é confirmado pelos «Pergaminhos do Mar Morto». É este texto que o Messias e o Profeta Maomé conheceram. Não há falsificação nele; nenhuma mão humana pode falsificá-lo porque Deus, na Sua Sabedoria infinita, quer que todo este texto de Inspiração Divina chegue até nós. A razão disto é que Deus quer informar-nos do seu plano de salvação para toda a humanidade e da influência prejudicial do espírito sionista sobre os líderes e escribas judeus.

De facto, os escribas, ao transcreverem a Bíblia, acrescentaram, a favor do plano sionista, muitos textos falsamente atribuídos a Deus, como o Corão bem sublinhou. Estes textos ainda hoje podem ser encontrados na Bíblia. Deus, na Sua Sabedoria, permitiu-lhes permanecer ali para revelar a mão sionista que os introduziu para justificar, em nome de Deus, as tradições humanas, não desejadas por Deus. Estes versos são tantos parasitas facilmente detectáveis por qualquer homem sensato.

Jesus não deixou de denunciar estes escribas «hipócritas» e fariseus:

> «Por que transgredis o mandamento de Deus em nome da vossa tradição! **Cancelou** a Palavra de Deus em nome da sua tradição. Hipócritas! Isaías profetizou bem de vós, quando disse: este povo honra-Me com os seus lábios, mas os seus corações estão longe de Mim. Eles veneram-me em vão. As doutrinas que ensinam são apenas **preceitos humanos**» (Mateus 15:3-9)

Deve ser salientado, portanto, que a própria Bíblia nos convida a discernir entre a Inspiração Divina e a inspiração sionista nela encontrada. O crente não se deve distanciar da Bíblia devido a esta infiltração sionista. Pelo contrário, este estado de coisas deveria incitar corações fortes e valentes a escrutinar a Bíblia a fim de extrair os seus tesouros, apesar das armadilhas. Foi assim que Jeremias, Jesus e Muhammad agiram.

Além disso, o respeito do Profeta Maomé pela Bíblia é uma garantia adicional e suficiente para todos os muçulmanos que a desejem utilizar. Pois Deus diz-Lhe no Alcorão:

> «Dizei-lhes (*aos árabes que desprezavam a Bíblia*): Traz-me outro livro de Deus que seja um guia melhor que estes dois (*a Torá e o Evangelho*) e eu segui-lo-ei» (Alcorão 28; A Narrativa,49)

Que melhor testemunho a favor da Bíblia se pode pedir a este nobre profeta árabe? É evidente que, na mentalidade do Profeta do Islão, a Bíblia é bem inspirada por Deus. Gostaríamos de especificar: A Bíblia **no seu texto actual**, uma vez que é o mesmo texto que Muhammad conhecia.

No versículo citado acima, Deus faz de Maomé o Apóstolo, não só do Alcorão, mas também da Bíblia, sendo o Alcorão uma inspiração árabe da Bíblia. É por isso que Deus, no Alcorão, pede a Maomé que não exija que o povo da Bíblia o use como juiz, porque eles têm a palavra de Deus na Bíblia:

> «Mas como podem **tomar-te** como juiz quando têm a Bíblia com os mandamentos do Senhor.» (Alcorão 5; A Mesa,43)
>
> «Que o povo do Evangelho julgue pelo que Deus inspirou neles. Aqueles que não julgam pelo que Deus inspirou são infiéis» (Alcorão 5; A Mesa,47)

O Profeta Maomé convida todos os crentes árabes a seguir o caminho «daqueles que foram antes deles» na fé, judeus e cristãos **fiéis** amadurecidos pelas águas espirituais da Bíblia. O Alcorão diz:

> «Deus quer fazer-vos clara a sua vontade e guiar-vos no caminho daqueles que vieram antes de vós...» (Alcorão 4; Mulheres,26)
>
> «... Ó crentes (*árabes*) acreditam em Deus, no Seu Apóstolo (*Maomé*), no Livro (*o Alcorão*) que Ele lhe enviou, e no Livro (*Bíblia*) que Ele revelou antes. Quem não acredita em Deus e nos Seus Anjos e nos Seus **Livros** e nos Seus mensageiros e no Último Dia está em profunda perdição» (Alcorão 4; Mulheres,136)

Este é o mandamento do Alcorão: acreditar não só em Maomé e no Alcorão, mas também nas Escrituras inspiradas por Deus perante o Alcorão: a Torá e o Evangelho no seu texto actual. Todo o verdadeiro crente, judeu, cristão ou muçulmano, não pode deixar de acreditar na totalidade da Inspiração Bíblica-Corânica.

Que Deus Todo-Poderoso reúna os seus escolhidos, todos os corações sinceros, todos os homens de boa fé, em torno da sua Inspiração Única e indivisível, para que possam formar uma única unidade face aos poderes do mal que procuram fragmentá-los.

4.6 A vida do Profeta Maomé

Alguns orientalistas reprovam o Profeta Maomé pela multiplicidade das suas esposas e pelo grande número das suas guerras. Explicaremos as razões que justificam estes comportamentos que, para o nosso tempo, parecem inaceitáveis e incompatíveis com um profeta.

Os casamentos de Muhammad

Uma das reprovações diz respeito ao casamento de Muhammad com Zaynab, filha de Jahsh. Zaynab era a esposa de Zayd, o filho adoptivo de Muhammad. Após o seu divórcio, Muhammad teve de casar com ela. Os muçulmanos não fazem qualquer esforço para apresentar a melhor explicação para este casamento. A que daremos a seguir encaixa perfeitamente no carácter e integridade da vida do Profeta Maomé. De facto, algumas interpretações islâmicas oficiais deste casamento tiveram como resultado que os orientalistas - e muitos cristãos - se distanciassem do Alcorão e do Profeta Maomé. Os estudiosos muçulmanos interpretam-no da seguinte forma: «Após o casamento de Zaynab com Zayd, o olhar do Profeta parou em Zaynab e o amor por ela invadiu o seu coração».

Esta explicação não é certa nem definitiva: é o resultado de uma mentalidade particular dos intérpretes árabes da época. No entanto, a investigação no domínio da interpretação permanece em aberto. É conhecido no Islão como «Ijtihad», que significa «esforço», porque se trata de lutar, como prescreve o Alcorão, para procurar a melhor interpretação. Foi isso que fizemos e acreditamos tê-lo encontrado. Explicá-lo-emos mais tarde, após um breve relato da vida do Profeta.

Muhammad nasceu no ano 570 A.D. em Meca. Morreu a 8 de Junho de 632. O seu pai, Abdullah, morreu alguns meses antes de ele nascer e a sua mãe, Amena, morreu quando ele tinha cerca de cinco anos de idade. Órfão, foi acolhido pelo seu avô, Abd-El-Muttalleb. Morreu três anos depois, deixando-o aos cuidados do seu filho Abi-Taleb, tio paterno de Maomé, que o amava muito por causa da sua retidão. Abi-Taleb é o pai de Ali, o querido primo de Muhammad e seu fiel amigo para toda a vida. Ali casou mais tarde com Fátima, a filha amada de Muhammad. Abd-El-Muttalleb, avô de Muhammad, era um membro notável da família de Bani-Hashim da tribo Quraish de Meca. Teve dez filhos, incluindo Abdullah (o pai de Maomé), Abi-Taleb (o tio que o acolheu e adoptou-o), Hamza (que acreditava em Maomé), e Abu-Lahab (que lutou contra ele).

Aména, mãe de Maomé, era a irmã de Waraka-Ibn-Nofal, que já mencionámos. Esta última foi a prima de Khadija, a primeira mulher de Maomé. Muhammad passou a sua juventude em Makkah

e era conhecido pela sua integridade, castidade e retidão moral. Adorava a reclusão e a meditação e não partilhava com os outros a sua idade o gosto da vida mundana. O povo de Meca chamou-lhe «o mais honesto» (em árabe: «El Amine») por causa da sua fidelidade e honestidade. O seu amor pela oração e meditação levou-o frequentemente para as grutas nas montanhas acima de Meca. Aí fugia do tumulto da cidade para aprofundar a sua busca de espiritualidade.

Isto não o impediu, contudo, de participar na vida comercial de Meca. Estava encarregado das caravanas de mercadorias que transitaram entre o Iémen e a Síria. Muhammad era empregado pelo seu primo Khadija, a viúva de um rico comerciante de Meca, cujas caravanas conduzia para a Síria para o comércio. Ela foi atraída pela sua honestidade nas transacções e enviou Abi-Taleb (tio de Muhammad que a estava a acolher) para falar com ela sobre o casamento. Muhammad concordou. Tinha então 25 anos e Khadija tinha 40.

O casamento foi feliz até ao fim. Tiveram três rapazes que morreram na infância e quatro raparigas: Rokaya, Zeinab, Om-Kalthoum e Fátima, a amada de Muhammad.

Durante as suas muitas viagens à Síria, Maomé conheceu vários monges cristãos, incluindo o famoso monge Bohaira, com quem Maomé desenvolveu uma profunda amizade. Bohaira tinha admirado a alta moral de Maomé e falava-lhe frequentemente dos profetas e do Messias. Assim Deus já o estava a preparar, sem o seu conhecimento, para uma grande missão.

Quando a alma de Maomé amadureceu pela contemplação, aos quarenta anos de idade, o Céu manifestou-se a ele. O Anjo Gabriel apareceu-lhe enquanto estava sozinho numa caverna perto de Meca chamada «Harra». O Profeta (pbuh), quando a visão terminou, correu ansiosamente para Khadija, a sua esposa, e contou-lhe o facto. Estes versos podem ser encontrados no Alcorão 96; O Sangue coagulado,1-3. Aqui reproduzimos a história tal como relatada por Bokhari:

> «Gabriel veio ter comigo e disse: Leia (*a Bíblia*)! Respondi, não sei ler (*Muhammad era analfabeto*). O Anjo levou-me e cobriu-me até eu me acalmar, depois disse: Lê. Eu respondi: Não consigo ler. Ele levou-me e cobriu-me uma segunda vez até eu me acalmar e disse: Lê. Eu respondi: Não sei ler. E tomou-me, e cobriu-me pela terceira vez, e enviou-me, dizendo: Lê em nome do teu Deus que criou. Ele criou o homem a partir do sangue coagulado. Leia, pois Deus é generoso. E o profeta voltou com estas palavras gravadas no seu coração, tremendo no seu coração, a Khadija, filha de Khowaylid, e contou-lhe tudo o que tinha acontecido. Ele disse: 'Temia pela minha pessoa'.»

Esta foi a primeira visão de Muhammad. Ele tremeu como Moisés, Jeremias, Daniel e outros profetas tinham tremido perante ele. Khadijah decidiu ir com Muhammad para ver Waraka-Ibn-Nofal, o seu primo. Era cristão e transcreveu textos bíblicos. Waraka acalmou-o dizendo-lhe que isto correspondia à mensagem de Moisés, a mensagem bíblica. Bokhari relata a história desta forma:

> «Assim, Muhammad foi com Khadija para Waraka-Ibn-Nofal, que se tinha tornado velho e cego. Khadija disse-lhe: Primo, ouve o que o teu sobrinho (*Muhammad*) te quer dizer. Waraka disse-lhe: Meu sobrinho, o que é isso? O Profeta contou-lhe a sua visão. Waraka disse-lhe: É a Lei de Moisés que Deus lhe fez cair em cima. Oh, como posso continuar vivo para participar nesta missão? O que é que não posso viver quando o seu povo o nega? E o Profeta Maomé exclamou: Negar-me-ão eles? Ele respondeu: Sim, nenhum homem dá o que se veio dar, sem ter inimigos. E se me for concedido, apoiá-lo-ei até à sua vitória. Waraka morreu em breve.»

Assim, Waraka atestou a autenticidade da visão e certificou que a sua mensagem era bíblica. Portanto, a mensagem é uma só e a missão é a mesma. É importante que este facto seja notado.

A profecia de Waraka foi cumprida porque o povo de Makkah, cuja tribo principal é a tribo dos Quraish, lutou ferozmente contra o Profeta.

No início, e durante muito tempo, apenas um pequeno grupo acreditava em Muhammad. Khadija, a sua esposa, foi a primeira dos crentes. A nova religião que começava a surgir em Makkah alarmou os comerciantes de ídolos e os poderosos da cidade que cobravam impostos e lucravam com as peregrinações pagãs ali realizadas. A crença monoteísta representava um grande perigo para o seu comércio, poder e hegemonia. Tornaram-se assim inimigos jurados de Maomé e dos seus seguidores e perseguiram-nos severamente.

O Profeta (pbuh) suportou corajosamente o pesado fardo da sua missão e soube ser paciente mesmo que isso lhe custasse o seu dinheiro e o seu descanso. Recusou-se a pegar em armas contra os seus inimigos armados, abstendo-se mesmo de carregar uma espada em sua defesa. Aconselhou os seus seguidores a fugir de Meca e refugiar-se na Etiópia, um país cristão. Doze dos seus discípulos foram para o Negus, o imperador da Etiópia. Acolheu-os e concedeu-lhes o direito de refúgio, assegurando-lhes uma estadia pacífica.

Durante dez anos, Muhammad sofreu perseguição em Meca, pregando o monoteísmo lá em vão, tendo apenas um pequeno número de seguidores à sua volta. A oposição da tribo Quraish tornou-se violenta ao ponto de ameaçar as vidas de Maomé e dos seus seguidores. Houve mais do que um atentado contra a sua vida. Muhammad teve finalmente de se resignar a fugir de Meca e foi para Yathreb, mais tarde chamado «Al Madina», que em árabe significa «A Cidade», ou seja, a Cidade do Profeta.

Muhammad deixou Makkah em segredo durante a noite, tendo sido avisado de que estava a ser chocado contra ele uma conspiração para o matar. Nessa mesma noite, Ali, seu primo, substituiu-o na sua casa e até na sua cama para simular a sua presença, salvando assim a sua vida. Nesta cidade, muitos seguidores protegeram-no e apenas os judeus do Yathreb constituíam uma ameaça para ele.

Antes de fugir para Yathreb, dois acontecimentos dolorosos atingiram o Profeta (pbuh): a morte do seu tio Abi-Taleb, o protector do Profeta (pbuh), e a morte da sua amada esposa Khadija, uma companheira fiel na sua vida e missão. Ela foi o seu apoio espiritual, confirmou-o na sua fé e deu-lhe confiança em si próprio. O ano da morte destas duas pessoas queridas a Muhammad foi nomeado «O Ano da Mágoa».

O povo da tribo Quraish, liderado pelo notável Abi-Sifian, tentou subornar Muhammad. Delegaram uma comissão ao seu tio Abi-Taleb, pouco antes da sua morte, quando ele já estava na sua cama dœnte, para obter a sua intervenção com Muhammad. Ofereceram dinheiro, glória e até realeza a Maomé, na condição de renunciar ao monoteísmo. Disseram-lhe: «Se a sua intenção na pregação é dinheiro, nós dar-lhe-emos dinheiro. Recolheremos o nosso dinheiro para que você seja o mais rico entre nós. Se desejar honra, faremos de si o governante e nada será decidido sem o seu consentimento. Se quiseres o reino, faremos de ti o nosso rei; mas o único e único Deus não o fará»!

Ao ouvir estas palavras, o Profeta (pbuh) tornou-se ainda mais empenhado na sua missão e disse: «Por Deus, se me deres o sol à minha direita e a lua à minha esquerda para me fazeres renunciar a este assunto, não renunciarei a ele.» Com a morte do seu tio Abi-Taleb, que tentava moderar a tensão entre o povo de Quraish e Muhammad, a tensão estava no seu auge.

Pouco antes de ter fugido para «Yathreb», Muhammad experimentou o milagre da Viagem Mística narrada em Sura XVII, chamada «A Viagem da Noite». Este facto místico e histórico é muito importante na vida de Muhammad e dos seus discípulos; constitui um ponto de viragem na sua missão. Nessa noite, Muhammad estava na casa do seu primo Hind, a irmã de Ali, filho de Abi-Taleb. Ele viu o Anjo Gabriel vir ter com ele para o levar numa visão num cavalo chamado «Al Bouraq» (Relâmpago) ao Monte Sinai, onde Deus falou com Moisés. Depois levou-o para Belém, o local de nascimento do Messias, e depois para Jerusalém, para o local do Templo. De lá, criou-o para o Céu, depois trouxe-o de volta para Jerusalém, onde levou o seu cavalo de volta para o seu primo Hind. «A Viagem Nocturna» começa assim:

> «Louvado seja Aquele que trouxe o seu servo à noite do Santo Templo de Meca para o Templo longe de Jerusalém, cujos muros abençoámos para lhe mostrar as nossas maravilhas» (Alcorão 17; A Viagem nocturna,1)

O povo de Quraish recusou-se a acreditar nesta visão. Muitos dos seus próprios seguidores recusaram-se a acreditar nisso e desistiram de o seguir. Depois desta experiência, a animosidade em Makkah aumentou ainda mais e o isolamento do Profeta tornou-se quase total. A 24 de Setembro de 622, Muhammad decidiu fugir de Makkah para o Yathreb, «Al Medina». Este voo marca o início do calendário da Hijra (de hijra: partida, voo, emigração)

Após a sua partida, Muhammad levou várias esposas, não por amor às mulheres, como muitos orientalistas acreditam, mas para unificar as tribos árabes através do parentesco. A primeira esposa de Maomé, Sawda, foi viúva de um dos seus doze discípulos que partira para a Etiópia a pedido do Profeta para escapar à perseguição. Sawda já não era jovem e era a mãe de várias crianças. Muhammad casou com ela por gratidão, para a proteger e prover às crianças, pois ela e o marido tinham estado entre os seus primeiros discípulos.

Também casou com Aisha, a filha de um dos seus primeiros discípulos, Abu-Bakr, para reforçar os laços entre ele e este fiel amigo. Aisha tinha apenas sete anos, mas permaneceu durante dois anos na casa do seu pai, antes de se mudar para a casa do Profeta. Foi durante estes dois anos que ele casou com Sawda. Muhammad também casou com Hafsa, a filha de Omar Ibn-El-Khattab, o segundo dos quatro califas que lhe sucederam após a sua morte.

Na mesma preocupação de unificar as fileiras árabes, ele deu as suas filhas em casamento a homens escolhidos. Osman-Ibn-Affan, um dos seus discípulos fiéis que se tornou o terceiro dos Califas, casou com as suas filhas Rokaya e Om-Kalthoum. Ali, o seu primo, casou com Fátima, a sua querida filha. Ele deu a sua filha Zeinab em casamento com Khaled-Ibn-El-Walid, um dos oficiais inimigos que o tinha derrotado em Uhud, mas que mais tarde se tornou um crente. O próprio Muhammad, em troca, casou com a tia de Khaled, para fortalecer a comunidade dos primeiros crentes através do casamento. Muhammad também casou com duas mulheres mais velhas, Zaynab e Salma, porque eram viúvas de dois mártires que tinham caído nos combates.

Quanto ao casamento de Muhammad com Zaynab, filha de Jahsh, anteriormente esposa do seu filho adoptivo Zayd, os intérpretes muçulmanos, na nossa opinião, estão enganados ao apresentarem este facto como um laço de amor humano.

Citaremos aqui os versos do Alcorão sobre este assunto, acrescentando o comentário do «Jalalein», uma interpretação oficial e geralmente aceite, que desaprovamos. Depois apresentaremos a nossa interpretação que demonstra a nobreza da intenção do Profeta em casar com Zaynab. O Alcorão diz a este respeito:

> «Não é apropriado para um crente, nem para um crente seguir a sua própria escolha, se Deus e o seu apóstolo tiverem decidido de outra forma. Quem desobedecer a Deus e ao seu apóstolo está em erro manifesto.» (Alcorão 33; Os Confederados,36)

Interpretação da «Jalalein»:

Este verso foi inspirado em Abdallah-Ibn-Jahsh e na sua irmã Zaynab. O Profeta (pbuh) pretendia dar Zaynab como esposa ao seu filho adoptivo Zayd. Mas quando chegaram à casa do Profeta, Zaynab e Abdullah ficaram desiludidos quando souberam da intenção de Muhammad, acreditando que o próprio Muhammad queria casar com Zaynab e não a dar ao seu filho adoptivo. No entanto, submeteram-se ao julgamento do Profeta, depois deste versículo ter sido inspirado: «Quem desobedecer a Deus e ao seu apóstolo está em erro manifesto».

O Profeta (pbuh) deu Zaynab em casamento a Zayd, mas depois, os seus olhos fixaram-se nela e o seu coração explodiu de amor por ela. Zayd odiava-a. Ele disse ao Profeta: «Quero divorciar-me dela» Mas o Profeta disse: «Mantém a tua mulher contigo»

A nossa interpretação:

O Profeta Maomé não tinha um amor apaixonado por Zaynab. Foi por isso que ele recusou o divórcio de Zayd, especialmente porque o próprio Muhammad tinha convidado Zaynab e o seu irmão para a celebração do casamento de Zaynab com Zayd. Isto teve lugar apesar da objecção inicial de Zaynab e do seu irmão. Eles só aceitaram depois da inspiração do Profeta. Posteriormente, a intenção de Zayd de divorciar-se de Zayd envergonhou obviamente o Profeta e expôs Zaynab à desonra e infâmia. O povo teria dito: «O filho do Profeta repudiou-a». Isto foi para a ostracizar da sociedade, com o resultado de que havia animosidade entre o Profeta Maomé e o povo da família de Jahsh. Havia apenas uma saída antes de Muhammad: relutantemente casar com o próprio Zaynab para que as pessoas dissessem: «Muhammad casou com ela». Isto foi para a elevar em dignidade em vez de a baixar.

No entanto, Muhammad temia que a sociedade não compreendesse. Diz-se que muitos disseram que ele tomou como sua esposa a esposa do seu filho que tinha sido seduzido por ela. Foi por isso que ele insistiu que Zayd impedisse o divórcio. Se ele tivesse estado apaixonado por ela, teria apreciado e até desejado o divórcio.

Zayd era um escravo antes de conhecer Muhammad. Muhammad libertou-o antes de começar a sua missão, e Zayd acreditou mais tarde no Islão. Foi-lhe portanto concedida uma dupla graça: a da emancipação e a da fé. É por isso que Deus, depois do versículo 36, continua a dizer a Muhammad:

> «Dizes a este homem (*Zayd*), a quem Deus deu (*através do Islão*) e a quem tu deste (*libertando-o*): Guarda a tua mulher e teme a Deus; e esconde no teu coração o que Deus vê.» (Alcorão 33; Os Confederados,37)

Interpretação de «Jalalein»:

«Escondes no teu coração» o amor por Zaynab e a intenção de casar com ela se Zayd a levar embora.

A nossa interpretação:

O profeta não esconde no seu coração o seu amor por Zaynab, mas a sua preocupação, consciente da gravidade da situação. Ele percebe que, em caso de divórcio de Zayd, seria obrigado a casar com ela ele próprio, para não a desonrar. Além disso, as pessoas não compreenderiam a sua intenção profunda e interpretariam mal o seu gesto; pensariam também que ele casou com ela por amor, o que algumas pessoas ainda hoje pensam. É por isso que Deus instou Maomé a comportar-se de acordo com a sua própria consciência, independentemente do que as pessoas possam pensar: «E temeis os homens (*pois eles diriam que ele casou com a mulher do seu filho*). É mais Deus do que tu deves temer.» (Alcorão 33; Os Confederados,37).

Interpretação do «Jalalein» sobre este verso:

«Casa com ela então, e não te preocupes com as palavras dos homens»

A nossa interpretação:

O profeta deve agir sabiamente perante Deus, ignorando as palavras dos homens. Muhammad deve modelar o seu comportamento de acordo com o melhor, e não procurar formas de agradar aos homens, mesmo que eles o difamem dizendo que ele casou com Zaynab por paixão. O Profeta (pbuh) deve ter em conta o julgamento de Deus que conhece a sua intenção escondida: casar com Zaynab para evitar desonra para ele e evitar a discórdia entre árabes.

A nossa interpretação está em harmonia com toda a vida do Profeta, especialmente no que diz respeito às motivações nobres e profundas dos seus casamentos.

As principais batalhas do Profeta Maomé r

Em «Al Medina», a «Cidade do Profeta», a «Cidade da Luz», como mais tarde foi chamada, Muhammad teve vários discípulos, incluindo as duas tribos «Al Aws» e «Al Khazraj». Os seus inimigos eram apenas os judeus que se tinham aliado com os idólatras de Meca. É por isso que o Alcorão diz:

> «Verificará que os maiores inimigos dos que acreditaram são os judeus e os idólatras (*de Makkah*). Aqueles que mais amam os crentes (*no Alcorão*) são aqueles que dizem: Somos cristãos! É porque têm padres e monges livres de orgulho.» (Alcorão 5; A Mesa,82)

Depois de ter fugido para Al Medina, os judeus daquela cidade incitaram os idólatras de Meca a continuar a lutar contra Muhammad. O Profeta (pbuh) tinha, até então, recusado portar armas, mas esta perseguição obrigou-o a recorrer a elas em autodefesa. Ele teve de defender os seus seguidores, a primeira sociedade de crentes, e a sua própria vida contra os inimigos que atacavam Al-Madina. Os inimigos já tinham invadido as casas dos crentes em Meca e forçaram-nos ao exílio. O Alcorão alude a isto no verso seguinte:

> «Aqueles que foram injustamente expulsos **das suas casas** apenas por dizerem: 'Nosso Senhor é o único Deus'» (Alcorão 22; A Peregrinação,40)

Foi por isso que Muhammad julgou que era necessário defender-se em Al Medina. A autodefesa não é apenas um direito, mas também um dever. Deus, portanto, permitiu que o Profeta lutasse:

> «**Deus permitiu** àqueles que sofreram injustiça que lutassem contra os seus inimigos. Deus é capaz de lhes dar a vitória» (Alcorão 22; A Peregrinação,39)
>
> «Combatê-los até que não haja mais sedição e adorar a Deus na sua totalidade» (Alcorão 8; Os Despojos,39)

Antes de abordar o tema da luta, é importante salientar que Muhammad, de acordo com os versos corânicos citados, nunca tomou a iniciativa numa batalha, mas esteve sempre numa situação defensiva. Em determinadas circunstâncias, Muhammad foi acusado de tomar a iniciativa, mas era uma perseguição ao inimigo, uma luta que estava a terminar outra.

A invasão de Badr

Durante esta primeira batalha, os muçulmanos enfrentaram os idólatras da tribo Quraish de Meca, numerando apenas 300, e os idólatras da tribo Quraish de Meca, numerando 1000. Apesar do seu pequeno número, os muçulmanos triunfaram sobre os idólatras e foi uma grande alegria e um grande sinal para eles. Esta batalha teve lugar no segundo ano do Hegira.

A invasão de Uhud

Os idólatras da tribo Quraish de Meca, incitados pelos judeus de Al Medina, atacaram Muhammad em Uhud, um subúrbio de Al Medina. Os Quraishites, com uma aliança secreta com os judeus, foram liderados pelo chefe do exército, Khaled Ibn-El-Walid, que mais tarde se converteu ao Islão e casou com Zaynab, a filha de Maomé. Esta batalha terminou com a derrota dos muçulmanos e a morte de Hamza, o amado tio de Muhammad. Durante esta invasão, o Profeta tomou conhecimento da aliança secreta entre os judeus de Al Medina e os idólatras de Quraish e decidiu pôr fim ao poder judaico.

A invasão das «Trincheiras»

Esta invasão foi assim chamada porque foi cavada uma trincheira em redor de Al Medina para impedir que os Quraishites tivessem acesso a ela. Os judeus instaram novamente os idólatras de Meca a lutar contra os muçulmanos. Os Makkans cercaram assim Al Medina com uma força considerável de 10.000 homens. Muhammad tinha ao seu lado um ex-combatente persa, Salmane. Era um sábio soldado cristão em combate. Aconselhou Muhammad a cavar uma trincheira à volta de Al Medina e os cavalos da Meca não conseguiram invadir a cidade. Isto salvou Muhammad e o seu povo. Esta batalha teve lugar no ano V de Hegira (627 d.C.). Os Makkans acreditavam numa vitória fácil, mas estavam encalhados no deserto, com os alimentos a diminuir e o frio a congelar. Foram portanto obrigados a retirar-se.

A invasão de Bani-Qorayza

A invasão da aldeia judaica de Bani-Qorayza seguiu-se à invasão das Fossas. Entretanto, Muhammad tinha descoberto a conspiração judaica contra ele e o seu papel decisivo na invasão das trincheiras. Muhammad decidiu persegui-los. Os judeus tinham fugido para a aldeia de Bani-Qorayza, onde ele os atacou e destruiu. Os sobreviventes fizeram o seu último refúgio na Península Arábica, uma fortaleza judaica na cidade de Khaybar. Foi aqui que teve lugar a batalha final de Muhammad contra os judeus.

Após as invasões das Fossas e Bani-Qorayza, as fundações do Islão na Península Arábica foram consolidadas e Muhammad viveu uma época de paz. Os árabes começaram a temê-lo e procuraram estabelecer laços pacíficos com ele.

O Pacto de Hudaybiyya

Seis anos após o Profeta e os seus seguidores terem deixado Makkah, eles queriam regressar em peregrinação. O Profeta conduziu uma marcha pacífica até Makkah. Pararam num lugar à volta de Makkah chamado Hudaybiyya. O povo de Quraish negou aos muçulmanos permissão para entrar em Makkah como peregrinos. Realizaram-se conversações que resultaram no «Pacto de Hudaybiyya», sob o qual foi proclamada uma trégua de dez anos. Este pacto permitiu aos muçulmanos fazer uma peregrinação a Makkah no ano seguinte por um período de apenas três dias.

Os peregrinos e Muhammad regressaram a Al Medina três semanas mais tarde. O pacto de Hudaybiyya permitiu a Muhammad espalhar a sua mensagem pela Península Arábica e ajudou a manifestar a face pacífica do Islão. Muitos árabes abraçaram a religião monoteísta e juntaram-se ao Profeta. Nessa altura, o grande oficial Khaled-Ibn-El-Walid, que se tinha convertido ao Islão, casou com Zeinab, a filha do Profeta, após ter lutado contra os Mulsumans em Uhud. Em troca, Muhammad casou com Maymouna, tia de Khaled, consolidando assim a unidade entre eles.

Os Emissários de Muhammad aos Reis

À medida que a situação na Península Arábica se acalmava, Maomé enviou enviados com uma carta aos principais reis, pedindo-lhes que aderissem à fé Mulsumana e à sua mensagem. Os reis solicitados foram Heracles, o rei bizantino, Xerxes, o rei persa, o Negus «Ahmassa» da Etiópia e, finalmente, o chefe da comunidade copta no Egipto. No Capítulo VI, reproduzimos o conteúdo da carta enviada ao rei Heracles.

A invasão de Khaybar

Sendo a paz generalizada na Península Arábica, antes de Muhammad só restava uma ameaça vinda dos judeus entrincheirados em Khaybar. Um mês após o pacto de Hudaybiyya, o próprio Muhammad saiu à frente de um exército muçulmano e cercou a cidade e a fortaleza. Os muçulmanos lutaram corajosamente sem medo da morte e triunfaram após uma dura e feroz batalha. Era o 7º ano da Hegira, 629 d.C.

Dez anos após a Hegira, a luz do Islão tinha-se espalhado por toda a Península Arábica onde muçulmanos e cristãos viviam em paz. Muhammad fez uma entrada triunfante e pacífica em Meca sem encontrar qualquer resistência. Ele entrou no «Quâba» e destruiu os seus ídolos. Em seguida, pronunciou estas palavras:

> «Diga: A verdade chegou e a falsidade é vencida! Pois a falsidade está destinada a ser vencida» (Alcorão 17; A Viagem nocturna,81)

Muhammad perdoou generosamente os seus inimigos - abi Sifian e todos aqueles que tinham liderado a resistência contra ele - e não procurou vingança.

Este nobre profeta morreu no 11º ano do Hegira, o ano 632 d.C., em Al Medina, onde se encontra agora a sua tumba.

5. Os principais pontos de encontro entre o Alcorão e o Evangelho

O grande ponto de acordo entre a Bíblia e o Alcorão é a revelação do Deus Único, o Criador do Universo. Além disso, o principal testemunho do Alcorão a favor do Evangelho é a confirmação de que Jesus é verdadeiramente o Messias. Se o Alcorão não tivesse atestado esta verdade fundamental do evangelho, não teria sido sincero nem verdadeiro. Foi particularmente este testemunho que confundiu os judeus, suscitando o seu ódio contra Maomé, especialmente porque o Alcorão se apresenta como uma confirmação de toda a mensagem evangélica. Agora, o Evangelho é um livro proibido por judeus, ateus e gentios.

Se o Alcorão tivesse declarado que Jesus não era o Messias, os judeus não teriam lutado contra Maomé, e isto teria justificado a sua expectativa de um Messias sionista conhecido no Evangelho como o Anticristo. Abordaremos este assunto falando sobre o Messias.

Os principais pontos de encontro entre o Alcorão e o Evangelho são os seguintes:

1. O Messias.
2. A Virgem Maria.
3. A Mesa Celestial.
4. O Espírito (Santo).

5.1 O Messias

A primeira e grande verdade revelada pelo Alcorão aos árabes é a existência de um só Deus.

A segunda verdade fundamental é que Jesus é verdadeiramente o Messias enviado por Deus e anunciado pelos profetas do Antigo Testamento. Como já foi mencionado, foi a revelação desta verdade pelo Alcorão que enfureceu os judeus e os impediu de apoiar o Alcorão. Pois ao reconhecerem o Alcorão, deveriam ter renunciado à expectativa de um Messias sionista.

Aqui estão os versículos corânicos que confirmam que **Jesus é o Messias, o Profeta** de Deus, **a Palavra de** Deus e **o Espírito de** Deus:

> «Ó Maria: Deus traz-vos a boa nova de uma Palavra d'Ele: O seu nome é **o Messias** Jesus Filho de Maria.» (Alcorão 3; Família de Imran,45)
>
> «... e porque eles (*os judeus*) disseram: Matámos **o Messias**, Jesus, filho de Maria, **o Profeta** de Deus...» (Alcorão 4; Mulheres,157)
>
> «**O Messias, Jesus**, Filho de Maria é **o Profeta** de Deus, a **Sua Palavra** que Ele lançou em Maria, um **Espírito** que emana d'Ele.» (Alcorão 4; Mulheres,171)
>
> «Diz: Quem poderia ficar contra Deus se destruísse **o Messias, o filho de Maria**, e a sua mãe...» (Alcorão 5; A Mesa,17)

Se os judeus aceitassem o messianismo de Jesus, já não esperariam o seu Messias sionista e, portanto, teriam de renunciar ao sionismo e ao Estado de Israel que encarna os ideais sionistas. Os judeus rejeitaram Jesus como Messias no passado e continuam a fazê-lo porque Ele condena o estabelecimento de uma entidade política em nome do judaísmo. São João relata no seu Evangelho que Jesus, vendo as multidões a correr para Ele para O proclamar rei de Israel, fugiu para a montanha sozinho (João 6:14-15). Jesus ensinou novamente que o reino de Deus estava dentro do homem (Lucas 17:20-21), não fora no mundo político como os judeus e tantos outros ainda hoje acreditam.

Doze séculos antes de Jesus, Gideon, um líder militar, também tinha recusado a realeza que lhe era oferecida pelos judeus:

> «Os homens de Israel disseram a Gideon, 'Reina sobre nós, tu, o teu filho e o teu neto, uma vez que nos salvaste da mão de Midian'. Mas Gideon disse-lhes: 'Não reinarei sobre vós, nem o meu filho, porque **Deus é o vosso rei**.'» (Juízes 8:22-23)

Posteriormente, o Profeta Samuel anunciou a rejeição de Deus de um reino israelita (1 Samuel 8). Mas os judeus há muito que aspiravam a um império sionista através de um reino israelita na Palestina. Ignoraram os mandamentos de Deus e a Sua vontade proclamada pelo Profeta Samuel (1 Samuel 8:19).

Ao recusar o estabelecimento de um reino israelita, o Messias revela o propósito espiritual e não político da religião judaica e de toda a religião. Isto não exclui o exercício da actividade política por parte dos crentes. Pelo contrário, é preferível que os crentes tomem as rédeas do poder, a fim de realizar reformas sociais e morais ao serviço da sociedade. Mas politizar o espiritual criando, em nome da religião, um novo Estado, como alguns judeus, cristãos e muçulmanos querem, é contrário ao plano de Deus. Pois Deus é para os crentes, mas o Estado é para todos, crentes e não crentes, e como diz o Alcorão:

> «**Nenhuma compulsão na religião**.»(Alcorão 2; A Vaca,256)

Tal Revelação deveria ter sido escrita em letras douradas.

A fé em Jesus como Messias é o ápice do ensino do Evangelho:

> «Ninguém pode dizer: 'Jesus é o Senhor' (*isto é, Ele é o Messias*), excepto pelo Espírito Santo» (1 Coríntios 12:3)
>
> «Quem crê que Jesus é o Messias, nasce de Deus» (1 João 5:1)

O próprio Jesus tinha dito aos judeus que estavam a conspirar contra Ele:

> «Se não acreditas que eu sou (*o Messias*), morrerás nos teus pecados» (João 8:24)

Há outro verso do Alcorão que testemunha Jesus como o Messias esperado:

> «Eles tomaram os seus mestres (*os Rabinos judeus*) e os seus monges (*os cristãos*) e o Messias, o filho de Maria, como senhores em vez de Deus. Mas foi-lhes ordenado que adorassem apenas um Deus. Não há outro Deus senão ele»! (Alcorão 9; Arrependimento,31)

Este versículo, que testemunha que Jesus, o «Filho de Maria» é o Messias, é muitas vezes mal interpretado por alguns que o vêem como uma negação da divindade do Messias. Esta não é a intenção do Corão, que é apresentada como confirmando a inspiração do Evangelho (Alcorão 4; Mulheres,47). (Ver capítulo «Os pontos de discórdia», parte 3: «A Divindade do Messias»). Não devemos, portanto, tomar como Senhor e Deus o Filho de Maria NO LUGAR de Deus, mas como Deus encarnado anunciado por profecia bíblica. Caso contrário, adorar-se-iam dois deuses independentes um do outro: Deus, por um lado, e o Messias, por outro, quando «lhes foi ordenado que adorassem apenas um Deus». Note-se que a palavra «lords» é colocada no plural indicando politeísmo. Esta subtileza não é percebida por todos os intérpretes do Alcorão que não se deram ao trabalho de interpretar por «o melhor dos argumentos» como o Alcorão prescreve no capítulo XXIX; A Aranha,46.

Por outro lado, a Inspiração do Evangelho adverte-nos contra o aparecimento do falso messias sionista chamado o Anticristo por São João:

> «Ouviram dizer que um Anticristo tem de vir... **Aquele que nega que Jesus é o Cristo**, aí vem o Anticristo» (1 João 2:18-22)

Sabemos que os judeus negam que Jesus é o Messias, especialmente os sionistas.

O que podemos concluir destas palavras evangélicas? Tiramos duas conclusões:

1. Muhammad, ao reconhecer Jesus como Messias é inspirado pelo Espírito Santo e «nasceu de Deus».
2. Todos aqueles que negam que Jesus é o Messias, ou seja, os judeus que O rejeitam e esperam outro Messias, juntos formam a pessoa moral do Anticristo. Em suma, o Estado de Israel moderno encarna os poderes do Anticristo.

A Inspiração do Evangelho revela que o próprio Jesus irá aniquilar o Anticristo quando este aparecer. Segundo S. Paulo, a vinda do Messias será precedida pelo aparecimento do «Homem Profano», o «Inimigo», a quem o Messias, Jesus, aniquilará pelo esplendor da sua vinda (2 Tessalonicenses 2:3-12). A impiedade anunciada por S. Paulo é o comportamento profano e racista dos sionistas, sendo Deus universal, não racista. O «Homem Maligno», o «Filho da Perdição» e «o Inimigo» de quem São Paulo fala, é o homem sionista, cuja conduta não agrada a Deus e o torna «inimigo de todos os homens», como explica Paulo (1 Tessalonicenses 2:15).

No passado, os judeus sionistas trabalharam em segredo sob o Império Romano para fundar o Estado de Israel. Foram impedidos de o fazer pelos romanos. Agora, com a emergência deste estado, eles são capazes de trabalhar abertamente e com mais poder do que antes para alargar a sua influência. Hoje, este poder anticristo está armado por aliados que afirmam ser seguidores de Jesus. Nisto reside o engano e a traição do fim dos tempos anunciados pelo evangelho (Mateus 24).

O Profeta Maomé falou nas suas «Nobres Discussões» sobre o aparecimento desta força ímpia, dizendo que o Anticristo terá inscrito na sua testa, três letras «**K. F. R**.». Estas letras em árabe formam a palavra «Kufr», que significa impiedade ou blasfémia. Ele até especificou que esta força do mal emanava dos judeus. Na Inspiração do Evangelho, encontramos estas mesmas blasfémias inscritas na cabeça da «Besta» apocalíptica:

1. Foi dado a esta besta «para proferir palavras de orgulho e blasfémia» (Apocalipse 13:5)
2. «Vi... uma besta escarlate, coberta de títulos blasfémicos... na sua testa estava escrito um nome: MISTÉRIO» (Apocalipse 17:1-5) Ver o texto: «A Chave do Apocalipse».

O Profeta Maomé, confirmando São Paulo, também enfatizou nas suas «Nobres Discussões» que quando o Anticristo aparecer, Jesus e os seus escolhidos levantar-se-ão para o combater e destruir. Os discípulos de Jesus hoje, de acordo com a intenção da Inspiração divina e da profecia, não são os cristãos tradicionais que colaboram e apoiam Israel. Este apoio «cristão» culpado a Israel também foi profetizado, porque, segundo o Evangelho, o enganador Anticristo conseguirá seduzir os falsos seguidores de Jesus (Mateus 24). Hoje, os verdadeiros crentes são aqueles que têm sede de justiça, que carregam o fardo da iniquidade sionista, resistindo a Israel e ao sionismo internacional.

Segundo as profecias evangélicas e as do Profeta Maomé, o Estado de Israel desaparecerá para sempre. A sua queda será o símbolo da falência do Sionismo e de qualquer mentalidade materialista equivalente. Através deste acontecimento, muitos perceberão que Jesus é verdadeiramente o Messias e que o Seu Reino está para sempre estabelecido na terra, de acordo com o anúncio dos profetas.

5.2 A Virgem Maria

O Alcorão contém os versos mais belos sobre a Virgem Maria. Coloca a Mãe do Messias no cume mais alto da santidade humana:

> «Os anjos disseram: Ó Maria! Deus escolheu-te: Ele purificou-te, Ele escolheu-te entre todas as mulheres do universo.» (Alcorão 3; Família de Imran,42)

Este testemunho condena os judeus que, como revela o Corão, inventaram calúnias atrozes contra Maria (Alcorão 4; Mulheres,155). Deus, na Inspiração Corânica, atesta o que inspirou no Evangelho sobre Maria:

> «Bendita és tu entre as mulheres» (Lucas 1:42)

O Corão também revela a pureza excepcional de Maria e da sua Imaculada Conceição, bem como a de Jesus. Nos dois versículos seguintes, a esposa de Imran, ou seja, a mãe de Maria (a família de Imran são os pais de Maria) reza dizendo:

> «Senhor, dediquei-Te o fruto do meu ventre: aceitai-O, porque Vós ouvis e sabeis todas as coisas. E quando ela deu à luz, disse: Senhor, dei à luz uma filha e dei-lhe o nome de Mariam (*Maria*), e coloquei-a a ela e à sua descendência (*Jesus*) sob a Tua protecção, para que Tu os preservasses das artimanhas de Satanás.» (Alcorão 3; Família de Imran,35-36)

Deus ouviu a oração da mãe de Maria e concedeu-lhe o seu desejo: só Maria e Jesus foram protegidos do diabo, como Muhammad relata nas suas «Nobres Discussões»:

> «Nenhum homem nasce sem que o diabo o alcance desde o nascimento e ele grita por causa deste ataque satânico (*a mancha do pecado original*), **excepto Maria e o seu filho**»

Este versículo das «Nobres Discussões» é relatado na interpretação do «Jalalein» do versículo 35 da Sura da Família de Imran; é um hadith relatado por Abi Houraira, ver http://www.el-ilm.net/t1333-maryam-bint-imran. É também relatado de uma forma ligeiramente modificada por Al Bokhari, ver «L'authentique tradition musulmane, choix de hadiths», Fasquelle, p. 48.

Estas palavras, aceites por todo o mundo muçulmano, são um reconhecimento da Imaculada Conceição de Maria.

Com estas palavras, o Profeta Maomé ensina-nos que todo o homem, incluindo os Profetas e ele próprio, nasce com este defeito, excepto a Imaculada Maria e, claro, o seu Filho, o Messias.

5.3 A Mesa Celestial

O Alcorão revela-nos que Deus enviou do Céu uma «Mesa» que serviu para alimentar os Apóstolos de Jesus. Este alimento celestial é um ponto comum entre a Bíblia e o Alcorão, um ponto ignorado pela grande maioria dos crentes. É a comunhão com o Corpo e Sangue do Messias, a mesa espiritual de Deus. De facto, o Corão relata pedagogicamente, numa forma pictórica e condensada, a última Refeição Pascal que Jesus partilhou com os seus Apóstolos e durante a qual Ele instituiu a Refeição espiritual pelo seu Corpo e Sangue. Este facto é relatado de forma subtil no Corão, respeitando a ignorância do mundo árabe sobre a mensagem do Evangelho na altura:

> «Os apóstolos disseram: Ó Jesus, filho de Maria, pode o teu Senhor fazer descer **do céu** uma mesa*para* nós? Ele disse: Temei a Alá se sois crentes. Disseram: Queremos comer dela e ter o coração à vontade, saber que Tu nos disseste a verdade, e ser **testemunhas** dela (*testemunhas da Mesa*). Jesus, o filho de Maria, disse: Ó Deus nosso Senhor! envia **do céu uma Mesa** (*de comida*) para nós: será para nós uma festa - para o **primeiro e o último de** nós - e um Sinal de Ti: e mantém-nos (*alimentados*), Tu, o melhor daqueles que

> nos alimentam. Deus disse: 'Trago-o até **vós**'. Quem, portanto, entre vós, não acreditar depois disto, far-lhe-ei sofrer um sofrimento que ainda não fiz sofrer nenhum homem em todos os mundos.» (Alcorão 5; A Mesa,112-115)

O que é esta Mesa (servida) descendente do Céu? É importante conhecer a sua verdadeira natureza, uma vez que os Apóstolos se comprometeram a «ser testemunhas» do mesmo. Além disso, este testemunho deve durar até ao último crente na Terra, uma vez que Jesus reivindica esta Mesa de Deus para que ela possa ser «uma festa para o primeiro e o **último de** nós». Então Deus derrubou-a, ameaçando os descrentes com os castigos mais duros.

Alguns intérpretes vêem esta Tabela como um alimento material constituído por peixe ou carne. Confundem assim entre o milagre **material** da multiplicação de pães e peixes realizada por Jesus e relatada pelo Evangelho (João 6), e o milagre da Refeição **Espiritual**, o da Mesa Espiritual «que desce **do céu**», como afirma o Alcorão.

O Evangelho relata no capítulo 6 de S. João as palavras do Messias sobre esta refeição espiritual de importância vital. Ele tinha dito que «a sua carne e sangue» era um alimento e bebida espiritual que dava «vida eterna» aos crentes. Muitos dos Seus discípulos, ouvindo estas palavras, acharam-nas «demasiado fortes» e afastaram-se d'Ele (João 6:48-66). Ainda hoje, muitos «crentes» ainda recusam estas palavras e se perguntam «como pode este homem dar-nos a sua carne para comer?» (João 6:52).

Os judeus, após séculos de preparação, não conseguiram compreender Jesus. Muitos dos chamados cristãos, ainda hoje, não compreendem o significado profundo das suas palavras. Como podemos então explicar esta Refeição Espiritual, esta Mesa servida, aos árabes da Península Arábica que nada sabiam sobre a Bíblia? O Alcorão teve de apresentar a mensagem bíblica através de insinuações e parábolas, a fim de despertar uma curiosidade santa nos árabes amantes da verdade, levando-os a procurar o significado profundo desta mensagem no Evangelho. Aí encontrarão a plenitude da luz relativa ao mistério da mesa corânica que desce do céu. Como já dissemos, muitos acham este facto difícil de acreditar; é uma questão de «acreditar ou não acreditar! É pegar ou largar». Todos têm uma responsabilidade.

Alguns intérpretes afirmam que esta Mesa servida ainda não foi enviada por Deus. Isto não corresponde às palavras do Alcorão: «Deus diz: 'Trago-o **sobre vós**'». Portanto, Deus já o enviou aos Apóstolos no passado, ameaçando mesmo os incrédulos com um sofrimento sem paralelo. Além disso, Jesus pediu a Deus que o fizesse cair sobre os Apóstolos para que «o primeiro e o último» dos crentes pudesse dar testemunho disso. Assim, os primeiros Apóstolos já tinham participado nela. Deve permanecer até ao fim dos tempos, para que os últimos crentes na terra possam dar testemunho disso.

O Messias deu aos Apóstolos este «conjunto de mesa» que desce do céu. É este «Pão da vida que desce do céu» (João 6:32-36). Jesus deu este Pão do Céu um ano depois de ter falado sobre ele. Aconteceu durante a última Refeição Pascal que Ele comeu com os Seus Apóstolos quando, tomando pão, lhes deu a dizer:

> «Tomai e comei. Este é o meu corpo que é entregue por vós... Depois, tomando um copo, Ele apresentou-lhes, dizendo: Bebam de todos eles; este é o meu Sangue, o Sangue da Nova Aliança, que é derramado por vós e por muitos para a remissão dos pecados.» (Mateus 26:26-29)

Foi então que os Apóstolos, e os crentes depois deles, compreenderam como o Messias se lhes deu a si próprio para comida e bebida. A Refeição, a Mesa servida, que o Messias vivo oferece ao «primeiro e último» crente é o Espírito Santo. O Espírito Santo habita nos corações dos crentes através do Pão que comem e do Vinho que bebem, que contêm o Corpo, o Sangue e a Alma do Messias eternamente vivo.

Esta bebida celestial é a mencionada no Alcorão no capítulo Os Fraudes: aqueles que bebem este vinho raro são os puros, os escolhidos de Deus, e aqueles que se recusam a bebê-lo são os condenados. O Alcorão revela, de facto:

> «Os puros são felizes, deitados nas suas camas e observando tudo à sua volta. O brilho da felicidade pode ser visto nos seus rostos. **São bebidos de um vinho selado**, o seu selo é de almíscar, e é aí que os concorrentes devem competir. A sua mistura é a água de Tasnîm, uma fonte celestial da qual bebem aqueles que estão **próximos de Deus**. Os criminosos (*aqueles que se recusam a beber*) ridicularizavam aqueles que acreditavam (*neste vinho selado*)». (Alcorão 83; Os Fraudsters,22-29)

O Corão, ao oferecer aos crentes de uma forma poética e harmoniosa, este misterioso «**Vinho Selado**», testemunha a favor das palavras de Jesus no Evangelho de João sobre o «**Pão Selado**» também, o alimento selado por Deus, que desce do Céu, nomeadamente o próprio Jesus, «pois é Aquele que o Pai, Deus, **marcou** (*selado*) com o Seu **selo**» (João 6:27). Esta comida celestial encontra-se no Pão e Vinho que são generosamente servidos na Mesa Celestial de Deus que continuamente desce do Céu.

Recordemos o que Jesus diz no capítulo sobre a Mesa (servido):

> «Ó Deus nosso Senhor, trazei do céu uma Mesa (*servida*) para nós, um banquete para o primeiro e o último de nós, e um sinal de Ti.» (Alcorão 5; A Mesa,114)

Isto significa que a Mesa que desceu não foi apenas para os Apóstolos; ela continua a descer todos os dias, e em todos os lugares, para ser uma festa «para o primeiro e o **último**», portanto para os crentes em todos os lugares até ao dia da Ressurreição, e testemunhará eternamente perante Deus para aqueles que testemunharam por ela na terra.

A Mesa servida e este divino Vinho selado com almíscar que desce do Céu, têm o propósito de separar a humanidade em duas: por um lado os escolhidos de Deus, aqueles que se alimentam desta Mesa, e por outro os condenados que se recusam a alimentar-se dela e escarnecem daqueles que nela acreditam.

Finalmente, um facto da maior importância é que o Alcorão divino encoraja os crentes a **competir** por esta misteriosa bebida que desce do céu (Alcorão 83; Os Fraudsters,26). É totalmente diferente das bebidas alcoólicas do mundo abaixo. Que todos aqueles que recusam este divino Vinho, se armem, portanto, com Sabedoria. Que aqueles que zombam dos crentes que se apressam em «competição», se controlem antes que seja tarde demais para eles.

5.4 O Espírito

O mundo islâmico tem apenas uma vaga noção de «Espírito». Esta palavra repete-se frequentemente no Alcorão sem que a sua essência seja clarificada. Isto leva os crentes a perguntarem-se o que significa exactamente esta palavra. Encontramos no capítulo XVII, A Viagem Nocturna,85:

> «Perguntam-lhe sobre o Espírito. Diz: 'O Espírito é do meu Senhor'. E recebeu (*no Alcorão*) poucos conhecimentos.» (Alcorão 17; A Viagem nocturna,85)

É segundo a sabedoria divina que o Alcorão esconde dos muçulmanos o que o Espírito é. Deus queria que o Seu Alcorão fosse uma porta aberta e uma passagem para a Bíblia, especialmente para o Evangelho, tal como Ele queria que o Alcorão fosse um testemunho que atestasse a veracidade da Revelação Bíblica, como explicado anteriormente.

No Alcorão, a questão do Espírito é semelhante à da «Mesa» que Deus trouxe do Céu para baixo sobre os Apóstolos. O crente só pode compreender o significado desta questão através da Bíblia.

De facto, o próprio Alcorão encoraja o crente a consultar a Bíblia e o povo da Bíblia. Lemos no capítulo «Jonas»:

> «Se então tu (*Maomé*) estás em dúvida quanto ao que te enviámos, **então pergunta àqueles que antes de ti leram o Livro** (*do*Apocalipse): na verdade a Verdade veio a ti do teu Senhor, por isso não tenhas dúvidas.» (Qurán X; Jonah,- 94)

O Alcorão aparece assim como uma passagem para a Bíblia. Ali, os crentes encontrarão o esclarecimento do que foi parcialmente revelado no Alcorão. O Alcorão, de facto, afirma claramente que oferece aos árabes, ignorantes na altura, apenas**parte** da ciência, ou mesmo «pequena ciência», cujo complemento se encontra na Bíblia:

> «Recebeu (*no Alcorão*) **pouca ciência**» (Alcorão 17; A Viagem nocturna,85)

Aqueles que denigrem a Bíblia pertencem aos «cépticos» (Alcorão 10; Jonas,94). Mas o crente que quer estar aberto a toda a Revelação divina encontrará no Apocalipse bíblico a resposta para o significado da palavra «Espírito»: é o Espírito Santo de Deus, o próprio Deus que enviou o seu Espírito eterno aos profetas desde Abraão, e depois encarnou no ventre da Virgem Maria como Deus revelado na Bíblia e no Alcorão.

O Evangelho relata, de facto:

> «. . . Maria disse ao anjo: 'Como será, visto que não conheço nenhum homem?' E o anjo disse-lhe: '**O Espírito Santo** virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te ofuscará; por isso o Santo que há-de nascer será chamado Filho de Deus.» (Lucas 1:34-35)

Da mesma forma, lemos no Alcorão:

> «O Messias filho de Maria é o Enviado de Deus e a Sua Palavra lançada em Maria e um **Espírito que emana d'Ele**» (Alcorão 4; Mulheres,171)

Por outro lado, quando os enviados do Profeta Maomé apareceram perante o Negus para explicar os ensinamentos do Profeta, Jaafar-Ibn-Abi-Taleb respondeu que Jesus «é o Servo de Deus, seu Enviado, seu **Espírito** e sua Palavra lançados na Virgem Maria».

6. Convite à Reflexão

Este último capítulo convida o leitor a reflectir sobre dois pontos:

1. Carta de convite à fé de Maomé, dirigida ao imperador Heracles.
2. O acolhimento reservado pelo Negus da Etiópia aos muçulmanos que vieram refugiar-se na sua casa após a sua fuga de Meca.

6.1 A carta a Heracles

Aqui está a tradução desta carta:

> «Em nome do Deus misericordioso... De Muhammad, servo de Deus, a Heracles, o Grande Rei dos Bizantinos, saudações àqueles que seguem a direcção certa. Agora convido-o a receber a mensagem do Islão. Aceita o Islão, serás salvo e Deus dar-te-á **uma recompensa dupla**. Se se recusar, a **impiedade dos Arianos** recairá sobre si. Ó Povo do Livro, vinde, discutamos e concordemos que adoramos um só Deus sem associar mais nada com Ele, e sem proclamar entre nós senhores à parte de Deus. Se estiver de acordo, diga: Testemunhem que somos muçulmanos.»

Há dois pontos nesta carta que nos interessam:

A dupla recompensa..

O Profeta Maomé garante a Heracles uma «dupla recompensa» de Deus se acreditar na sua Mensagem. O Profeta repete aqui esta **dupla recompensa** prometida por Deus aos cristãos que tinham proclamado a sua fé no Islão ao dizerem:

> «Éramos muçulmanos antes d'Ele (*o Alcorão*)». Deus responde às suas palavras no Alcorão: «Eles receberão uma **recompensa dupla**» (Alcorão 28; A Narrativa,53-54)

A primeira recompensa vem da sua fé no Messias e no Evangelho, a segunda da sua fé no Corão que testemunha a favor da Bíblia e do Evangelho.

Qual deve ser a atitude dos cristãos de hoje que acreditam no Evangelho e no Corão? Segundo o Profeta Maomé - e ao contrário da opinião de muitos muçulmanos tradicionais - eles não devem renunciar a qualquer ensinamento evangélico, Maomé apenas lhes pediu que dissessem: «Somos muçulmanos» (*isto é, sujeitos a Deus*). De acordo com o relato Sura, citado acima, estes **já eram muçulmanos**, sujeitos a Deus, antes do Alcorão.

Quando o Negus etíope, juntamente com os patriarcas coptas, ouviram pela primeira vez a mensagem muçulmana, os patriarcas exclamaram: «Mas estas palavras vêm da mesma fonte que as palavras de nosso Senhor Jesus, o Messias»!

Do mesmo modo, o Corão testemunha que o Islão pré-existiu à revelação do Corão:

> «*Quando* Jesus viu a incredulidade deles, gritou: Quem me ajudará em nome de Deus? Os apóstolos responderam: Nós somos por Deus. Temos acreditado em Deus. Testemunha de que **somos muçulmanos** (*submisso*).» (Alcorão 3; Família de Imran,52)

E Deus diz noutro verso:

> «Eu disse aos Apóstolos..: Creiam em Mim e no meu Enviado (*Jesus*), e eles disseram: Cremos! Testemunha de que **somos muçulmanos**.» (Alcorão 5; A Mesa,111)

Assim, no conceito corânico, os Apóstolos de Jesus já eram muçulmanos antes do Islão, e qualquer pessoa que acredite que Jesus é o Messias já é muçulmano, «sujeitos» a Deus pela aceitação do Evangelho.

Após a vinda do Profeta Maomé confirmar o Evangelho, aqueles que negam Maomé negam o Evangelho e aqueles que acreditam em Maomé testemunham com ele a autenticidade do Evangelho e obtêm uma «dupla recompensa». Da mesma forma, o muçulmano que acredita no Alcorão e em Maomé, se ele se submeter também ao Evangelho - no seu texto actual - ele testemunha-o com o Alcorão. Mas se ele negar o Evangelho, deixa de ser muçulmano. Torna-se assim uma falsa testemunha do Evangelho e do Alcorão e a impiedade dos Arianos chega até ele.

A impiedade dos Arianos

O segundo ponto de interesse nesta carta é a menção da «**impiedade ariana**», conhecida no Ocidente como «Arianismo». O arianismo apareceu em Alexandria no século III d.C. Um padre cristão chamado Arius negou a divindade do Messias e teve muitos discípulos conhecidos como arianos (não confundir com a raça ariana). O Conselho de Nicéia (Turquia), realizado em 325 d.C., condenou o arianismo. Esta heresia, bem conhecida na história do cristianismo, persistiu muito depois do Concílio de Nicéia. Espalhou-se no Oriente até ao tempo do Profeta Maomé, e mesmo depois. Estas más consequências ainda existem hoje em dia. Os intérpretes muçulmanos, que ainda ignoram o verdadeiro significado do arianismo, são incapazes de dar uma explicação exacta, e desfiguram a intenção de Muhammad.

Ao mencionar esta impiedade, Muhammad testemunha uma sabedoria e inteligência que atinge qualquer mente sábia. Pois o Profeta certifica assim, a partir da sua origem árabe e desértica, que as decisões do Conselho de Nicéia, condenando o arianismo, são justificadas e que as aprova plenamente. Ora, esta impiedade foi a **negação da divindade de Jesus e da Santíssima Trindade**. Não será isto um reconhecimento implícito por parte de Maomé destas duas verdades divinas?

6.2 O Refúgio dos Muçulmanos na Etiópia

Os primeiros discípulos de Muhammad refugiaram-se na Etiópia em dois grupos sucessivos. Quando o primeiro grupo chegou à Etiópia, a tribo Bani-Quraish de Meca, o feroz inimigo de Muhammad, enviou dois mensageiros, Amru Ibn-El-Ass - que mais tarde se tornou muçulmano - e Abdallah Ibn-Abi-Rabiah, seguindo-os, com dons preciosos para oferecer aos negros «Ahmassa», exigindo a extradição dos refugiados muçulmanos. Acusaram-nos de serem maliciosos, de terem abandonado a religião do seu povo e de se oporem à religião dos negros. Eles tinham, segundo eles, inventado uma religião desconhecida, ao contrário da dos Negus e dos Árabes.

O Negus recusou-se a entregar os refugiados até os ouvir. Um deles, Jaafar Ibn-Abi-Taleb, falou na presença dos líderes religiosos negros e etíopes:

«Ó Rei, éramos um povo ignorante que adorava ídolos até que Deus enviou um dos nossos como Profeta cuja origem, honestidade e fidelidade conhecemos. Ele convidou-nos a acreditar e a adorar o Deus Único»

O Negus respondeu: «Pode ler-nos um texto escrito por este homem em nome de Deus»?

Jaafar disse: «Sim» e recitou-lhe o capítulo inteiro do Alcorão de Maria até ao verso onde Jesus diz:

> «A paz está sobre Mim no dia em que nasço, e no dia em que morro, e no dia em que ressuscito» (Alcorão 19; Maria,33)

Quando os patriarcas ouviram estes versos, disseram: «Mas estas palavras vêm da mesma fonte que as palavras de nosso Senhor Jesus, o Messias»

E o Negus confirma isto dizendo aos dois mensageiros: «As palavras deste povo e as palavras de Moisés vêm da mesma fonte. Saiam daqui! Em nome de Deus, não vos trairei estas pessoas»

Mas os dois mensageiros não desistiram dos seus planos. Eles voltaram para dizer ao Negus: «Os muçulmanos estão a dizer coisas más sobre Jesus, Filho de Maria. Manda-os chamar e pergunta-lhes sobre isso» Quando chegaram ao Negus, Jaafar disse: «Dizemos o que o nosso Profeta nos ensinou: Jesus é o Servo de Deus, o seu Enviado, o seu Espírito e a sua Palavra enviada à Virgem Maria». Estes muçulmanos tinham compreendido que só Jesus era o Espírito e a Palavra de Deus.

Quando o Negus ouviu isto, pegou num pau e desenhou uma linha no chão dizendo: «Entre a vossa religião e a nossa, não há mais do que esta linha».

Se o Negus tivesse conhecido pessoalmente Muhammad e ouvido os seus ensinamentos da sua própria boca, e se os dois mensageiros de Meca não tivessem envenenado a atmosfera, o Negus certamente não teria traçado esta linha entre os crentes. O Profeta Maomé nunca imaginou nem quis uma tal linha divisória. Se ele próprio não tivesse sido o Profeta, teria sido inspirado a contar ao povo do Livro:

> «O nosso Deus e o vosso Deus é Um» (Alcorão 29; A Aranha,46)

Onde está esta linha na mentalidade de Muhammad? Simplesmente não existe.

É agora tempo de cada crente maduro na fé ultrapassar as linhas e obstáculos artificiais erguidos durante séculos pelo fanatismo humano. Chegou o momento de o crente encontrar e abraçar o seu irmão crente.

Não há mais judeus, não há mais cristãos, não há mais muçulmanos. Somos todos judeus, somos todos cristãos e somos todos muçulmanos, desde que vamos além da letra e abraçamos o Espírito de Deus depois de descobrir a Sua verdadeira intenção na Sua revelação bíblica-corânica. «Julguemos por nós mesmos o que é certo» como recomenda o Messias (Lucas 12:57). Esta é a «via recta» do Alcorão (Alcorão 1; Fatiha,6).

Tenhamos a coragem de ser crentes independentes!

6.3 Conclusão

Porque chamei a este livro «Um Olhar Fiel ao Alcorão»?

A razão é simples: aos olhos dos homens, eu sou cristão e, na sua opinião, um cristão não acredita no Alcorão. No entanto, o meu cristianismo é mais fiel ao Islão do que muitos muçulmanos. O Corão e o seu digno Profeta Maomé testemunham a meu favor e concedem-me **um salário duplo**.

O Alcorão e a Bíblia não são monopólio de ninguém. O Alcorão é uma Inspiração Divina dirigida a todos aqueles que amam a Vida Espiritual e aspiram a sublimar os seus pensamentos a fim de se sentarem com o Criador na Sua companhia e viverem eternamente com o Seu Sopro e Espírito que dá vida.

Eu acredito em Deus, em Abraão, em Jesus, o Messias de Deus, e em Maomé, o Profeta de Deus. Eu sou um crente independente. Não sou nem judeu, nem cristão, nem muçulmano. No entanto, sou judeu, cristão e muçulmano, todos ao mesmo tempo. Pois acredito que existem apenas duas comunidades: a comunidade dos crentes abençoados e a comunidade dos fanáticos banidos, pertencentes a todos os povos, nações e religiões.

Por conseguinte, concluo o meu testemunho com este luminoso versículo do Alcorão de Sura 3; Família de Imran,199:

> «Há entre o povo do Livro» - do qual eu sou um - «pessoas que acreditam em Deus, no que **vos foi revelado** (*Alcorão*), **e no que lhes foi revelado** (*Bíblia*). Humildes perante

Deus, não venderam os Sinais de Deus a um preço baixo. Estes têm a sua recompensa com o seu Senhor» (Alcorão 3; Família de Imran,199)

Pierre (13.10.1984 / Revisto em 23.02.2008)

Copyright © 2026 - Pierre2.net - Todos os direitos reservados.